



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE

JANDIRA CRAVO BARBALHO NETA

A NASALIDADE EM JOGO: ESTRATÉGIAS PARA DEPREENDER DIFERENÇAS
ENTRE A ESCRITA E A ORALIDADE ATRAVÉS DO JOGO BATALHA NASAL

SÃO CRISTÓVÃO

2018

JANDIRA CRAVO BARBALHO NETA

A NASALIDADE EM JOGO: ESTRATÉGIAS PARA DEPREENDER DIFERENÇAS
ENTRE A ESCRITA E A ORALIDADE ATRAVÉS DO JOGO BATALHA NASAL

Relatório de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras em Rede, da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial à obtenção título de mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e Letramento

Linha de pesquisa: Teoria da Linguagem e Ensino

Orientadora: Profa. Dra. Vanessa Gonzaga Nunes

SÃO CRISTÓVÃO

2018

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

B228n Barbalho Neta, Jandira Cravo
A nasalidade em jogo: estratégias para depreender diferenças entre a escrita e a oralidade através do jogo batalha nasal / Jandira Cravo Barbalho Neta; orientadora Vanessa Gonzaga Nunes.— São Cristóvão, SE, 2018.
128 f. : il.

Relatório (mestrado profissional em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, 2018.

1. Escrita. 2. Oralidade. 3. Língua portuguesa - Nasalidade. 4. Jogos educativos. I. Nunes, Vanessa Gonzaga, orient. II. Título.

CDU 808.1

AGRADECIMENTO

Após um período de dois anos de estudos, pesquisas e de muita entrega, chegou o momento de agradecer.

Agradeço em primeiro lugar a Deus por me guiar e iluminar, por me fazer uma pessoa sonhadora e feliz.

À minha mãe, Alcina que tem o coração mais bonito do mundo, por sempre acreditar que posso realizar meus sonhos, por me cobrir de amor, por ser minha luz, meu coração.

A meu pai, Claudino, por me ensinar que a bondade e a humildade fazem o ser humano ser bem melhor, por ser o melhor pai que eu poderia ter.

A Henrique, meu amor, por viver comigo as agonias e alegrias desse mestrado. Por de forma especial e carinhosa, apoiar-me nos momentos de dificuldades. Obrigada por cuidar de mim.

Às minhas irmãs, Jandilma e Jandiclaudia, por serem amigas e acreditar sempre em mim.

Aos meus sobrinhos, Giovanni, Rebeca, Victória e Lucas, por deixarem essa caminhada mais alegre e bagunçada.

À tia Adja, minha guerreira, por me ensinar a ser uma professora humana, por me ensinar que a vida é para ser vivida, e, principalmente, por me fazer acreditar na força de viver.

Aos meus alunos do Colégio Estadual Poeta José Sampaio e do Colégio Nossa Senhora de Fátima por viverem comigo essa aventura do saber. Obrigada, vocês são demais!!

Aos meus colegas de mestrado que viveram comigo essa engenhosidade do saber, por todos os momentos compartilhados, por todas as tardes recheadas de “dedinho de Iaiá” e café de Ângela. Vocês são muito especiais.

Finalmente, à minha orientadora Vanessa Gonzaga Nunes, por ser sempre tão querida, por me apresentar tão lindamente o mundo da Fonética e da Fonologia, por me ensinar ao ouvir a palavra, por acreditar em mim. Obrigada, Vanessa.

A NASALIDADE EM JOGO: ESTRATÉGIAS PARA DEPREENDER DIFERENÇAS ENTRE A ESCRITA E A ORALIDADE ATRAVÉS DO JOGO BATALHA NASAL

RESUMO

Este relatório de pesquisa teve como ponto de partida o estudo de uma interferência da fala na escrita, marcada pela presença de nasalização no texto de alunos do 7º do Ensino Fundamental II. A nasalização é um processo fonológico próprio da fala, e não da escrita. Mas, observou-se nos textos dos alunos a presença de palavras em que se inseria uma consoante nasal em contextos que implicam em erro e colaboram com a defasagem da escrita. Para além, apurou-se que a regra do ‘m’ diante de ‘p’ e ‘b’ ainda não estava consolidada e os alunos demonstraram que não desenvolveram consciência fonológica sobre os pontos de articulação de tais contextos, o que possivelmente diminuiria a incidência de erros. A metodologia usada durante esse processo foi a de pesquisa-ação, de abordagem quantitativa, de natureza interpretativa. As concepções de Scliar-Cabral (2003), Cristófar-Silva (2007), Câmara Jr (2008), Cagliari (2009), Bagno (2007) Bisol (2013), Abaurre (2013), Moraes (2013), Bortoni-Ricardo (2013) e Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2015) constituíram o referencial teórico. Após atestar os contextos mais propícios para a ocorrência de nasalização na escrita dos alunos, desenvolvemos o jogo *Batalha Nasal*, um jogo de ação com perguntas sobre *Linguagens, Cultura Sergipana e Entretenimento*, desenvolvido para ser usado como objeto de aprendizagem e ser replicado por outros professores. Os resultados apontam que, a utilização do jogo como recurso didático colabora efetivamente com a redução dos desvios de escrita observados aqui.

Palavras-chave: Escrita. Oralidade. Nasalização. Consciência fonológica. Jogos didáticos

A NASALIDADE EM JOGO: ESTRATÉGIAS PARA DEPREENDER DIFERENÇAS ENTRE A ESCRITA E A ORALIDADE ATRAVÉS DO JOGO BATALHA NASAL

ABSTRACT

This research report had as its starting point the study of an interference of the speech in the writing, marked by the presence of nasalization in the text of students of the 7th of Elementary School II. Nasalization is a phonological process proper to speech, not writing. But in the students' texts the presence of words in which a nasal consonant was inserted in contexts that imply error and collaborate with the lag of writing. In addition, it was found that the 'm' rule for 'p' and 'b' was not yet consolidated and the students demonstrated that they did not develop phonological awareness on the articulation points of such contexts, which would possibly reduce the incidence of errors. The methodology used during this process was that of action research, of quantitative approach, of an interpretive nature. The conceptions of Scliar-Cabral (2003), Cristófar-Silva (2007), Camera Jr (2008), Cagliari (2009), Bagno (2007) Bisol (2013), Abaurre (2013), Moraes (2013), Bortoni-Ricardo (2013) and Seara, Nunes and Lazzarotto-Volcão (2015) constituted the theoretical reference. After attesting the most favorable contexts for the occurrence of nasalization in students' writing, we developed the game Nasal Battle, an action game with questions on Languages, Sergipe Culture and Entertainment, developed to be used as an object of learning and be replicated by other teachers. The results indicate that, the use of the game as a didactic resource effectively collaborates with the reduction of the writing deviations observed here.

Keywords: Writing. Orality. Nasalization. Phonological awareness. Educational games

Lista de Figuras, Gráficos e Quadros

Figuras

Figura 1: Exemplo de nasalização na escrita dos alunos.....	16
Figura 2: Exemplo de desvio da regra do m antes de p e b.....	16
Figura 3: Esquema sobre níveis de consciência fonológica.....	21
Figura 4: Posição do véu do palatino na produção da vogal nasal.....	28
Figura 5: Imagens da 1ª questão da Atividade de Sondagem 1.....	43
Figura 6: Elementos da carta de pergunta.....	54
Figura 7: Carta de Linguagem.....	55
Figura 8: Carta de Cultura Sergipana.....	56
Figura 9: Carta de Entretenimento.....	56
Figura 10: Carta de Ajuda	57
Figura 11: Primeira versão do tabuleiro do jogo.....	58
Figura 12: Versão final do tabuleiro do jogo.....	58
Figura 13: Esquema da sequência de ações das partidas.....	60
Figura 14: Número de acertos para a soletração da palavra igreja.....	69
Figura 15: Imagem usada na questão 32 do jogo.....	79
Figura 16: Imagem usada na questão 36 do jogo.....	79
Figura 17: Imagem da 1ª questão do teste de saída.....	99

Gráficos

Gráfico 1: Dados das respostas dos alunos para a palavra sobancelha na Atividade de Sondagem 2.....	45
Gráfico 2: Dados das respostas dos alunos para a palavra mortadela na Atividade de Sondagem 2.....	46
Gráfico 3: Dados das respostas dos alunos para a palavra igreja na Atividade de Sondagem 2.....	47
Gráfico 4: Percentual de acertos na 2ª questão da Atividade de Sondagem 2.....	48
Gráfico 5: Percentual de erros na 2ª questão da Atividade de Sondagem 2.....	48
Gráfico 6: Número de acertos e erros para a grafia da palavra desigualar.....	49
Gráfico 7: Número de acertos e erros para a grafia da palavra irracional.....	49
Gráfico 8: Número de acertos e erros para a grafia da palavra encantado.....	50
Gráfico 9: Número de acertos e erros para a grafia da palavra infinito.....	50

Gráfico 10: Número de acertos e erros para a pergunta 1 do jogo	65
Gráfico 11: Número de acertos e erros para a pergunta 2 do jogo	66
Gráfico 12: Número de acertos e erros para a pergunta 7 do jogo	67
Gráfico 13: Número de acertos e erros para a pergunta 8 do jogo	68
Gráfico 14: Número de acertos e erros para a pergunta 10 do jogo	70
Gráfico 15: Número de acertos e erros para a pergunta 11 do jogo	70
Gráfico 16: Número de acertos e erros para a pergunta 12 do jogo	71
Gráfico 17: Número de acertos e erros para a pergunta 13 do jogo	72
Gráfico 18: Número de acertos e erros para a pergunta 14 do jogo	73
Gráfico 19: Número de acertos e erros para a pergunta 15 do jogo	74
Gráfico 20: Número de acertos e erros para a pergunta 16 do jogo	75
Gráfico 21: Número de acertos e erros para a pergunta 17 do jogo	76
Gráfico 22: Número de acertos e erros para a pergunta 18 do jogo	77
Gráfico 23: Número de acertos e erros para a pergunta 19 do jogo	77
Gráfico 24: Número de acertos e erros para a pergunta 27 do jogo	78
Gráfico 25: Número de acertos e erros para a pergunta 32 do jogo	79
Gráfico 26: Número de acertos e erros para a pergunta 36 do jogo	79
Gráfico 27: Número de acertos e erros para a pergunta 49 do jogo	80
Gráfico 28: Número de acertos e erros para a pergunta 50 do jogo	81
Gráfico 29: Número de acertos e erros para a pergunta 20 do jogo	82
Gráfico 30: Número de acertos e erros para a pergunta 22 do jogo	82
Gráfico 31: Número de acertos e erros para a pergunta 29 do jogo	83
Gráfico 32: Número de acertos e erros para a pergunta 31 do jogo	84
Gráfico 33: Número de acertos e erros para a pergunta 34 do jogo	85
Gráfico 34: Número de acertos e erros para a pergunta 35 do jogo	85
Gráfico 35: Número de acertos e erros para a pergunta 38 do jogo	86
Gráfico 36: Número de acertos e erros para a pergunta 40 do jogo	87
Gráfico 37: Número de acertos e erros para a pergunta 41 do jogo	87
Gráfico 38: Número de acertos e erros para a pergunta 42 do jogo	88
Gráfico 39: Número de acertos e erros para a pergunta 21 do jogo	89
Gráfico 40: Número de acertos e erros para a pergunta 23 do jogo	90
Gráfico 41: Número de acertos e erros para a pergunta 24 do jogo	90
Gráfico 42: Número de acertos e erros para a pergunta 25 do jogo	91

Gráfico 43: Número de acertos e erros para a pergunta 28 do jogo	92
Gráfico 44: Número de acertos e erros para a pergunta 30 do jogo	92
Gráfico 45: Número de acertos e erros para a pergunta 33 do jogo	93
Gráfico 46: Número de acertos e erros para a pergunta 37 do jogo	94
Gráfico 47: Número de acertos e erros para a pergunta 43 do jogo	95
Gráfico 48: Número de acertos e erros para a pergunta 44 do jogo	95
Gráfico 49: Número de acertos e erros para a pergunta 45 do jogo	96
Gráfico 50: Número de acertos e erros para a pergunta 46 do jogo	96
Gráfico 51: Número de acertos e erros para a pergunta 47 do jogo	97
Gráfico 52: Número de acertos e erros para a pergunta 48 do jogo	98
Gráfico 53: Número de acertos e erros para a palavra bombeira no teste de saída	99
Gráfico 54: Número de acertos e erros para a palavra cantora no teste de saída	99
Gráfico 55: Percentual de acertos e erros da regra do m antes de p e b no teste de saída.	100
Gráfico 56: Percentual de acertos e erros da palavra caminhoneiro no teste de saída.	100
Gráfico 57: Percentual de acertos e erros da palavra cozinheiro no jogo.....	101
Gráfico 58: Percentual de acertos e erros da palavra cozinheiro no teste de saída.	101
Gráfico 59: Número de acertos na questão 2 do teste de saída	102
Gráfico 60: Número de erros na questão 2 do teste de saída	102
Gráfico 61: Número de acertos e erros na questão 3 do teste de saída	103
Gráfico 62: Número de acertos e erros na questão 4 do teste de saída	104
Gráfico 63: Número de acertos e erros na questão 5 do teste de saída	105
Gráfico 64: Número de acertos e erros na questão 6 do teste de saída	105

Quadros

Quadro 1: Classificação dos erros na Atividade de Sondagem 1.....	42
Quadro 2: Pistas da questão 3 da Atividade de Sondagem 2.....	49
Quadro 3: Respostas dos alunos para a questão 26 do jogo.....	91

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 FUNDAMETAÇÃO TEÓRICA.....	19
1.1 Fonética e Fonologia	19
1.2 Consciência Fonológica	21
1.3 Variação Linguística	22
1.3.1 A variação linguística nos documentos oficiais e as implicações das discussões sobre preconceito linguístico.	24
1.4 Oralidade e Escrita	25
1.5 Nasais	27
1.5.1 A concepção de nasais no português brasileiro	27
1.5.2 O processo de nasalização nos diversos falares.....	29
1.5.3 Estudos de nasais no Nordeste	31
1.5.4 A presença de nasais nos textos dos alunos	33
1.5.4.1 O contexto de ocorrência de nasalidade nos textos dos alunos	33
1.5.4.2 A regra do m antes do p e b	36
2 METODOLOGIA.....	38
2.1 Método de pesquisa	38
2.2 Procedimentos de coleta de dados	39
2.3 Sujeitos e local da pesquisa	40
2.4 Atividade de sondagem 1	40
2.4.1 Aplicação da Atividade de sondagem 1	41
2.4.2 Resultados da aplicação da Atividade de sondagem 1	41
2.5 Atividade de sondagem 2	42
2.5.1 Resultados da aplicação da Atividade de sondagem 2.....	45

2.6 Criação do jogo Batalha Nasal	51
2.6.1 Descrição	52
2.6.2 Estrutura física do jogo	53
2.6.3 Ideia geral sobre o jogo.....	53
2.6.4 Critérios para criação das cartas do jogo	54
2.6.5 O tabuleiro do jogo	57
2.7 Aplicação do jogo.....	58
3 RESULTADOS.....	62
3.1 Análise das respostas da categoria linguagem	64
3.1.1 Análise das perguntas sobre nasalização.....	64
3.1.2 Análise das perguntas sobre vogais e consoantes nasais.....	81
3.1.3 Análise das perguntas sobre o uso da regra do m antes de p e b.....	88
3.2 Teste de saída	98
3.3 Considerações finais	106
REFERÊNCIAS	108
APÊNDICE.....	111
APÊNDICE A: Atividade de Sondagem I	111
APÊNDICE B: Atividade de Sondagem II.....	112
APÊNDICE C: Teste de Saída	113
APÊNDICE D: Ficha de acompanhamento do jogo	114
APÊNDICE E: Tutorial do jogo Batalha Nasal.....	115
APÊNDICE F: Manual do jogo.....	128

INTRODUÇÃO

Reduzir problemas de defasagem de escrita é um dos desafios do ensino da língua portuguesa. Visto que espera-se que a escola prepare alunos para que saibam escrever corretamente.

A preocupação com a escrita correta faz com que, muitas vezes, o professor priorize um ensino que contempla apenas o uso da norma padrão. Ao priorizar apenas um aspecto da língua, acaba colocando de lado a variedade linguística que o aluno utiliza para tirar uma dúvida, para apresentar seu ponto de vista acerca de um assunto da aula e, principalmente, para manter suas interações sociais. Dessa forma, a relação fala e escrita, dentro do contexto da sala de aula, vai se distanciando cada vez mais.

É claro que a gramática tem uma função sociocognitiva relevante, desde que entendida como uma ferramenta que permite uma melhor atuação comunicativa, nos lembra Marcuschi (200, p.57). Mas dentro desse contexto é preciso considerar as possibilidades de variação da língua.

“A língua é, por excelência, uma instituição social e, portanto, ao se proceder a seu estudo, é indispensável que se leve em conta variáveis extralinguísticas – socioeconômicas e históricas – que lhe condicionam a evolução e explicam em parte, sua dialetação regional e social”, afirma Bortoni- Ricardo (2015, p. 31).

Se o ensino não levar em consideração os aspectos sociolinguísticos da língua, então, como explicar ao aluno que fala e escreve ‘inzame’ e ‘cunzinha’ que essas palavras são uma variação da língua usada por ele e que da forma como estão escritas apresentam erro de grafia? Como ajudá-lo a perceber que há diferenças entre fala e escrita e que, por isso, muitas vezes, falamos de um jeito, mas escrevemos de outro?

Estas perguntas só poderão ser respondidas, se forem consideradas as diversas situações de comunicação, formais e informais, às quais estão diretamente expostos todos os falantes de uma língua. Não é possível categorizar os desvios de regras gramaticais como um mero erro sem antes analisar as situações em que isso ocorre. Quando se reconhece o que faz com que os alunos errem fica mais fácil para o professor lançar estratégias que minimizem essa situação.

O estudo das variações linguísticas tem espaço nas escolas, mas essa prática, muitas vezes não estabelece relação com os mais variados usos linguísticos presentes no contexto social do aluno.

Na verdade, ainda prevalece nas aulas de português uma prática de ensino que classifica a variação linguística como sinônimo da fala daqueles que têm pouca ‘instrução’ ou ainda uma proposta pedagógica que utiliza a variação linguística como pretexto para ensinar os desvios da norma-padrão da língua.

Esta prática alimenta o preconceito linguístico e inibe o uso efetivo da língua, uma vez que o aluno não reconhece seu falar neste modelo de ensino. Prova disso, é a recorrência do uso de expressões como “eu não sei falar direito” numa reflexão comparativa que o aluno faz entre sua variedade dialetal e o uso normativo da língua. Um dos motivos dessa falta de reconhecimento ainda é a distância que ocorre entre o ensino da língua oral e a escrita na escola.

O professor deverá estar atento ainda à variedade de seu aluno, particularmente no que diz respeito à morfologia verbal: a distância entre o oral e o escrito será muitas vezes muito grande, cabendo explicações específicas, uma vez que a regra não detalha todas as realizações possíveis. Lembre-se de que, embora o sistema escrito seja um só para todo o território brasileiro, a diversidade impera na fala. (SCLIAR-CABRAL 2003, p.124)

Dentro desse contexto, é importante fazer uma ressalva. Nem todo erro de escrita que é motivado pela interferência da fala é influenciado pela variação linguísticas do falante. Há outros contextos em que essa interferência também implica em erro.

Um exemplo é a segmentação gráfica, que consiste na ação de emendar na escrita as palavras conforme são pronunciadas, como acontece com ‘derepente’ > ‘de repente’, em vez de escrevê-las separadamente.

Koch e Elias (2017, p.28) dizem que essa segmentação é feita com base nos vocábulos fonológicos ou aquilo que a criança aprende como tal, ou seja, em vez de escrever palavras distintas, ela emenda os vocábulos, conforme a maneira como são pronunciados.

Sabemos que oralidade e escrita fazem uso do mesmo sistema linguístico e apresentam características próprias que nos impedem de afirmar que uma é a representação da outra ou que a oralidade está para a informalidade enquanto a escrita estaria para o uso da norma-padrão.

Sociolinguístas como Bagno (2007) e Bortoni-Ricardo (2015) têm sugerido modelos de ensino do Português Brasileiro (doravante PB) que priorizam os mais diferentes jeitos de conceber o idioma.

Segundo Bortoni-Ricardo, dois aspectos da sociolinguística colaboram para o estudo da língua: a *competência comunicativa*, que considera que um ato de fala é adequado se atende ao contexto em que é produzido e se leva em conta as expectativas do ouvinte, e a noção de *aceitabilidade coletiva*, que ajuda a atender como as sociedades elegem uma determinada variedade linguística como a mais correta.

É no ambiente escolar que o aluno vai perceber que nem sempre (ou quase nunca) escrevemos como falamos. Logo no início da alfabetização, o aluno é conduzido a perceber que no português brasileiro não temos necessariamente a relação de um som (fonema) para uma letra. O mesmo som, ou seja, um mesmo fonema pode ser grafado por letras distintas como é caso de [s] nas palavras ‘saco’ e ‘cebola’, sendo assim, as letras, por sua vez, nem sempre têm uma relação biunívoca com os fonemas. Uma mesma letra, por exemplo, pode representar sons distintos, que é o que acontece com as palavras ‘taxi’ e ‘exame’, nas quais a letra ‘x’ tem respectivamente o som de [ks] e [z].

Marcuschi (2001, p.4) diz que “é a escola que separa a fala da escrita e que dá a cada uma o seu lugar. A escola põe a escrita no quadro, fixa-a em normas, distingue-a da fala, tornando-a autônoma, objetivada e naturalizada”.

Aos poucos, o aluno deve perceber que o mundo da fala é distinto do da escrita. Que o primeiro pode ou não ser estigmatizado, como na produção das palavras ‘*cunzinha*’ e *ingual*, e, que o segundo trata de um acordo que impõe limites e que vai categorizar os mesmos exemplos como erros de ortografia.

As palavras supracitadas fazem parte do repertório linguístico de falantes de algumas regiões brasileiras e podem ser também exemplos de variação fonética-fonológica, que tendem a denotar preconceito social face a um discurso mais cuidado.

Segundo Bagno (2007, p.143) as palavras que apresentam variação fonético-fonológica, “fazem parte de um conjunto de traços chamado de *traços descontínuos*, que são precisamente aqueles fenômenos linguísticos que sofrem a maior carga de discriminação e preconceito”.

Vimos, então, que desde o processo de letramento, o aluno já se depara com as dificuldades de depreender informações da fala que sejam relevantes para a elaboração

do texto escrito e que a fala pode ser ao mesmo tempo um facilitador e um entrave para a grafia.

Foi tentando entender esse universo, onde fala e escrita se unem, que este projeto de pesquisa nasceu e foi na realidade da sala de aula que ele se concretizou.

A oportunidade de ser professora em uma escola da rede pública que fica no interior do Estado de Sergipe, o Colégio Estadual Poeta José Sampaio, permitiu que no contanto frequente com os alunos durante as aulas e também nos intervalos, fossem percebidas situações de fala marcadas pela presença de nasalização, como ocorre, por exemplo no uso da palavra ‘ingual em vez de igual, e mais adiante, pode-se perceber que exemplos como este se repetiam na escrita dos alunos.

Compreendendo que professora e alunos fazem parte de uma comunidade de fala que é amplamente marcada pela presença de variedades dialetais, este estudo abraçou o pressuposto de que havia uma interferência específica da fala que favorecia o aparecimento de uma consoante nasal na escrita de palavras como ‘inzame’ e ‘cunzinha’, como veremos mais adiante.

Os alunos do Colégio Estadual Poeta José Sampaio, que cursam o 7º ano do Ensino Fundamental II, foram convidados a atuar como voluntários nesse projeto de pesquisa. Esses alunos estão numa faixa etária entre 12 e 16 anos e como todo adolescente preferem brincar e se pudesse passariam horas nas redes sociais.

Um comportamento interessante desses alunos é o modo que eles encontraram para se divertir em uma escola que não oferece espaços para eles correrem ou brincarem nos momentos de pausa das aulas. Sendo assim, eles costumam aproveitar o intervalo jogando partidas de baralho ou dominó e foi esse comportamento que motivou o desejo de criar um jogo com o qual eles pudessem estudar e se divertir ao mesmo tempo.

Inspirados nesse comportamento dos alunos, projetamos o *Batalha Nasal*, que é um jogo de ação no qual os participantes percorrem uma pista e, enquanto avançam sobre o tabuleiro, devem responder perguntas sobre *Linguagem, Cultura Sergipana e Entretenimento*. As características e os objetivos do jogo estão descritos na metodologia desse trabalho, na seção *Criação do jogo Batalha Nasal*.

Antes da criação do jogo *Batalha Nasal*, selecionou-se o aporte teórico que fundamentaria todas as etapas de desenvolvimento desse projeto e conduziria as ações que seriam realizadas, como por exemplo, elaborar as atividades de sondagem, que

comprovariam a hipótese de que uma interferência específica da fala favorecia o aparecimento de uma consoante nasal na escrita dos alunos.

Logo o ponto de partida dessa seleção do referencial teórico foi definir o conceito de vogais nasais que seria usado durante a pesquisa. Trazemos aqui algumas possibilidades, mas sabemos que não há um consenso entre os pesquisadores sobre a classificação das vogais nasais no PB.

Bisol (2013, p.113) acerca dessa falta de consenso entre os pesquisadores, afirma:

Possuir o sistema vogais nasais ou ser a vogal nasal um grupo, vogal oral e consoante nasal, foi, em tempos do primeiro estruturalismo linguístico, uma questão crucial. Com o advento da teoria gerativa, a discussão teve continuidade, mas um sistema único de sete vogais indiscutivelmente desde então se consagra.

Aqueles que, como explicou Bisol (2013), entendem que as vogais nasais configuram um sistema único, são defensores da teoria das vogais monofonêmicas. Outros pesquisadores, a exemplo de Câmara Jr, defende a teoria bifonêmica, que considera que a vogal nasal é um grupo formado de vogal oral + consoante nasal.

Entendendo a complexidade da discussão, partiremos da descrição da fonética acústica-articulatória e consideraremos, para esse trabalho, que vogais nasais são aquelas que ocorrem quando o véu do palato está abaixado e permite a saída do ar, concomitantemente, pelas cavidades oral e nasal como em *lã*, e aquelas cuja nasalidade se dá em função dos contextos vizinhos, como acontece em ‘*canto*’.

Esta discussão sobre o conceito das vogais nasais será retomada na seção *Nasais* que está descrita na Fundamentação Teórica. Na mesma seção, também serão comentados *os estudos sobre nasais no Nordeste, o contexto de nasalização nos textos dos alunos e as considerações sobre a regra m antes de p e b*.

Para comprovar que a hipótese de que havia uma interferência da fala na escrita, como foi dito anteriormente, realizaram-se duas atividades de sondagem. A primeira foi intitulada “*Qual é a palavra?* ” e consistiu em um ditado de pistas que deveriam ser desvendadas pelo o aluno. As duas pistas a seguir fizeram parte desta atividade:

- Qual o contrário de regular?
- Aquilo que não é diferente, é

As palavras a seguir são exemplos da escrita dos alunos na atividade.

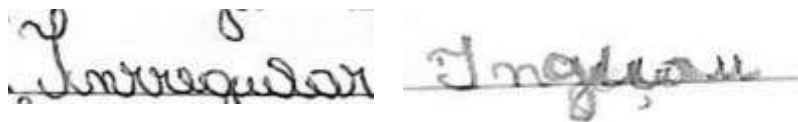


Figura 1- Exemplo de nasalização na grafia dos alunos

Para a segunda atividade de sondagem foram elaboradas três questões que também tinham o intuito de analisar a presença de nasalidade na escrita dos alunos. As questões desta atividade, bem como, seus resultados serão melhor detalhados na Metodologia deste relatório.

As atividades de sondagem 1 e 2, comprovaram que há na escrita dos alunos o aparecimento de palavras que são nasalizadas, tanto na fala quanto na escrita. Para fins de análise, as palavras selecionadas nessas atividades foram divididas em três grupos de acordo com os seguintes contextos:

- Palavras que são nasalizadas por assimilação de contextos vizinhos, como em ‘cunzinha’ > ‘cozinha’;
- Palavras que são nasalizadas por interferência da oralidade na escrita, a exemplo de ‘ingreja’ > ‘igreja’ que em algumas variedades linguísticas ocorre nasalizada na fala e, por isso, são também nasalizadas na escrita.
- Palavra que nasaliza a vogal alta /i/ por associação ao uso do prefixo {in} como acontece com ‘inregular’ > ‘irregular’.

As atividades de sondagem mostraram ainda que a regra do /m/ antes do /p/ e /b/ ainda não está firmada. Como atesta a grafia da palavra ‘impar’ abaixo.



Figura 2: Exemplo do desvio regra do m antes de p e b na grafia dos alunos

Diante dos contextos encontrados nas atividades, passamos a considerar que uma das hipóteses para que o aluno transfira elementos da sua oralidade para o texto escrito como acontece com as palavras supracitadas, seria o alongamento de vogais diante das consoantes sonoras.

Segundo Seara, Nunes e Volcão (2015, p.22) “estudos apropriados desenvolvidos no âmbito da Fonética apontam que vogais diante das consoantes [d] e [g] são mais longas do que diante das consoantes [t] e [k]”.

Esta informação nos parece relevante, uma vez que o processo em que aparece nasalização na oralidade do público-alvo e que é transferido para a escrita tende a ser mais recorrente diante de consoantes sonoras, ou seja, que são produzidas com batimento de pregas. Sobre o alongamento de vogais, Seara (2000), diz que:

A duração de segmentos vocálicos e consonantais revelou que a vogal nasal tônica ou pré-tônica é sempre mais longa do que a oral correspondente, e a oral mais longa do que a nasalizada. Esses resultados sustentariam a ideia de que as vogais nasais são mais longas do que as orais por um alongamento compensatório, ou seja, segundo a Fonologia CV¹ a consoante nasaliza a vogal e se apaga e a vogal nasal associa-se a posição deixada livre, acontecendo o alongamento. (SEARA, 2000, p.14)

Percebemos que é importante que a comunidade de fala, seja consciente nas suas produções orais e que as pesquisas da Fonética, Fonologia, e da sociolinguística, que investigam essas produções com todas essas variações possam dar subsídios para a elaboração de práticas pedagógicas que permitam que os falantes entendam as diferenças entre os registros orais e escritos.

Diante desses resultados encontrados e contando com as contribuições dos estudos fonológicos, propomos investigar uma interferência específica que é o processo de nasalização, presente na fala (de algumas variedades regionais brasileiras) e catalogado como um processo fonológico do PB que tende a aparecer na escrita de alunos.

Por isso, como objetivo geral desse projeto buscamos analisar a influência da fala sergipana na escrita de alunos do ensino fundamental, bem como, dos fatores que estão propiciando o aparecimento de uma consoante nasal em alguns segmentos, a fim de resolver os problemas de defasagem da escrita.

Como objetivos específicos, definiu-se ações para desenvolver testes diagnósticos para (1) verificar em que contexto há a representação do traço nasal na escrita; (2) analisar os resultados dos testes diagnósticos para classificar os problemas de nasalização que ocorrem na escrita dos alunos.

Com o cumprimento das ações propostas nos objetivos geral e específicos desse projeto de pesquisa, garantiu-se o processo de criação do jogo *Batalha Nasal* que foi

¹ Fonologia CV, atrelada à fonologia não-linear, considera que a representação silábica de uma sequência sonora corresponde a uma estrutura arbórea disposta em três camadas: a camada silábica, a camada CV e a camada segmental (MORAES, J. e WELTZELS, W.L, 1992), explicação nossa.

desenvolvido para contribuir com as ações pedagógicas em sala de aula e diminuir caso de defasem da escrita.

Vale lembrar que a ideia de desenvolver um jogo como objeto de aprendizagem surgiu da observação do comportamento de alunos do 7º ano do Ensino Fundamental II que têm o hábito de jogar partidas de baralho e dominó nos intervalos das aulas. Considerou-se também que utilizar um jogo como objeto de aprendizagem traria resultado satisfatório e garantiria a interação entre os alunos e o professor.

Quando se concebe a possibilidade de professores e alunos partilharem conhecimentos em sala de aula por meio de jogos, surge a oportunidade de experimentação de conteúdos de uma maneira que os integra no espaço e no tempo da aula de forma organizada. E o jogo nesse caso, torna-se, em certa medida, o “método”, no sentido etimologicamente grego do termo, o “caminho por meio do qual” os grupos permitem-se buscar o conhecimento com entusiasmo. (ROIPHE, 2017, p. 12)

Por fim, é importante salientar que, para fins de análise, esse estudo colheu amostras da escrita de voluntários de uma comunidade sergipana. Mas, é coerente dizer que a presença de nasalização na fala e na escrita não é uma particularidade nem dos falantes desse grupo, nem dos falantes sergipanos. A nasalização é um traço que está presente em outros falares como veremos na seção que trata do estudo das nasais.

Este trabalho está organizado em três seções que foram assim distribuídas: na primeira seção é apresentada a fundamentação teórica que norteou o desenvolvimento da pesquisa com a reflexão dos conceitos de fonética e fonologia, consciência fonológica, oralidade e escrita, variação linguística e o estudo de nasais no PB que conta com a análise dos estudos sobre nasais no Nordeste e sua presença nos textos dos alunos.

A segunda seção contempla a metodologia usada durante a pesquisa, a descrição dos procedimentos de coleta de dados, dos sujeitos participantes da pesquisa, a análise das atividades, a criação do jogo *Batalha Nasal* com sua descrição, objetivos gerais e específicos, estrutura e os critérios usados para a criação das cartas, a aplicação do jogo. Os resultados obtidos com a aplicação do jogo são discutidos na terceira seção.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, apresentaremos os fundamentos teóricos que conduziram a pesquisa até a elaboração do jogo. São apresentados também as contribuições e os conceitos de fonética e fonologia, consciência fonológica, oralidade e escrita, variação linguística e o estudo de nasais no PB. Para mostrar que a produção dos alunos não é um caso isolado, esse tópico conta com a análise dos estudos sobre nasais no Nordeste e a presença de nasais nos textos dos alunos.

1.1 Fonética e Fonologia

Parece-nos importante ratificar que o fenômeno da nasalização que aparece em nossos dados da produção escrita é antecedido pelo aparecimento de nasal no discurso oral. Sendo assim, trata-se, na base de um processo fonético. Entretanto, a primeira vista, temos uma realização recorrente e que se revela em contextos mais ou menos previsíveis, o que faz dele um processo também fonológico. Para entender a nasalização enquanto fenômeno fonético-fonológico, lançamos mão dos conceitos de fonética e de fonologia.

A fonética então é a que estuda a produção da fala propriamente dita, e isso significa dizer que ela levará em consideração a variação linguística, a fisiologia dos indivíduos e as idiossincrasias relativas às características individuais dos falantes. (SEARA, 2000 p. 15)

A fonologia trata de sons que distinguem o significado das palavras, além de organizar, postular regras e entender como se dá a variação e a realização efetiva dos sons. (SEARA, 2000, p21)

A fonética nos dá as ferramentas para entender como os sons produzidos nos movimentos articulatórios das vogais soam como orais ou nasais. No nível da fonética articulatória, Seara, Nunes e Volcão (2015, p.45) dizem que os sons vocálicos são produzidos com o ar saindo dos pulmões e esses sons se diferenciam dos consonantais pela inexistência e obstrução à saída de ar no trato vocal.

A diferença entre vogais orais e nasais se dá graças a movimentação do véu do palato. Quando este está levantado, ele bloqueia o ar para a cavidade nasal e os sons produzidos são chamados de orais. No entanto, o abaixamento do véu do palato permite

que o ar penetre na cavidade nasal. Esse abaixamento altera as configurações da cavidade bucal e os sons nasais são produzidos. (CRISTÓFARO-SILVA 2007, p.45).

Outra contribuição importante dos estudos da Fonética Articulatória é o estudo do ponto de articulação das consoantes nasais ‘m’ e ‘n’ e das consoantes ‘p’ e ‘b’ para que fosse firmada a regra do ‘m’ antes do ‘p’ e ‘b’. Consideramos nesse estudo que a falta de consciência fonológica para esses pontos de articulação colabora para que o aluno não use, para esse contexto, a consoante nasal ‘m’, como orienta a regra.

Quanto ao ponto de articulação as consoantes ‘p’, ‘b’ e ‘m’ são classificadas como bilabiais, já o ‘n’ é uma consoante alveolar que é produzida quando a ponta da língua (articulador ativo) toca ou vai na direção dos alvéolos (articuladores passivos), como afirmam Seara, Nunes e Volcão (2015, p.76).

Os conceitos fonológicos que contribuíram para firmar a noção de nasalização nesse estudo foram os de *arquifonema*, que será melhor descrito na seção que trata da descrição das vogais e consoantes nasais, e *traços distintivos*.

Seara, Nunes e Volcão (2015, p.131) dizem que, nos domínios da fonologia, traços distintivos são propriedades que podem ser baseadas em critérios articulatórios, acústicos ou perceptuais. Esses traços são determinados de forma binária (+/-), ou seja, pela presença de uma das propriedades (+) ou por sua ausência (-). Por exemplo, se considerarmos o traço para identificar a nasalidade, nas palavras *ponte* e *pote* diremos que a vogal /o/ apresenta, na primeira ocorrência, um traço [+nas], e, na segunda [-nas].

Se considerarmos que a nasalização é um processo fonológico recorrente para algumas comunidades de fala, essa mesma propriedade nos ajuda a verificar a presença do traço [+nasal] nas palavras ‘*cunzinha*’ e ‘*ingreja*’, inserção que é transferida da fala para a escrita de alunos participantes da pesquisa.

Por tudo isso, a contribuição dos estudos fonético-fonológicos é importante, já que nos ajudam a interpretar como as qualidades dos sons influenciam na cadeia da fala e a confirmar a hipótese inicial desse estudo de que, sendo a nasalização um processo fonológico recorrente para o grupo de falantes em estudo, há transferência de elementos da fala à escrita.

1.2 Consciência Fonológica

Consciência fonológica é um conjunto de habilidades que vão desde a simples percepção global do tamanho da palavra e de semelhanças fonológicas entre as palavras até a segmentação e manipulação de sílabas e fonemas. (Bryant & Bradley²1985 *apud* Lopes, 2004, p. 241).

Sobre a importância da consciência fonológica, Capovilla & Capovilla³ (1997 *apud* Lopes, 2004 p. 242) revelam que no Brasil já foram realizados estudos no intuito de desenvolver a consciência fonológica em crianças, demonstrando que também na ortografia da língua portuguesa, a consciência fonológica é um pré-requisito para a aquisição de leitura e escrita.

Freitas (2004, p.179.) diz que a consciência fonológica permite fazer da língua um objeto de pensamento, possibilitando a reflexão dos sons da fala, o julgamento e a manipulação da estrutura sonora das palavras.

Nesse contexto de reflexão dos sons da fala, é pertinente considerar a observação feita por Scliar-Cabral (2003, p.59) para evitar uma definição errônea de consciência fonológica. A autora enfatiza que não se pode considerar como consciência fonológica a habilidade de reconhecer se um indivíduo tem “sotaque” diferente, seja por interferência da língua seja porque pratica uma variedade sociolinguística distinta de outra.

A consciência fonológica pode ser analisada em três níveis, como explica Freitas (2004, p180.): nível das sílabas, nível das unidades intra-silábicas, nível dos fonemas.

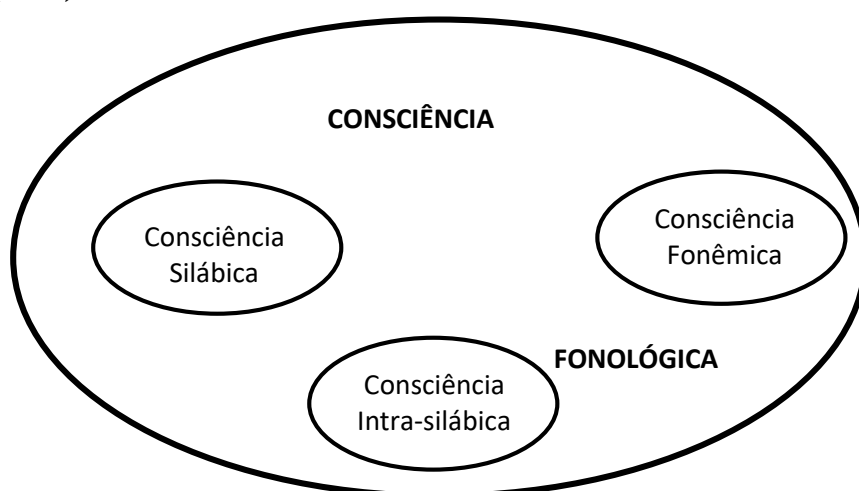


Figura 3: Esquema sobre os níveis de consciência fonológica. Adaptado de Freitas 2004 p. 183

²Bryant, P. E. & Bradley, L. (1985). Bryant and Bradley Reply. *Nature*, 313, 74.

³Capovilla & Capovilla (1997). Treino de Consciência Fonológica e seu impacto em habilidades fonológica, de leitura e ditado de pré 3 a 2ª série. *Ciência Cognitiva: Teoria, Pesquisa e Aplicação*, 1(2), 461-532.

O *nível das sílabas* compreende a capacidade de dividir as palavras em sílabas, no *nível das unidades intra-silábicas* as palavras podem ser divididas em unidades que são maiores que um fonema individual, mas menores que uma sílaba, já o *nível dos fonemas* compreende a capacidade de dividir as palavras em fonemas, ou seja, nas menores unidades de som que podem modificar o significado de uma palavra.

A consciência fonológica pode ser estimulada em atividades com o objetivo de melhorar o desempenho dos alunos e levá-los a pensar, refletir sobre a produção do som e sua relação com as letras para construir a forma gráfica das palavras.

Portanto, é importante também inserir no ensino de língua portuguesa atividades que proporcionem o desenvolvimento fonológico a fim de preparar o aluno para desempenhar melhor o processo de entendimento da língua e suas representações na fala e na escrita.

1.3 Variação Linguística

Uma das características mais marcantes no Brasil é a sua diversidade cultural. Dentro desse contexto, destaca-se também a multiplicidade de formas de falar a língua portuguesa. Em cada canto do país há um falante que ao fazer uso do idioma concretiza situações de comunicação, seja através da linguagem verbal, falando ou escrevendo, ou através da linguagem não-verbal, com gestos ou imagens.

Bortoni-Ricardo (2004, p.23) diz que “quando usamos a linguagem para nos comunicar, também estamos construindo e reforçando os papéis sociais”. É natural, então, que o aluno faça uso de variedades próprias de sua comunidade ou grupo social como forma de se estabelecer identitariamente. Embora o uso de tais variedades nos permita a comunicação em sociedade, sem que sejamos julgados ou sem que tenhamos prejuízos de compreensão, na escrita a sua presença não é legitimada. A escrita, em sua norma padrão, segue regras e tende a neutralizar as variações que dão o colorido aos falares brasileiros.

Do ponto de vista dos usos, a fala e a escrita variam, são profundamente maleáveis e não se caracterizam por alguma orientação peculiar e exclusiva em relação a regras. Há uma tendência a legislar sobre a escrita com dispositivos estatais ou não, como a escola e as academias, fazendo com que se defina uma escrita única (padrão), desqualificando todas as demais. Na realidade, confunde-se aqui a escrita enquanto modo de uso da língua com um de seus usos: o padrão. (MARCUSCHI, 2001, p. 4)

Nesse contexto, a variação linguística não é apenas mais um conteúdo do livro didático, como interpretação de texto ou escolas literárias, mas é uma postura em relação à língua e à forma como ela precisa ser ensinada nas salas de aulas. (CARDOSO E COBUCCI, 2016, p.99). Também não deve ser encarada como sinônimo de variedades regionais já estigmatizadas como o falar das pessoas que não são escolarizadas, mas como reflexo social das comunidades ou de grupo de falantes.

Possenti (1996, p. 35) reforça a ideia de variação linguística como reflexo social ao afirmar que:

Todas as línguas variam, isto é, não existe nenhuma sociedade ou comunidade na qual todos falem da mesma forma. A variedade linguística é o reflexo da variedade social e, como em todas as sociedades existe alguma diferença de *status* ou de papel, essas diferenças se refletem na linguagem.

Para melhor explicar a variação no PB, Bortoni-Ricardo (2009), propõem a análise de três contínuos imaginários: o de urbanização, de oralidade-letramento e o de monitoração estilística.

No *contínuo de urbanização*, situam-se, em extremidades opostas, os falares rurais e os falares urbanos, sendo este último influenciado pela padronização da escrita. O *contínuo de oralidade* é marcado pela distribuição de eventos comunicativos que são chamados de eventos de letramento, ou eventos de oralidade. Já no *contínuo de monitoração estilística*, situam-se eventos de fala que podem ser totalmente espontâneos ou previamente planejados.

Freitag e Lima (2010, p.47) dizem que “o conjunto de variedades linguísticas utilizado por uma comunidade é chamado repertório verbal. Qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exibe sempre variação, logo, a língua é representada por um conjunto de variedades”.

As diferenças linguísticas costumam ser reunidas em três tipos de variação: a variação regional ou geográfica (diatópica), a variação social (diastrática), e a variação estilística ou de registro mais ou menos formal (diafásica). Podemos ainda considerar uma quarta variação, decorrente da modalidade oral ou escrita da língua (diamésica). Todos os tipos de variação ocorrem nos diferentes níveis linguísticos: fonético-fonológico (ex.: <peixe ~ pexi>; <mulher ~ muié>); morfológico (ex.: <colherinha ~ colherzinha>; <menininho ~ menino>); sintático (ex.: <a gente canta ~ a gente cantamos>; <estudo ~ eu estudo>); lexical (ex.: <pandorga ~ papagaio ~ pipa>); discursivo (ex.: <sabe? ~ entende?>; <acho que ~ parece>). (FREITAG; LIMA, 2010, p.29)

No falar sergipano, por exemplo, as palavras *arupemba* (uma espécie de peneira grande feita de palha), *puba* (massa branca feita da farinha de mandioca), *ximar* (que é desejar o que o outro está comendo) e *aleive* (falso testemunho) são exemplo de *variação lexical*. Isso mostra que a língua e seus múltiplos significados se constroem dentro de um determinado contexto.

1.3.1 A variação linguística nos documentos oficiais e as implicações das discussões sobre preconceito linguístico.

Entendendo a importância do ensino do uso da língua materna e compreendendo que as práticas educacionais que se realizam na sala de aula podem contribuir para o desenvolvimento social do aluno, este projeto se sustenta ainda no que está proposto no Parâmetro Curricular Nacional de Português (PCN's), segundo o qual:

No ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, o que se almeja não é levar os alunos a falar certo, mas permitir-lhes a escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas: saber coordenar satisfatoriamente o que fala ou escreve e como fazê-lo; saber que modo de expressão é pertinente em função de sua intenção enunciativa— dado o contexto e os interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de erro, mas de adequação às circunstâncias de uso, de utilização adequada da linguagem. (BRASIL, 1998, p. 31)

Para atender as propostas dos PCN's, o professor precisa levar em consideração os fatores que implicam o uso da língua. É preciso que haja uma reflexão sobre ela em um contexto de uso, em situações onde a comunicação realmente acontece. Os professores de português precisam fazer essa reflexão para que a aprendizagem de fato aconteça.

A respeito do fenômeno da variação e mudança na educação da língua materna, Antunes (2007, p.104) diz que:

Existem situações sociais diferentes; logo, deve haver também padrões de uso da língua diferentes. A variação, assim, aparece como uma coisa inevitavelmente normal. Ou seja, existem variações linguísticas não porque as pessoas sejam ignorantes ou indisciplinadas; existem, porque as línguas são fatos sociais, situados num tempo e num espaço concretos, com funções definidas. E, como tais, são condicionados por esses fatores. Além disso, a língua só existe em sociedade, e toda sociedade é inevitavelmente heterogênea, múltipla, variável e, por conseguinte, com usos diversificados da própria língua.

Cabe ao professor observar essas situações de uso da língua, planejar o enfoque que quer propor aos seus alunos. Se a intenção é olhar para a norma, que ela seja analisada dentro de um contexto que os alunos identifiquem que é possível usá-la.

Sendo assim, acredita-se que o resultado desse estudo norteará e auxiliará professores que buscam entender a relação entre fala e escrita e suas implicações.

1.4 Oralidade e Escrita

Kock e Elias (2017) afirmam que, embora, fala e escrita se utilizem do mesmo sistema linguístico, cada uma delas possui características próprias. Mas isto não significa que ambas devem ser vistas como duas coisas estanques e nem a escrita como mera transcrição da fala.

Para entender melhor a relação do aparecimento de nasais na escrita dos alunos e as trocas entre nasais que ocasionam desvios de regras ortográficas, esse estudo considerou que a fala e a escrita materializam a língua e que, grosso modo, podem estar em um *continuum* no qual, ora se aproximam, ora estão polarizadas.

A relação fala e escrita e suas implicações é um ponto de discussão entre muitos pesquisadores e estudiosos da língua portuguesa, entre eles, Marcuschi (2007) que diz que o estudo sistemático da relação oralidade e escrita é recente.

Há aspectos sistemáticos interessantes a serem analisados na relação entre a oralidade e a escrita. Não é de hoje que se procura investigar as relações entre a fala e a escrita. Mas, foi nos últimos 30 anos, que a dedicação sistemática ao tema tomou corpo, e, nesse período, surgiu a maioria dos estudos de que hoje dispomos, particularmente no Brasil. De uns tempos para cá, os linguistas resolveram tratar do tema de modo crescente, após um longo período de estagnação dos estudos sobre a fala. (MARCUSCHI, p.72. 2007)

Para Marcuschi (2007) a melhor forma de observar a relação fala-escrita é contemplá-la num contínuo de textos orais e escritos, seja na atividade de leitura, seja na de produção escrita.

Tanto a fala como a escrita se dão num contínuo de variações, surgindo daí semelhanças e diferenças ao longo de dois contínuos sobrepostos. Isso equivale a dizer que tanto a fala como a escrita apresentam um contínuo de variações, ou seja, a fala varia e a escrita varia. (MARCUSCHI, p.72. 2007)

Ao tratar de produção escrita, é preciso considerar que, quando o aluno chega à escola, ele já é um falante competente de sua língua materna e que marcas da sua

oralidade, muitas vezes, podem ser transpostas para o texto escrito. Bortoni-Ricardo (2004), enfatiza que há usos especializados da língua que constituem práticas sociais, mas há usos especializados que são práticas da cultura da oralidade.

Do ponto de vista do uso, a fala e a escrita se apresentam dentro do contexto da variação. Sobre isto, Bortoni-Ricardo (2013), diz que a língua oral é o território da variação inerente, sendo esta de sua própria natureza e um recurso fundamental para que os falantes marquem suas identidades, seus papéis sociais. No que diz respeito à escrita, a autora diz ainda que, na modalidade, a variação ortográfica não está prevista, mas que o erro ortográfico é muito elucidativo pois:

Permite ao professor perceber a interferência dos traços orais da fala do aluno na sua escrita. Analisando os erros de ortografia, juntamente com os alunos, o professor poderá planejar uma agenda de atividades pedagógicas que visem ajudá-los a superar os problemas apresentados. (BORTONI-RICARDO, p. 56, 2013)

Marcuschi (2007, p.8) diz que “todas as línguas variam tanto na fala como na escrita, e não há língua uniforme ou imutável, daí ter-se que admitir regras variáveis em ambos os casos”.

Para Bagno (2013) a reflexão mais avançada em termos de relações entre fala e escrita postula a existência de um espectro contínuo que vai do mais falado para o mais escrito. Sendo assim, pode ocorrer uma fala e escrita tanto espontânea quanto formal.

A relação entre a oralidade e a escrita tem sido objeto de análise de muitos grupos de estudos da linguagem. “O GELINS, Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade, por exemplo, é um grupo que vem atuando em Sergipe e constituindo um corpus com duas amostras: Fala & Escrita e Entrevistas Sociolinguísticas”, Freitag e Lima (2010, p. 49).

(...) até a década de 80 do século XX, poucos se dedicavam aos estudos da relação entre fala e língua escrita. Quem trabalhava o *texto falado* raramente analisava o texto escrito, o mesmo acontecendo com quem se dedica à análise do texto escrito. Havia uma espécie de ignorância mútua, mas o pior é que grande parte das observações feitas sobre a fala eram em geral fundadas nas normas que a gramática da escrita codificou. (MARCUSCHI, 2007 p. 24-25)

Cabe ao professor observar essas situações de uso da língua, planejar o enfoque que quer propor aos seus alunos. Se a intenção é olhar para a norma, que ela seja analisada dentro de um contexto que os alunos identifiquem que é possível usá-la.

1.5 Nasais

Um momento importante para o bom desenvolvimento desta pesquisa foi a definição de vogais nasais que seria trabalhada com os alunos durante o processo de intervenção pedagógica a que nos propusemos realizar. Já que entre os teóricos não há um consenso a respeito do conceito das vogais nasais no PB.

A seguir serão apresentadas as concepções de vogais nasais no PB, bem como, o conceito de consoantes nasais. Será descrito também o processo de nasalização em diversos falares e uma reflexão acerca de estudos sobre nasais no Nordeste.

1.5.1 A concepção de nasais no PB

O estudo de nasais no PB é um tema recorrente nas pesquisas do país. O ponto de partida de muitos desses estudos é a apresentação do conceito de vogais nasais que será usado nas análises.

Vê-se logo que o conceito de vogais nasais não é uma questão simples, e não se trata apenas de diferenciar uma vogal em oral de uma nasal. A concepção de nasais já vem sendo discutida ao longo dos anos por estudiosos e um ponto importante nessa discussão é o fato de ainda hoje não haver um consenso para a definição das vogais nasais no PB.

Autores, como Cagliari (2007), Câmara Jr. (2008) se dedicaram ao estudo das nasais, trazendo muitas contribuições, mas a questão das nasais ainda não está definida e continua sendo objeto de pesquisa de muitos estudos.

Um dos autores pioneiros no estudo das nasais é Mattoso Câmara Jr. (1999) que classifica a vogal nasal como um grupo de dois fonemas, que se combinam na sílaba – vogal e elemento nasal.

Seara, Nunes e Volcão (2015, p.109) observam que o autor considera que no sistema fonológico a vogal nasal seria bifonêmica, ou seja, constituída por um segmento vocálico oral seguido de um segmento nasal ([m n.ɲ]), fonologicamente representado pelo **arquifonema**⁴ /N/. Ou seja, para Câmara Jr. (2008, p. 83) não há uma oposição entre a

⁴ Quando um ou mais fonemas perdem a distinção entre si em um determinado contexto, temos uma neutralização fonêmica. Neutralização significa perda de contraste fonêmico. Quando isso acontece, usamos um símbolo representativo dessa perda da contrastividade, que é denominada **arquifonema**. SEARA, NUNES e VOLCÃO (2015, p.108)

vogal oral e vogal nasal, porque as vogais orais são consideradas nasais se resolvem em vogal seguida de arquifonema consonântico nasal.

Cagliari (2007), em *Elementos da Fonética do Português Brasileiro*, ao tratar da classificação das vogais, utiliza os termos vogal orais e vogais nasalizadas. Para o autor, se durante a articulação de uma vogal o véu palatino se encontrar abaixado, parte do fluxo de ar fonatório se desviará, passando pelas cavidades nasais e saindo pelas narinas, e parte passará pelas cavidades orais, saindo pela boca, a vogal produzida desse modo é chamada de vogal nasalizada.

A respeito da definição da vogal nasal, Bisol (2013), diz que é a nasalidade por assimilação que cria a vogal nasal. Outros estudiosos atestam que o português brasileiro apresenta cinco vogais nasais distintas como se pode perceber em ‘anta’, ‘pente’, ‘tinta’, ‘ponte’ e ‘untar’ e que não haveria necessidade de um arquifonema, por isso, afirmam que o sistema fonológico da vogal nasal no PB seria monofonêmico.

Seara, Nunes e Volcão (2015) faz uma distinção entre a definição de vogais nasais e vogais nasalizadas. Para as autoras, as vogais nasais são segmentos vocálicos produzidos com o véu do palato abaixado, fazendo com que a corrente de ar passe tanto pela cavidade oral quanto pela nasal. As vogais nasalizadas, por sua vez, seriam aquelas que são nasalizadas em função dos contextos vizinhos.

Consideramos, então, neste estudo, vogais nasais aquelas que ocorrem quando o véu do palato está abaixado e permite a saída do ar pelas cavidades oral e nasal como em *lã*⁵, e aquelas que se apresentam nasalizadas em função dos contextos vizinhos, como acontece em ‘*canto*’.

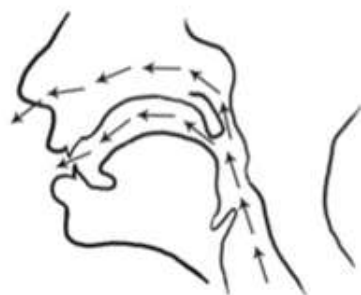


Figura 4: Posição do véu do palato na produção da vogal nasal (como a vogal ‘a’ na palavra *lã*). Adaptado de Seara, Nunes e Volcão. p. 4

⁵ Entendendo a complexidade da discussão, partiremos da descrição da fonética acústica-articulatória e consideraremos, para esse trabalho, que vogais nasais são aquelas que ocorrem quando o véu do palato está abaixado e permite a saída do ar, concomitantemente, pelas cavidades oral e nasal como em *lã*, e aquelas cuja nasalidade se dá em função dos contextos vizinhos, como acontece em ‘*canto*’

A divergência de opiniões que se dá na definição das vogais nasais do PB não se repete com as consoantes nasais. Os estudiosos dizem que o sistema fonológico consonantal do PB é composto por 19 consoantes, destas, três são as consoantes nasais, ‘m’, ‘n’ e o ‘ɲ’ sendo a última representada ortograficamente pelo *nh*.

Quanto a produção das consoantes nasais, estas são produzidas com uma obstrução total ou momentânea do fluxo de ar na cavidade oral e um abaixamento simultâneo do véu do palato que permite a liberação do ar pela cavidade nasal. No entanto, essas consoantes não são sempre facilmente distinguíveis em suas produções, embora não sejam sons exatamente semelhantes. (SEARA 2000, p.149). A cerca da ordem de aquisição das nasais, Lamprecht (2004, p.) diz:

No que tange, às nasais, os dados de Azevedo (1994) mostram que, na faixa etária entre os 2:0 e 2:11, os segmentos /m/ e /n/ já estão adquiridos em onset⁶ absoluto. Na posição de onset medial esses sons estão quase estabilizados no sistema fonológico da criança, enquanto o /ɲ/ encontra-se em processo de aquisição.

Cagliari (2007. p.39) diz que os sons das consoantes nasais são classificados de acordo com o lugar da obstrução oral. Logo, quanto ao tipo as consoantes nasais no PB são: bilabial [m], dental [n], palatal [ɲ] e velar [ŋ], como podemos verificar nas palavras ‘soma’, ‘sono’, ‘sonho’ e ‘banco’.

Como foi dito anteriormente, entender como se comportam na fala as vogais e consoantes no PB foi um passo importante para compreender as ocorrências de nasalização na escrita dos alunos que participaram da pesquisa.

Um exemplo da ocorrência de nasalização a qual nos referimos é o aparecimento na escrita de palavras como *inregular*’ e *cunzinha*’. O uso dessas palavras com a presença de uma consoante nasal é um traço da variação linguística do grupo observado, por isso entendemos que há transposição da fala para a escrita.

1.5.2 O processo de nasalização nos diversos falares

⁶ Para a Fonologia de base gerativista, a sílaba é entendida como uma unidade que possui uma estrutura interna. De forma geral, a sílaba se divide em *onset* (ou ataque, ou aclave), *núcleo* (ou pico) – parte essencial da sílaba – e *coda* (ou declive). SEARA, NUNES e VOLCÃO (2015, p.117)

A posição de ataque silábico, também chamada de *onset* silábico, pode estar vazia, pode ser preenchida por uma consoante (ataque simples), por duas consoantes (ataque complexo) ou por um *glide*. (ROBERTO, 2016, p.75).

A presença de nasalização na fala não é uma particularidade da língua portuguesa. Estudos revelam que essa característica está presente em diversos falares. Câmara Jr. (1999), diz que outras línguas registram, em contextos diferentes, a presença de vogais nasais.

A língua portuguesa se caracteriza, entre as línguas românicas, por uma emissão nasal das vogais muitas vezes. O mesmo fato se apresenta em francês; mas em condições fonológicas um tanto diversas (...). Nas demais línguas românicas, o que a fonética apurada registra é uma leve nasalação de uma vogal em contato com uma consoante nasal da sílaba seguinte, no mesmo vocábulo. (CÂMARA JR, 1999, p.46)

De acordo com Câmara Jr. (2008, p.68) o postulado de vogais nasais só se impõe numa língua em que haja contraste distintivo entre vogal nasal e vogal mais consoante nasal. É o que acontece, por exemplo, no francês com as palavras /bõ/ (masc. *bom*), - /bom/ (fem. *bonne*).

No galego-português o til (~), sinal de abreviação, serve frequentemente para indicar a nasalidade das vogais, que pode vir também representada por um consoante nasal; ex: *razõ*, *razom* ou *razon*. (Teyssier 2007, p.29).

Em seus estudos, Costa (2007, p. 95) chama atenção para o fato de nos dialetos Guaraní se reconhecer as duas fontes de nasalidade, uma fonológica alocada em vogais subjacentemente nasais e em consoantes nasais e outra fonética que, partindo de uma daquelas fontes, atinge e nasaliza elementos soantes (em geral à esquerda) e alguns obstruintes (apenas à direita).

[tũ'pã] /tupaN/ “trovão”

[nẽmẽ'mbi] /nde + membi/ “teu filho”

Exemplo de nasalidade no dialeto Guaraní. Adaptado de Costa p.25

A respeito desse espraçamento da vogal nasal, Bisol (2013, p. 130, apud Piggot, 1987), afirma que não há no processo de nasalização do português o espraçamento a longa distância que outras línguas revelam, envolvendo a palavra inteira, como ‘warao’ com espraçamento para direita ou o ‘capanahua’ com espraçamento para esquerda.

Câmara Jr. (1999) diz que há no português dois tipos de nasalidade: a nasalidade fonológica de natureza distintiva e um segundo tipo de nasalidade que ocorre por assimilação à vogal nasal de uma sílaba seguinte, mas que esta não funciona para distinguir formas, não sendo considerado, portanto de natureza fonológica. O autor diz ainda que:

É preciso assinalar, portanto, que uma nasalidade como de *junta*, oposto a *juta*, ou de *cinto*, oposto a *cito*, ou de *lenda*, oposto a *leda*, e assim por diante, não se deve confundir com uma pronúncia levemente nasal da primeira vogal de *ano*, ou de *cimo*, ou de *uma*, ou de *tema* etc., em que o falante tende a antecipar o abaixamento do véu palatino, necessário à emissão da consoante na sílaba seguinte, e emite já nasalada a vogal precedente. (CÂMARA JR, 1999, p. 46)

Nesse contexto é importante lembrar que o processo de nasalização por assimilação do traço [+nasal] das consoantes /m/, /n/ e /ɲ/ como em ‘cama’, ‘cana’, ‘pinha’, ‘sonho’, ocorre na oralidade, mas não na escrita.

Estudos revelam que há uma tendência da vogal nasal se alongar diante de alguns contextos. (D’ANGELIS 2001, *apud* Capistrano, 2004, p.61) ao discutir as novas tendências sobre o sistema fonológico do português diz que:

A nasalização de vogais da sílaba precedente pode ser explicada devido ao espalhamento fonético do traço nasal da consoante para a vogal precedente, sobretudo em contexto no qual o alongamento da vogal acentuada sobrepe os gestos de sua realização em relação aos da consoante nasal seguinte.

Ainda sobre o alongamento de vogais, Seara (2000, p. 14), diz que as vogais nasais são mais longas do que as orais por um alongamento compensatório, ou seja, segundo a Fonologia CV a consoante nasaliza a vogal e se apaga e a vogal nasal associa-se a posição deixada livre, acontecendo o alongamento.

Apesar dos estudos comprovarem esse alongamento da vogal nasal, a fonética do PB até agora não prevê esse alongamento na escrita. Logo, a ocorrência da nasalização na escrita em alguns contextos ainda resulta em desvios de ortografia e favorece o aumento do preconceito linguístico.

1.5.3 Estudos sobre nasais no Nordeste

Para encontrar fundamentos que justificassem o aparecimento de nasalização na grafia de alunos do 7º ano do Ensino Fundamental II, alguns estudos sobre nasais no Nordeste foram analisados.

Durante a seleção de trabalhos que dialogassem com este estudo, observou-se que os estudos têm em comum o mesmo objeto de análise, a ocorrência de nasalidade, mas a maioria analisa esta ocorrência apenas na fala, ou seja, não mencionam a transferência do traço de nasalidade para a escrita.

Inicialmente, constatou-se que, assim como a nasalização não é um traço que ocorre apenas no português brasileiro, também não é um traço exclusivo dos falantes sergipanos. Alves (2014, p.21 apud Amaral1976, p. 6) diz que no dialeto rural de São Paulo, observou-se que itens lexicais como “igual”, “eleição”, “exame” e “exemplo” são pronunciados como “inzame <exame, ingual <igual, inzemplo < exemplo, inleição<eleição”.

Alves (2014, p.21) nomeia essa ocorrência do /i/ com o traço [+nasal] de nasalização espúria e diz que esta é caracterizada pela falta de contexto favorecedor à nasalização da vogal /i/, como em “*ingual*”. Assim, a vogal oral é nasalizada sem a presença de nenhum segmento sonoro nasal na cadeia sonora do item lexical para que ocorra uma assimilação.

Alguns estudos mostram que há registros de contexto nasais na fala de brasileiros de diferentes regiões do país, mas esta presença é mais marcante nos falantes da região Nordeste.

Abaurre (2013, p.160) diz que a presença de uma consoante nasal precedendo a variável condiciona fortemente a nasalização e que a região geográfica é também determinante para a descrição do processo de nasalização no PB.

Esta constatação da autora, sobre a relação entre região geográfica e nasalização, fundamenta-se nos resultados encontrados por ela em pesquisa realizada para analisar contextos de nasalização fonética e variação. No que diz respeito a nasalização, os resultados encontrados por Abaurre (2013), mostram que: Norte e Sul se opõem; Recife e Salvador nasalizam mais; São Paulo e Porto Alegre nasalizam menos. O Rio de Janeiro está no meio do caminho.

Entre os estudos analisados, o artigo “*Vogais nasais em ambientes não nasais em alguns dialetos baianos*” das autoras Alves, C. de J; Cavalcante, L.D.; Pacheco V. (2007. p.87-92), é o que mais dialoga com esta pesquisa.

No artigo as autoras observam a nasalização de vogais na fala de sujeitos nativos das cidades de Ituaçu, Ibicaraí e Vitória da Conquista na Bahia. As amostras das palavras nasalizadas por esses nativos foram colhidas através da gravação de entrevistas.

As palavras ‘*cunzinha*’ ‘*ingreja*’, ‘*inregular*’, ‘*inzame*’, ‘*indolatria*’ são exemplos das amostras colhidas nessas entrevistas. Diante dos contextos encontrados, as pesquisadoras chegaram as seguintes conclusões:

Os falantes das cidades de Ituaçu, Ibicaraí e Vitória da Conquista realizam vogais nasais independente da presença de consoante nasal na adjacência.

Somente as vogais altas são passíveis de sofrerem esse tipo de nasalização e que a vogal alta anterior quando funciona como prefixo é realizada como prefixo {in-} mesmo que o ambiente fonético bloqueie sua realização. As realizações da vogal alta anterior não prefixo e vogal alta posterior nasalizada no meio da palavra não se enquadra nesses casos. (ALVES; CAVALCANTE; PACHECO (2007, p. 92)

Vê-se, então, que o traço de nasalidade é comum entre os falantes nordestinos, é também reconhecido como uma variedade linguística que se realiza em contextos próprios e diferentes daqueles que são previstos pela fonologia do português brasileiro, mas que ao mesmo tempo parecem ter regras que administram essas realizações.

A ocorrência desse traço na escrita é analisada nesse estudo, e acredita-se que há uma motivação da fala para que essa nasalidade seja transposta para a escrita dos falantes que utilizam essa variedade linguística.

1.5.4. A presença de nasais nos textos dos alunos

O *corpus* desta pesquisa foi construído a partir da análise de duas atividades de sondagens que foram propostas com o objetivo de confirmar a presença de nasalização na escrita, motivada pela inclusão de uma consoante nasal em contexto ainda desconhecido por nós e que esta ocorrência estava sendo motivada pela transferência de elementos próprios da sua oralidade.

As atividades de sondagens propostas aos alunos serão melhor descritas na metodologia desse relatório. Já os contextos de ocorrência de nasalidade encontrados nos textos dos alunos serão descritos a seguir.

1.5.4.1 Contexto de ocorrência de nasalização nos textos dos alunos

Antes de iniciar a apresentação dos contextos de nasalização encontrados nos textos dos alunos, é importante considerar as observações de estudiosos acerca da presença de nasalização no PB.

Abaurre (2013, p.142) recorda que há dois contextos gerais para a ocorrência de nasalização vocálica. No primeiro, a ocorrência de um elemento vocálico nasal resulta em pares opostos como, por exemplo, acontece em *junta* x *juta*. No segundo contexto, não há contraste possível, ocorrendo uma nasalização puramente fonética como em *uma* e *fino*.

Para explicar a gênese da nasalidade vocálica, Moraes (2013, p.96), leva em consideração a presença de uma consoante nasal da qual se assimilará o traço [+nasal] e

explica que nas diversas línguas que apresentam casos de nasalização, a consoante nasal pode ocupar três posições:

- a. Coda silábica, caracterizando um processo de assimilação regressiva.

Italiano > campo > câmpo > português = c[ã^m]po

- b. Ataque silábico, em posição intervocálica, permitindo que a nasalidade se propague, regressivamente, para a esquerda.

Italiano > lãna > lãa > português = l[ã]

- c. Ataque silábico, caracterizando um processo de assimilação progressiva.

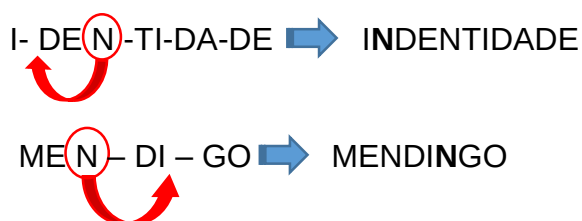
Italiano > madre > mae > português = m[ã]e

Como pode ser observado os contextos apresentados acima dão conta da ocorrência de nasais na fala. Já este estudo, busca confirmar que a presença da nasalização na escrita tem relação com sua ocorrência na fala.

Como foi explicado anteriormente as atividades usadas para construção do *corpus* desta pesquisa, foram propostas para verificar a ocorrência de nasalização na escrita. Os resultados encontrados nas duas atividades comprovam que há na grafia dos alunos o aparecimento de uma consoante nasal em contextos que ocasionam erro ortográfico.

Nessa análise, para melhor explicar os contextos encontrados nas atividades de sondagens, o termo *palavra alvo* está sendo usado para as palavras que seguem as regras de ortografia do PB e o termo *palavra nasalizada* para aquela que foi grafada pelo aluno e recebeu a inclusão de uma consoante nasal. Os contextos mais frequentes da presença da nasalização na grafia dos alunos estão descritos a seguir.

Contexto 1: Nasalização por inclusão de uma consoante nasal por influência da presença de outra nasal que já existe na palavra. Veja como a nasalização aparece na escrita do aluno neste contexto.



Note que as palavras alvo são exemplares que apresentam na sua estrutura silábica uma consoante nasal.

Sabendo que na fala a vogal oral é nasalizada quando assume por espraçamento o traço [+nasal] do contexto vizinho, e considerando que em algumas variantes linguísticas a forma nasalizada das palavras alvo é legitimada, consideramos que, neste contexto, o aparecimento da consoante nasal nas palavras nasalizadas é motivado pela variação linguística do falante que já realiza as palavras alvo na fala como uma palavra nasalizada.

Neste contexto, também observamos que a inclusão da consoante nasal que ocasiona a nasalização na escrita acontece nas direções regressiva e progressiva da sílaba.

Contexto 2: Nasalização motivada por transferência de elementos próprios da oralidade do falante para a escrita.

Anteriormente consideramos que uma particularidade da fala, a nasalização por assimilação do traço [+nasal], motiva o aparecimento de palavras nasalizadas na escrita. As palavras listadas abaixo mostram que há outro contexto em que as palavras alvo recebem uma consoante nasal e passam a forma de palavras nasalizadas.

IGREJA ➡ INGREJA
IGUAL ➡ INGUAU

Neste contexto, as palavras alvo apresentam nasalização mesmo quando não há uma consonante nasal sendo assimilada. É o que acontece, por exemplo, com a palavra *ingreja* > *igreja*. Fonologicamente não haveria motivação para a produção oral de *ingreja*, mas uma vez que ela se realiza, temos a fala influenciando a escrita.

Contexto 3: Nasalização por associação do uso do prefixo IN

Outro contexto de palavras nasalizadas na escrita dos alunos é o que se observa na palavra alvo abaixo.

IRREGULAR ➡ INRREGULAR

Nas atividades de sondagens a palavra alvo que mais apresentou variação na escrita foi a palavra ‘*irregular*’, que foi escrita das seguintes formas ‘*inrregular*’, ‘*imrregular*’, ‘*inregular*’ e ‘*imregular*’

Sobre o uso do prefixo *in-*, Bisol (2013, p.114) diz que a vogal /i/ do prefixo *in-*, *infeliz*, *incapaz*, perde o segmento nasal diante de lateral ou vibrante por um processo de

assimilação, emerge com vogal oral – in + legal > illegal> ilegal; in + regular> irregular – dando sinais de que, na sequência In, /i/ é uma vogal oral.

Apesar da desnasalização do prefixo IN diante de consoantes lateral ou vibrante ser normatizada, há registro de palavras como ‘*inlegal*’ e ‘*inresponsável*’, com a manutenção do contexto nasal do prefixo.

Nossa conclusão para a ocorrência de nasalização nessas palavras é a mesma defendida por Alves, Cavalcante e Pacheco (2007), que observam que a nasalização independente de elemento nasal em palavras como as citadas acontecem com a vogal alta anterior /i/. As autoras afirmam ainda que:

A nasalização da vogal alta anterior quando ocorre em início de palavra com a função morfológica de prefixo de negação {in} são explicáveis por uma extensão da realização desse prefixo em palavras como ‘*insensato*’ e ‘*indelicado*’, em que se tem V + N, justificando a realização da vogal por assimilação da consoante nasal. (ALVES; CAVALCANTE; PACHECO (2007, p. 91)

Após apresentar os contextos de nasalização mais recorrentes nos textos dos alunos, é importante enfatizar que os contextos de nasalização apresentados na fala são reconhecidos como exemplo de variação linguística, mas na escrita esses mesmos contextos não são reconhecidos, por isso são categorizados como desvios ortográficos.

Na fala, os contextos acima já foram reconhecidos como exemplos de variação linguística como atestam Moraes e Cagliari, que dizem respectivamente:

A nasalidade vocálica, em sua origem, é um fenômeno coarticulatório, que decorre da presença de uma consonante nasal contígua à vogal alvo da nasalização. Mas faz observar que outra fonte, bastante rara nas línguas, seria a nasalização espontânea (Ohala e Amador, 1981, apud MORAES, 2013, p. 112), que pode ter atuado no português numa forma popular como *ingreja*, por igreja. MORAES (2013, p.96)

Podemos encontrar na fala de certas pessoas, ou mesmo de certos dialetos, a ocorrência de nasalização em certos contextos de palavras onde comumente outros falantes não esperariam que ocorresse, como acontece com ‘*conzinha*’ ou ‘*amssim*’. CAGLIARI (2009, p. 93)

1.5.4.2 A regra do m antes do p e b

A análise da grafia dos alunos nas atividades revelou os contextos apresentados anteriormente e comprovou a existência da nasalidade na grafia dos alunos, mas também revelou que a regra do ‘m’ antes de ‘p’ e ‘b’ ainda não está firmada por esses alunos.

Só se usa ‘m’ antes de ‘p’ e ‘b’. Esta é uma regra fácil, mas mesmo assim, os registros da escrita de alunos do 7º ano revelam que o uso dessa regra ainda não está firmado e como consequência o uso do ‘n’ diante de ‘p’ e ‘b’ é uma realidade, conforme revelam os exemplos ‘*bonba*’ e ‘*tenperatura*’.

O uso da consoante nasal ‘m’ diante das consoantes bilabiais ‘p’ e ‘b’ é descrito como uma regra do português brasileiro que é também associada a grafia das vogais nasalizadas.

A nasalização da vogal, em final de sílaba não final de vocábulo, antes das consoantes [+ant, -cor] /p/ e /b/ que iniciem sílaba seguinte é codificada pela letra ‘m’; antes das demais consoantes, a nasalização é assinalada pela letra ‘n’.(...) No caso da codificação com “m”, a grafia também assinala o fenômeno da antecipação da bilabialização determinado pela coarticulação dos gestos bucais. SCLiar-CABRAL (2003, p.147-148)

Scliar-Cabral (2003, p.76) diz também que a representação gráfica da distribuição complementar das variantes das vogais nasalizadas condicionadas pela consoante que inicia a sílaba seguinte foi claramente registrada no sistema alfabético do português. Logo, se o uso do ‘m’ antes do ‘p’ e ‘b’ foi adotado como um princípio, sua transgressão ocasiona erro de ortografia.

A hipótese considerada para que o aluno transgrida esta regra é ausência de consciência fonológica. Acredita-se que quando o aluno não reconhece que /m/ e /n/ são pronunciados de maneiras diferentes, há maior possibilidade de ocorrer a troca de nasais como se vê na grafia das palavras ‘*bonba*’ e ‘*tenperatura*’.

Outro fator que colabora para que o aluno se atrapalhe quanto ao uso da regra é o fato das duas consoantes nasalizarem a vogal precedente, como afirma Scliar-Cabral (2003, p. 96). Ou seja, quando pronunciam as palavras ‘bomba’ e ‘temperatura’, o aluno realiza uma vogal nasalizada, mas não consegue perceber que há uma diferença na articulação das consoantes.

Logo, esse estudo considera que, por meio do desenvolvimento da consciência fonológica, o aluno poderá perceber que essas duas consoantes possuem características distintas e as chances de realizar a troca de ‘m’ por ‘n’ diante de uma consoante bilabial diminuirá.

Com base nos contextos apresentados e nos estudos das nasais no PB, decidimos elaborar um jogo que possibilitasse a diminuição dos erros ortográficos que são motivados pela transferência de elementos próprios da fala para a escrita.

2. METODOLOGIA

Para investigar o processo de nasalização que ocorre na oralidade e que é transferida para a escrita e, posteriormente, inferir pedagogicamente para a conscientização fonológica e para o aperfeiçoamento da escrita, elaboramos um jogo que se chama Batalha Nasal.

O jogo reúne três categorias de perguntas, *Linguagem, Cultura Sergipana e Entretenimento* e foi desenvolvido também para garantir a todos os alunos a possibilidade de ludicamente, ter um encontro com a linguagem num contexto que não exclui a sua variedade linguística, mas mostra que há outras possibilidades de falar e escrever palavras.

Para apresentar o processo de criação do jogo Batalha Nasal e facilitar a compreensão da pesquisa realizada, esta sessão apresenta o método de pesquisa e os tópicos **Procedimentos de Coleta de Dados e Criação do jogo Batalha Nasal**.

O primeiro tópico apresenta o procedimento de coleta de dados que faz a descrição dos sujeitos da pesquisa e o detalhamento da atividade diagnóstica, responsável por identificar as situações de interferências da fala por meio de nasalização na produção escrita dos alunos.

O segundo tópico está voltado para a apresentação do processo de criação do jogo *Batalha Nasal* contendo descrição, objetivos geral e específicos, estrutura e critérios usados na criação das cartas do jogo, e, por fim, há descrição da aplicação do jogo Batalha Nasal e o teste de saída, que avalia se o jogo foi relevante para o desenvolvimento da consciência fonológica e aprendizagem e aperfeiçoamento da escrita no que concerne às nasais.

2.1. Método de pesquisa

Para criar o jogo Batalha Nasal enquanto objeto de aprendizagem, esse estudo teve como base as ações de uma pesquisa colaborativa de natureza interventiva e interpretativa.

Sobre a pesquisa colaborativa Bortoni-Ricardo (2008, p.72) diz que esta tem como objetivo o desvelamento do que está dentro da ‘caixa preta’ na rotina dos ambientes

escolares, identificando processo que, por serem rotineiros, tornam-se ‘invisíveis’ para os atores que deles participam.

Para identificar os processos ‘*invisíveis*’, foram realizadas duas atividades que serão descritas na sessão *Procedimentos de Coleta de dados*. Selecionamos os dados das atividades realizadas com alunos do 7º ano do Ensino Fundamental II do Colégio Estadual Poeta José Sampaio (doravante CEPJS) e após a análise dos resultados, iniciamos o processo de criação do jogo e definição dos critérios para elaboração das cartas.

2.2 Procedimentos de Coleta de Dados

É sabido que as séries iniciais deveriam dar conta de desenvolver nos alunos os domínios da ortografia e que, ao chegar no fundamental maior, os estudantes deveriam já ter se apropriado do código da escrita. Mas a verdade é que muitos continuam se apoiando nos aspectos fonético-fonológicos. E, o professor, diante de uma ampla gama de erros ortográficos, tem dificuldade de descrevê-los e classificá-los para uma melhor intervenção. O professor tende a encarar todas as falhas como erros similares, não os agrupando ou qualificando para uma condução mais profícua à correção.

Dentre os erros frequentes nos textos dos alunos e passíveis de serem classificados está a troca do ‘m’ pelo ‘n’ ou vice-versa e a interferência da nasalidade presente na oralidade. Não é raro encontrarmos a presença de consoantes nasais ‘m’ e ‘n’ em contexto que morfologicamente não haveria motivação para o seu aparecimento. Entretanto, na maioria das ocorrências, percebemos que tratam de palavras que contemplam vogais que sofrem o processo de nasalização seja por assimilação do traço nasal de um segmento vizinho, seja por motivo não aparente, ou seja, não contemplado entre regras fonológicas do português que sugerem as causas e os contextos de nasalização.

Para comprovar as ocorrências e justificar a nossa intervenção, realizamos duas atividades. A análise dos resultados dessas atividades foi usada na criação do jogo *Batalha Nasal*.

A seguir, apresentamos o local e sujeitos da pesquisa e comentamos alguns aspectos relevantes do processo de coleta de dados que fundamentou o processo de intervenção pedagógica da pesquisa.

2.3 Sujeitos e Local da pesquisa

Os sujeitos que participaram como voluntários desta pesquisa foram alunos que estavam matriculados em duas turmas de sétimo ano do Ensino Fundamental II o 7º ano A e o 7º ano B, de uma escola estadual do Estado de Sergipe, o Colégio Estadual Poeta José Sampaio, que está localizado na cidade de Carmópolis/SE, distante da capital Aracaju 49,1km.

O CEPJS é a única escola estadual no município, cuja oferta se dá nos seguintes segmentos: ensino fundamental (anos iniciais e finais), ensino médio e educação para jovens e adultos. As atividades pedagógicas acontecem nos três turnos.

A maioria dos alunos moram no município, mas a escola recebe também alunos dos povoados vizinhos. Há também na escola um número considerável de alunos que nasceram em outros estados. No ano letivo de 2017, por exemplo, na turma do 7º B ano, estiveram matriculados alunos que vieram dos municípios de Arapiraca-AL, Penedo – AL, Alagoinhas- BA, Capela – SE, Estância – SE e Espirito Santo – ES. Alguns deles foram matriculados no início do segundo semestre.

As ações desta pesquisa foram realizadas entre os anos de 2016 e 2017 pelas duas turmas. O 7º A participou das ações realizadas em 2016 e o 7º B das realizadas em 2017.

A turma do sétimo ano A era formada por 16 alunos que estavam numa faixa-etária entre 12 e 17 anos. É possível perceber por esse dado que o desvio de idade-série é grande. Nesta turma, apenas um aluno declarou que estava cursando a série pela primeira vez.

A turma do sétimo ano B é composta por 22 alunos com uma faixa-etária entre 12 e 16 anos. Nesse grupo, nove alunos declaram que já haviam reprovado.

Todos os alunos que participaram das atividades propostas durante a pesquisa receberam informações sobre o projeto que estava sendo desenvolvido pela professora-pesquisadora oralmente e por escrito, bem como foram orientados no momento de aplicação das atividades.

2.4 Aplicação das Atividades de Sondagem

Para atestar as implicações da fala na escrita e confirmar a nasalização de algumas palavras nos textos produzidos pelos alunos, foram realizadas duas atividades de sondagem. Cada uma das atividades foi respondida por duas turmas de 7º ano em semestres diferentes.

Inicialmente, já haviam sido encontradas, em produções textuais dos mesmos, palavras como *indentidade*, *ingual* e palavras que demonstravam erro quanto a aplicação da regra do ‘m’ diante de ‘p’ e ‘b’ como *camto*, *lembamdo*.

As atividades foram respondidas pelos alunos em semestres diferentes e durante as aulas de Português.

2.4.1 Aplicação das Atividades de Sondagem 1

A primeira atividade realizada foi intitulada ‘Qual é a palavra?’ e reunia uma seleção de exemplos que deveriam ser desvendados. Não foi disponibilizado durante a realização da atividade dicionários, pois a intenção era comprovar a interferência da fala na escrita e o uso do dicionário nesse momento poderia atrapalhar o resultado.

Essa atividade foi respondida pela turma do 7º ano A e os alunos fizeram a atividade durante a aula de Português. Inicialmente, a professora explicou aos alunos que seria feita uma atividade na qual eles anotariam palavras a partir de pistas que ela daria. Sendo assim, para a realização da atividade, os alunos foram orientados a ouvir a pergunta e a escrever a resposta em uma folha em branco.

Em seguida, a professora disse a seguinte pista como exemplo “Essa palavra é o contrário de *diferente*” e logo em seguida perguntou a resposta aos alunos que responderam oralmente e foram orientados a escrevê-la no papel.

A partir desse momento, as outras pistas foram sendo ditas. Foram usadas nessa atividade doze pistas que tinha como respostas palavras alvo, ou seja, palavras que os alunos já demonstravam a realização da nasalização.

2.4.2 Resultados Preliminares atividade 1

Após analisar as respostas dos alunos na atividade, pode-se perceber que nas palavras como ‘*ingual*’, ‘*mendingo*’, ‘*conzinha*’, a inserção do traço nasal do [n] está ocorrendo com mais frequência em vogais seguidas de [g], [d] e [z]. Pode-se observar ainda que em algumas palavras, os alunos marcam o suposto alongamento da vogal usando a consoante nasal [m] ou [n] é o caso de ‘*irregular*’ e ‘*imrregular*’.

Pela análise das respostas dos alunos é possível afirmar também que a regra do ‘m’ diante de ‘p’ e ‘b’ ainda não está dominada pelos alunos.

Vejamos uma tabela com alguns exemplos da escrita dos alunos nesta primeira atividade.

CLASSIFICAÇÃO DOS ERROS					
PALAVRA ALVO	GRAFIAS	CONTEXTO	DESCRIÇÃO	DIAGNÓSTICO	HIPÓTESE
Bomba	bonba	Troca de 'n' por 'm' diante de [b]	/b/ - Consonante oclusiva bilabial sonora	Desconhecimento da regra de 'p' e 'b'	Ausência de consciência fonológica sobre ponto de articulação
Brincando	brimcando	Troca de 'n' por 'm' diante de [k]	/k/ - Consoante oclusiva velar surda	Desconhecimento da regra de 'p' e 'b'	Ausência de consciência fonológica sobre ponto de articulação
Candidato	canidato	Apagamento de 'd' diante de [i]	Apagamento de /d/ que tem o mesmo ponto de articulação de /n/ (alveolodental)	Interferência da oralidade ocasionada pelo processo de apagamento e ressilabação previstos pela fonologia do PB	Apagamento para acomodação linguística para realização de estrutura CV
Canto	camto	Troca de 'n' por 'm' diante de [t]	/t/ - Consoante oclusiva alveodental surda	Desconhecimento da regra de 'p' e 'b'	Ausência de consciência fonológica sobre ponto de articulação
Cotonete	'contonete'	Aparecimento de 'n' diante de [t]	/t/ - Consoante oclusiva alveodental surda	Interferência da oralidade ocasionada pelo processo de nasalização que ocorre na variedade dialetal da região	Traço de sonoridade, alongamento da vogal
Cozinha	'conzinha'	Aparecimento de 'n' diante de [z]	/z/ - Consoante fricativa alveodental sonora	Interferência da oralidade ocasionada pelo processo de nasalização que ocorre na variedade dialetal da região	Traço de sonoridade, alongamento da vogal
Igual	Ingual	Aparecimento de 'n' diante de [g]	/g/ - Consoante oclusiva velar sonora	Interferência da oralidade ocasionada pelo processo de nasalização que ocorre na variedade dialetal da região	Traço de sonoridade, alongamento da vogal
Irregular	inrregular imrregular	Aparecimento de 'm' ou 'n' diante de [r]	/r/ - Consoante fricativa velar sonora	Interferência da oralidade ocasionada pelo processo de nasalização que ocorre na variedade dialetal da região	Traço de sonoridade, alongamento da vogal e
Mendigo	mendingo	Aparecimento de 'n' diante de [g]	/g/ - Consoante plosiva velar sonora	Interferência da oralidade ocasionada pelo processo de nasalização que ocorre na variedade dialetal da região	Traço de sonoridade, alongamento da vogal

Quadro 1: Classificação dos erros na atividade de sondagem 1

2.5 Aplicação da atividade de sondagem 2

Como dissemos anteriormente, as ações desse projeto de pesquisa foram desenvolvidas entre os anos de 2016 e 2017 e tiveram como público alvo duas turmas de alunos de 7º ano do Ensino Fundamental II. Decidimos aplicar duas atividades porque os alunos do 7ª A, no ano seguinte, deixariam de fazer o projeto, uma vez que passariam para o 8º ano.

Com o propósito de verificar se encontraríamos na turma do 7º B os mesmos contextos de nasalização observados na atividade de sondagem 1, realizada com a turma do 7º A, ou se encontraríamos um resultado diferente, resolvemos elaborar mais uma atividade de sondagem. As ações dessa segunda atividade de sondagem estão descritas aqui.

Para a segunda atividade de sondagem elaboramos três questões escritas, já que na primeira o acesso às questões foi feito de forma oral. O objetivo, como já dissemos, era verificar se os contextos de nasalização se repetiriam e se haveria transgressão da regra do ‘m’ antes do ‘p’ e ‘b’.

Foram selecionadas para esta atividade palavras alvos, ou seja, palavras que já são nasalizadas na fala em algumas comunidades de fala. Aplicamos a atividade durante a aula de português. É importante dizer que as atividades desenvolvidas neste projeto já estavam descritas no planejamento da disciplina. Programou-se para a aplicação da atividade uma aula de 50 minutos.

Antes de começar a aplicação, a professora explicou aos alunos que eles fariam uma atividade e que esta fazia parte das ações do projeto de mestrado que estava sendo desenvolvido por ela.

Cada aluno recebeu uma cópia da atividade, a professora leu todos os enunciados das questões e todos os comandos foram detalhados. Assim como na primeira atividade de sondagem, os alunos não tiveram acesso ao dicionário. Por fim, informou que os alunos teriam 40 minutos para responder todas as questões.

As questões selecionadas para essa atividade estão descritas abaixo.

Questão 1: Observe as imagens abaixo e escreva a palavra correspondente a cada uma delas. As três figuras usadas na questão aparecem abaixo.

Como foi orientado no comando da questão os alunos observaram as imagens e só depois escreveram suas respostas. Na figura 1 havia uma seta indicativa direcionada para a ‘sobrancelha’ para evitar que os alunos se confundissem e fizesse o registro da palavra *olho*.



Figura 5: Imagens da 1ª questão da atividade de sondagem 2

Também para que não houvesse dúvida quanto a imagem que aparece na figura 3, uma cópia colorida da mesma foi colada na lousa da sala. Quando esta figura foi selecionada, não se considerou a possibilidade de o aluno registrar a palavra ‘*salame*’ e não ‘*mortadela*’ que era a resposta esperada. Isso só foi considerado quando um aluno perguntou se era para escrever salame ou mortadela. Para não induzir a resposta, foi dito que os alunos poderiam escrever qualquer uma das duas palavras. Veremos mais adiante a análise dessa questão, mas adiantamos que não houve registro da palavra *salame*.

Questão 2: Leia as palavras abaixo, escreva C para aquelas que estão escrita corretamente e I para aquelas que estão incorretas.

O objetivo desta questão é verificar se os alunos reconhecem a grafia de palavra com nasalização como corretas, já que na fala essa ocorrência já é legitimada.

Lembramos que, as palavras selecionadas para essa questão e todas as atividades de sondagem estão disponíveis no anexo desse relatório. Mas para exemplificar, listamos aqui as palavras ‘*reinvidicar*’ e “*reivindicar*” que aparecem na questão. Além de palavras alvo, foram listadas palavras como ‘*estripulia*’ e ‘*lagartixa*’ que serviram como distratoras. Os alunos não fizeram nenhum comentário durante a resolução da questão.

Questão 3: Leia as pistas e descubra a palavra.

Um dos objetivos dessa atividade era verificar se o grupo dos alunos do 7º B apresentaria palavras nasalizadas na escrita nas mesmas condições dos alunos que responderam a Atividade de sondagem 1 e outro era comprovar se a regra do ‘m’ diante de ‘p’ e ‘b’ está firmada ou não.

Por isso, elaboramos oito pistas com as mesmas características da ‘*Qual é a palavra?*’. Os alunos responderam todas as questões dentro do prazo programado de 40 minutos. Após o término, as atividades foram recolhidas e não foi feito nenhum comentário sobre as respostas.

O *feedback* da atividade ficou programado como atividade da 4ª unidade que sucede a aplicação do jogo. Optamos por dar uma devolutiva aos alunos depois da aplicação do jogo para não influenciar no resultado da aplicação do mesmo.

2.5.1 Resultados Preliminares da atividade 2

Como foi dito, o objetivo de aplicar mais uma atividade foi verificar se os alunos do 7 ano B também conheceriam a grafia das palavras na forma nasalizada como correta e se haveria transgressão da regra do ‘m’ antes de ‘p’ e ‘b’.

A constatação de que o aluno reconhece a grafia das palavras nasalizadas como a opção correta confirmaria nossa hipótese de que há uma transferência da fala para a escrita. Vejamos os resultados encontrados nas análises das questões 1 e 2 da atividade.

Na questão 1, os alunos deveriam observar as imagens de uma sobancelha, de uma igreja e de fatias de mortadela e escrever corretamente estas palavras. As imagens 1 e 3 foram selecionadas porque são exemplos de palavras que apresentam registros de nasalização na fala de diferentes regiões, não só na comunidade de fala observada. Logo, já era esperado que os alunos escrevessem essas palavras com a inserção de uma consoante nasal.

Nos gráficos abaixo são apresentados os percentuais de acertos e erros de cada palavra na questão. Nesta análise, foram consideradas erradas as palavras em que se observou a inserção de uma consoante nasal em contextos que estão motivando os desvios ortográficos no texto dos alunos. Outros erros ortográficos foram encontrados, mas não foram contabilizados.

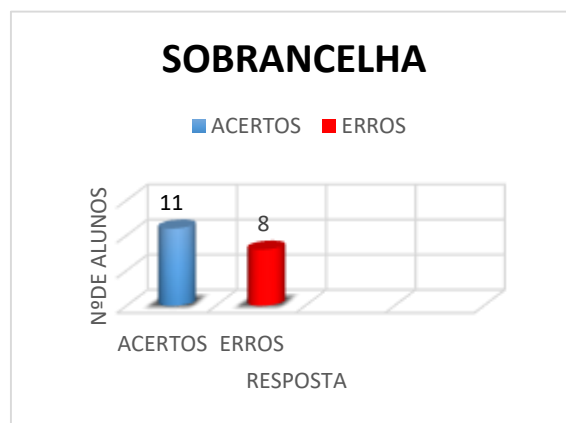


Gráfico 1: Dados das respostas dos alunos para a palavra ‘sobancelha’

No gráfico 1, o número de acertos e erros revela uma pequena diferença, mas podemos afirmar que a maioria dos alunos escreveu corretamente a palavra ‘sobancelha’.

Dos 19 alunos participantes, 6 escreveram que a palavra que representava a figura 1 era ‘sombrancelha’, e 2 escreveram que era ‘sonbrancelha’. O percentual de 48% de erros comprova a transferência da nasal da produção oral para a escrita.

Com a análise desta palavra e das outras que apareceram na atividade, passamos a considerar também outras hipóteses. Uma delas é que a nasalização motivada pela inclusão de uma consoante nasal na escrita está aparecendo com mais frequência em palavras que já trazem na sua estrutura uma consoante nasal, ou seja, por assimilação de contextos vizinhos.

Notem que a palavra *'sobrancelha'* tem uma consoante nasal na sílaba seguinte, e pode haver, fonologicamente, um espraçamento do traço +nasal da vogal que segue. Como já vimos há uma tendência das vogais que antecedem consoantes sonoras serem mais alongadas, é possível que esse alongamento favoreça o processo de nasalização.

Analisando ainda a grafia da palavra *'sobrancelha'*, percebemos que em duas ocorrências a nasalização aparece na escrita pela inclusão do /n/, como podemos observar em *'sonbrancelha'*. Chamamos, aqui, atenção para a utilização da regra do 'm' antes de 'p' e 'b' que também é nosso objeto de estudo.

Em contexto como esse, em que a regra do 'm' antes do 'p' e 'b' é transgredida, consideramos que a regra não está firmada pelo aluno e há uma ausência de consciência fonológica para o ponto de articulação das consoantes nasais.

Vamos ainda considerar a hipótese levantada para o aparecimento de uma consoante nasal na palavra *'sobrancelha'*, ou seja, a nasalização por inclusão de uma consoante nasal por influência da presença de outra nasal que já existe na palavra.

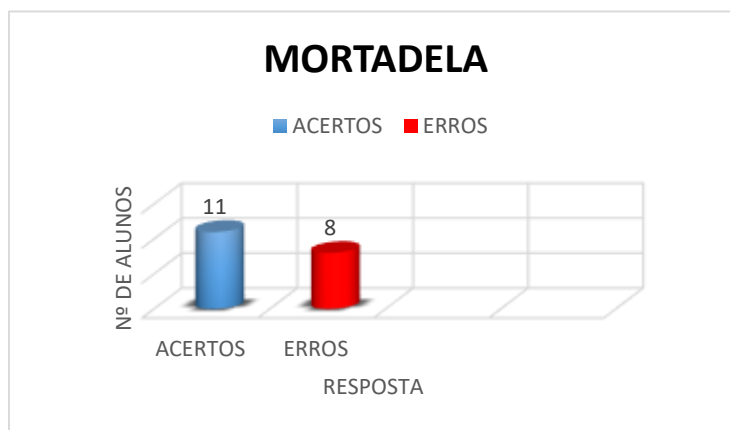


Gráfico 2: Dados da resposta dos alunos para a palavra mortadela

Na análise da palavra *'mortadela'* encontramos os mesmos percentuais observados em *'sobrancelha'*. Dos alunos que responderam a atividade 11 escreveram a palavra *'mortadela'* corretamente e 8 alunos grafaram *'mortandela'*, ou seja 48% dos alunos incluíram na grafia desta palavra uma consoante nasal.

Considerando que há na sílaba inicial da palavra *'mortadela'* uma consoante nasal e que há a inclusão de outra na sílaba seguinte que propicia a nasalização da palavra na

escrita, confirmamos a hipótese da nasalização na escrita por espraçamento do traço [+nasal] da consoante, mas neste caso, o espraçamento se dá em sentido inverso, da esquerda para a direita.

Chamamos ainda atenção para o fato de que em ‘*sombrancelha*’ e ‘*mortandela*’ a nasalização acontecer diante de consoantes sonoras, [b] e [d] o que comprovaria nossa hipótese do alongamento de vogais diante de consoantes sonoras.

Podemos então, com base nessas observações, dizer que há palavras que são nasalizadas na escrita por inclusão de consoante nasal quando já existe na palavra outra nasal e que isto acontece com mais frequência diante de consoantes sonoras.

Passemos agora para a análise da grafia da palavra ‘igreja’ no texto dos alunos.

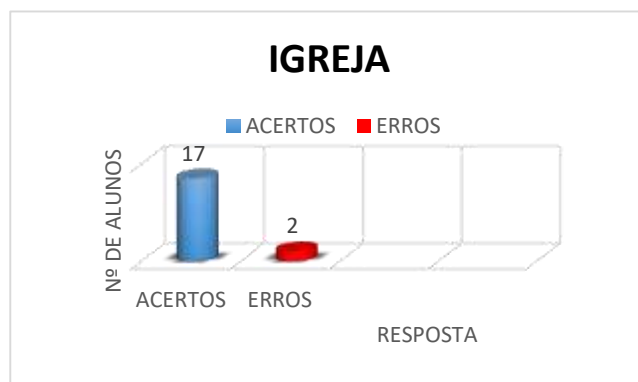


Gráfico 3: Dados da resposta dos alunos para a palavra igreja

Como podemos observar no gráfico 3, 17 alunos, a maioria, escreveram a palavra ‘igreja’ corretamente, isto mostra que a grafia desta palavra não foi um problema. Apesar de 2 alunos escreverem a palavra acrescentando uma consoante nasal.

Como foi dito anteriormente, com a análise desta questão passou-se a considerar outras hipóteses para o aparecimento de uma consoante nasal que propicia a nasalização na escrita.

Ao analisar a grafia da palavra ‘ingreja’, percebeu-se que esta palavra não se enquadra na hipótese anterior de que a nasalização estava ocorrendo por motivação de contexto vizinho, logo haveria outra motivação para que tais palavras fossem nasalizadas na escrita.

Considerou-se, então, que em outras palavras a nasalização na escrita aconteceria por influência da variação linguística do falante.

Na questão 2 os alunos deveriam assinalar com **C** as palavras que apresentassem grafia correta e com **I** aquelas que estivessem incorretas. Foram selecionados nove pares de palavras, sendo seis de palavras alvo e três de palavras distratoras.

A seguir são apresentados dois gráficos, um com o percentual de acertos e outro com o percentual de erros dos alunos na questão. Os números que aparecem ao lado da grafia das palavras indicam a quantidade de alunos que selecionaram aquela palavra. Para fins de análise, foram descritos apenas as respostas dos alunos para as palavras alvo.

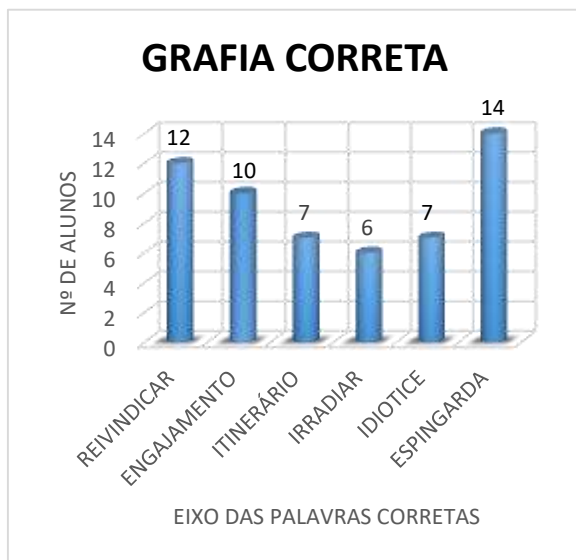


Gráfico 4: Percentual de acertos na questão 2 da atividade de sondagem 2

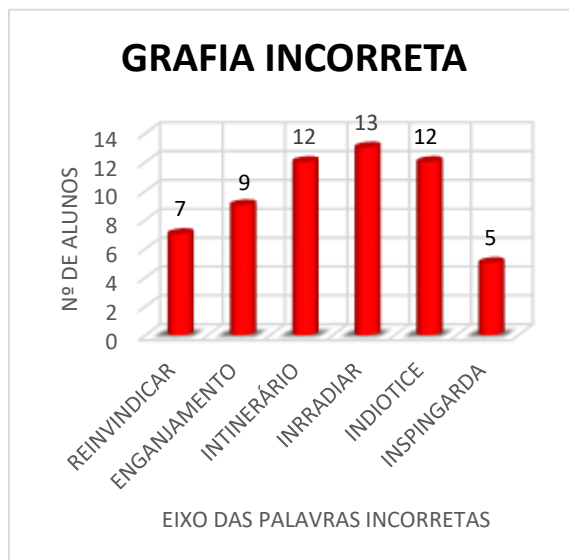


Gráfico 5: Percentual de erros na questão 2 da atividade de sondagem 2

A proposição da resolução da questão 2 tinha objetivo de verificar se o aluno reconhecia a grafia das palavras nasalizadas como corretas. Por isso, nos pares de palavras, com exceção das palavras ‘*espingarda*’ e ‘*inspingarda*’, aquela que deveria ser considerada incorreta foi elaborada propositalmente com um /n/.

No caso da palavra ‘*inspingarda*’, além da presença da consoante nasal, optou-se também por usar a vogal /i/ porque a grafia ‘*espingarda*’ com a vogal /e/ seguida /n/, poderia dar pistas de que esta seria a grafia incorreta. Olhando o gráfico, vemos que esta é a palavra com menor índice de erro na questão.

As palavras com maior incidência de erros foram ‘*intinerário*’, ‘*inrradiar*’ e ‘*indiotice*’. Dos 19 alunos participantes, 12 reconheceram a palavra ‘*intinerário*’ como correta, 13 acham que ‘*inrradiar*’ está grafada corretamente e 12 reconhecem a grafia de ‘*indiotice*’ como certa.

No conjunto formado por essas três palavras, apenas ‘*itinerário*’ já tem na sua estrutura uma consoante nasal e assim como acontece com as palavras ‘*sobrancelha*’ e ‘*mortadela*’ a nasalidade na escrita estaria sendo motivada pela presença da consoante nasal.

As palavras ‘*inrradiar*’ e ‘*indiotice*’ nos leva a analisar um contexto diferente para o aparecimento de nasalização na escrita. Inicialmente, consideramos que a inserção da

consoante nasal nessas palavras acontecia somente pela influência da variação linguística do falante, como em ‘ingreja’, mas essa possibilidade foi desconsiderada.

Ao analisar as semelhanças entre as duas palavras, percebemos que a vogal /i/ está sendo nasalizada e, neste contexto a inclusão da consoante nasal se justificaria pelo uso generalizado do prefixo {in-} que “perde o segmento nasal diante de lateral ou vibrante.” (BISOL 2013, p.114)

Outra palavra cujos dados chamam atenção é ‘enganjamento’. Embora, sonoramente, a forma como a palavra está escrita tenha causado estranhamento nos alunos que declararam que não nasceram em Sergipe, há nove registros que consideram que a grafia nasalizada é correta. A análise deste percentual revelou que a nasalização nesta palavra é motivada por associação dos contextos vizinhos, mas também há uma influência da variante linguística do falante.

A última questão da atividade 2, como já foi mencionado, foi elaborada no formato da atividade “Qual é a palavra?”. O comando da questão pedia para o aluno ler a pista e descobrir a palavra correspondente.

PISTA	RESPOSTA ESPERADA
<i>Aquilo que não tem fim</i>	INFINITO
<i>Primeiro período do dia</i>	MANHÃ
<i>O que os príncipes dos contos de fadas são</i>	ENCANTADOS
<i>Nomes dados a macaxeira</i>	MANDIOCA , AIPIM
<i>Aquele que não raciocina</i>	IRRACIONAL
<i>Serve para adoçar, mas não é açúcar</i>	ADOÇANTE
<i>Contrário de igualar</i>	DESIGUALAR

Quadro 2: Pistas da questão 3 – Atividade de sondagem 2

Neste conjunto de pista, as palavras ‘irrational’ e ‘desigualar’ foram selecionadas como palavras alvo, ou seja, aquelas em que se observaria a presença ou não de nasal na grafia dos alunos. Os resultados dos alunos estão reproduzidos nos gráficos a seguir.



Gráfico 6: N° de acertos e erros para a grafia da palavra desigualar.



Gráfico 7: N° de acertos e erros para a grafia da palavra irracional

O percentual de erros nas duas palavras alvo, assim como na Atividade 1, mostrou que estes são contextos problemáticos para o aluno e confirma que o aluno pode estar considerando como possível o uso do prefixo IN.

Quanto ao uso da regra do /m/ antes de /p/ e /b/, observou-se desvio apenas na grafia das palavras ‘infinito’ e ‘encantado’. Os dados com a resposta dos alunos para estas palavras estão nos gráficos 8 e 9.



Gráfico 8: N° de acertos e erros para a grafia da palavra encantado.



Gráfico 9: N° de acertos e erros para a grafia da palavra infinito

Os dados mostram que a maioria dos alunos escreveram corretamente as palavras, mas o percentual de alunos que trocaram o /n/ por /m/ revela que ainda não internalizaram a regra de m, diante de p e b e, que no nível articulatório, há uma falta de consciência fonológica para o ponto de articulação dessas duas consoantes, já que as vogais /e/ e /i/ são nasalizadas nos dois contextos.

As análises dessas duas atividades possibilitaram a categorização dos erros mais aparentes na grafia dos alunos que, para uma melhor análise, foram distribuídos nos contextos abaixo relacionados:

- Nasalização por assimilação do traço [+nasal] de uma consoante nasal que já existe na estrutura da palavra.
- Nasalização motivada por transferência de elementos próprios da oralidade do falante para a escrita.
- A nasalização da vogal /i/ por associação do uso do prefixo IN
- Não internalização da regra de m diante de p e b e ausência de consciência fonológica para o ponto de articulação das consoantes nasais que motiva o desvio da regra do ‘m’ diante de ‘p’ e ‘b’.

Após listar os contextos mais propícios para a ocorrência de nasalização na escrita dos alunos e confirmar que a regra do ‘m’ antes do ‘p’ e ‘b’ ainda não está firmada. Deu-se início o processo de criação do jogo *Batalha Nasal* que será descrito a seguir.

2.6 Criação do jogo Batalha Nasal

O jogo Batalha Nasal⁷ é uma proposta de intervenção pedagógica que tem a finalidade de reduzir os casos de desvios ortográficos motivados pela interferência da fala e, ainda, sanar dúvidas sobre uso de m antes do p e b.

A partir da análise das dificuldades que os alunos apresentaram nas atividades, indagou-se a possibilidade de desenvolver a consciência fonológica para facilitar o entendimento da regra do “m” antes do “p” e “b” e também reduzir a ocorrência de nasalização na escrita por meio de jogos.

Como o Colégio Estadual Poeta José Sampaio, instituição onde foi realizada a pesquisa não dispõe de um local amplo para os alunos brincarem no intervalo, muitos preferem ficar dentro das salas jogando cartas, dominó ou dama. Foi, então, a partir dessa observação do comportamento dos alunos nos intervalos das aulas que se concretizou a ideia da construção do jogo Batalha Nasal com o intuito de inseri-lo no processo de ensino aprendizagem.

Estudos revelam que há um ganho efetivo na aprendizagem da escrita quando esta vem relacionada à prática de jogos.

(...) eles podem ser poderosos aliados para que os alunos possam refletir sobre o sistema de escrita, sem, necessariamente, serem obrigados a realizar treinos enfadonhos e sem sentido. Nos momentos de jogo, as crianças mobilizam saberes acerca da lógica de funcionamento da escrita, consolidando aprendizagens já realizadas ou se apropriando de novos conhecimentos nessa área. Brincando, elas podem compreender os princípios de funcionamento do sistema alfabético e podem socializar seus saberes com os colegas. (LEAL 2009, p.13-14)

Macedo (1995) diz que o caráter coletivo nos jogos de regra é algo que é original e próprio dessa estrutura de jogos. Sobre esse estilo de jogo, autor diz ainda que:

(...) o jogo de regra é um jogo de significados em que o desafio é ser melhor que si mesmo ou que o outro. Desafio que se renova a cada partida porque vencer uma não é suficiente para ganhar a próxima. Assim, os jogos de regra em uma perspectiva funcional valem por seu caráter competitivo. (MACEDO 1995, p.8)

⁷ O nome *Batalha Nasal* é uma referência ao famoso jogo de tabuleiro, Batalha Naval, no qual dois jogadores tinha que adivinhar em que quadrados estavam os navios do oponente. Embora tenham nomes parecidos, os jogos são distintos tanto na composição do tabuleiro e peças quanto na sua forma de jogar.

A criação do jogo se iniciou após a realização e análise das atividades que revelou que na escrita dos alunos aparecem: (1) marcas de nasalização, (2) transgressões da regra do ‘m’ diante de ‘p’ e ‘b’, que poderiam ser evitadas se houvesse a percepção que a consoante nasal ‘m’ se realiza no mesmo ponto de articulação em que são realizadas as consoantes p’ e ‘b’.

Diante dos resultados encontrados, essa intervenção pedagógica pensou em um jogo coletivo que promovesse a interação dos alunos e permitisse ao mesmo tempo o desenvolvimento da consciência fonológica como ferramenta para o domínio das representações ortográficas e a redução dos erros ortográficos ocasionados pela interferência da fala na escrita.

2.6.1 Descrição

Batalha Nasal é um jogo destinado a alunos do 7º ano do Ensino Fundamental e/ou alunos de outros períodos que, durante o processo de aprendizagem, apresentem lacunas ortográficas atreladas à dificuldade na correspondência entre a fala e a escrita e que possam ser sanadas pela reflexão sobre motivações fonéticas. Para isso foi feita uma adaptação do clássico jogo de tabuleiro *Trivial Pursuit* que seleciona perguntas de diferentes temas para testar o conhecimento dos jogadores de forma divertida.

O jogo adaptado é composto das seguintes categorias: linguagem, cultura sergipana e entretenimento.

A categoria linguagem é constituída de perguntas que representam os problemas que foram observados na escrita dos alunos e palavras que representem outras situações da escrita.

Já a categoria cultura sergipana conta com questões que trazem elementos representativos da cultura popular e ainda exemplares das variantes próprias do falar sergipano para que se possa trabalhar a variação linguística.

As perguntas sobre música, televisão e esporte, fazem parte da categoria entretenimento e servem como distratoras para que os alunos se interessem pelo jogo.

É importante salientar que o desenvolvimento desse produto atende ao Referencial Teórico do Estado de Sergipe que sugere que os alunos devem valorizar as variedades do português brasileiro como elemento de identidade cultural e devem se apropriar da língua

portuguesa como veículo de interação dialógica, processando diferentes tipos de mensagens de modo coerente e claro conforme os diferentes gêneros textuais.

2.6.2 Estrutura física

O jogo conta com um tabuleiro, um dado, cartões de perguntas e respostas, cartas de ajuda e quatro pinos. O tabuleiro é formado por uma pista que é percorrida pelos jogadores e algumas “casas” sinalizadas com uma cor específica da categoria.

As cartas perguntas têm pontuação que variam de acordo com a categoria. Sendo assim distribuídas:

- Cartas da categoria linguagens: 20 pontos.
- Cartas da categoria cultura sergipana: 10 pontos.
- Cartas da categoria entretenimento: 5 pontos.

2.6.3 Ideia geral sobre o jogo

▪ Objetivo do jogo

O objetivo do jogo é alcançar a linha de chegada com o maior número de pontos e para ganhá-los é preciso acertar as perguntas que aparecem na carta de cada categoria.

▪ Objetivo de aprendizagem

Desenvolver a consciência fonológica e, conseqüentemente diminuir os erros ortográficos que são ora motivados, ora mascarados pela oralidade.

▪ Regras do Jogo (passo a passo)

Antes de começar a partida cada jogador recebe duas cartas de ações e sorteiam quem será o primeiro a iniciar o jogo.

O jogo começa com o lançamento do dado e o primeiro jogador caminha pela pista o número de casas correspondente ao que aparece na face virada para cima do dado.

Quando o jogador parar em uma das casas que representam as categorias linguagens, cultura sergipana e entretenimento deverá sortear uma carta de pergunta e respondê-la. Caso acerte a resposta pontua e tem o direito de jogar mais uma vez, caso contrário deverá permanecer no mesmo lugar e perde a vez de jogar. Lembrando que o jogador pode utilizar uma das suas cartas de ação durante o jogo.

O vencedor será aquele que responder corretamente as perguntas e alcançar primeiro a linha de chegada.

Para a criação das regras do jogo, foram considerados os seguintes critérios:

- 1) Apresentar para os alunos um conjunto de perguntas que proporcionasse ao mesmo tempo a aprendizagem e a diversão.
- 2) Permitir que os alunos façam auto-avaliação, analisando seu desempenho no final do jogo.
- 3) Propor a interação entre os jogadores e a participação ativa durante todo o jogo.

2.6.4 Critérios para criação das cartas do jogo

As cartas do jogo *Batalha Nasal* apresentam três categorias: *Linguagem*, *Cultura Sergipana* e *Entretenimento*.

Para criar essas cartas foram considerados os aspectos característicos de cada categoria. Sendo assim, para as cartas da categoria *Linguagem* foram considerados os aspectos fonético-fonológicos da linguagem, o processo de criação da consciência fonológica e o uso das variantes linguísticas presentes na fala sergipana, que estão propiciando a nasalização de algumas palavras.

Para a categoria *Cultura Sergipana*, considerou-se as informações sobre a culinária, folclore e principais festejos da região. Já para as cartas da categoria *Entretenimento*, levou-se em conta as músicas, os esportes e os programas de televisão que fazem parte do universo do público alvo.

Quanto ao layout, as cartas apresentam na parte superior o nome da categoria, indicação do cartão resposta, a pergunta, pontuação, logomarca do jogo e cor específica da categoria. Em relação a cor, as categorias estão assim divididas: linguagem (laranja), cultura sergipana (amarelo) e entretenimento (marrom).



Figura 6: Elementos da carta de pergunta

- Cartas de linguagem:

Observando as palavras que apresentaram maior incidência de nasalização na grafia dos alunos, percebemos três características interessantes:

- 1) A nasalização das palavras está acontecendo com mais frequência quando já há na palavra a presença de uma consoante nasal, logo acreditamos que a presença dessa nasal estaria motivando a ocorrência de nasalização em palavra como ‘indentidade’, ‘cunzinha’ e ‘sombancelha’, para identidade, cozinha e sobancelha, respectivamente.
- 2) Há palavras em que a nasalização é motivada por transferência de elementos próprios da oralidade do falante para a escrita.
- 3) É o caso das palavras que generalizam o uso do prefixo {in-} ou ainda ‘inregular’, ‘ingreja’, ‘inlegal’,

Consideramos estas características para elaborar as cartas de *Linguagem*. Esta é a categoria que apresenta o maior número de palavras. No total foram elaboradas 50 perguntas relacionadas ao estudo das vogais nasais na fonética do PB, situações de nasalização acima, uso do prefixo IN e suas variações, além de perguntas relacionadas ao uso da regra do ‘m’ antes do ‘p’ e ‘b’.

A escolha das perguntas que formam essa categoria considerou os resultados das atividades e o nível educacional do público alvo.

Vejamos a seguir um exemplo da carta de pergunta dessa categoria.



Figura 7: carta de linguagens

▪ Cartas de Cultura Sergipana:

Para elaboração das perguntas dessa categoria foi feita uma pesquisa no conteúdo *on line* dos arquivos públicos do Estado de Sergipe, mas especificamente, nos sites das prefeituras dos municípios sergipanos.

Priorizou-se, no entanto, as informações que faziam referências à cultura dos municípios do Vale do Cotinguiba do qual faz parte o município de Carmópolis, cidade onde está localizada o Colégio Poeta José Sampaio, local das ações interventivas.



Figura 8: Imagem da carta de Cultura Sergipana

▪ Cartas de entretenimento:

As cartas de entretenimento no jogo Batalha Nasal trazem perguntas do universo musical, sobre esporte, cinema e televisão. Para selecionar as perguntas dessa categoria, levou-se em consideração as informações de domínio público e amplamente divulgadas pelos meios de comunicação que os alunos tinham acesso, tais como: emissoras de rádio, internet, redes sociais e televisão.



Figura 9: Carta de Entretenimento

- Carta de ajuda:

No jogo *Batalha Nasal*, as opções foram elaboradas a fim de auxiliar as tomadas de decisão do jogador no momento da dúvida entre as alternativas apresentadas ou decidir pela troca da carta por outra de mesma categoria.

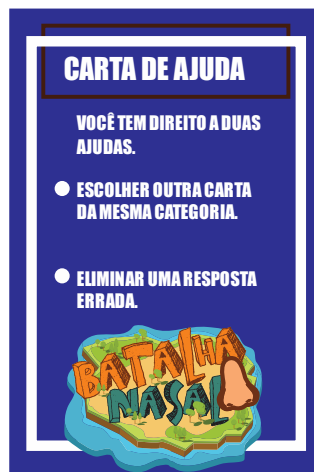


Figura 10: Carta de ajuda

2.6.5 O Tabuleiro do jogo

Uma das características de tabuleiro de jogo é mobilizar os conhecimentos prévios de quem irá jogar e apresentar a trajetória que o participante deve seguir para vencer o desafio.

O tabuleiro de jogo de damas, por exemplo, está dividido em quadros que permitem a movimentação das peças para frente e para as extremidades. Já o tabuleiro do *Trivial Pursuit*, jogo que serviu de modelo inicial para a criação do *Batalha Nasal*, tem o formato de uma pizza com um círculo no centro que deve ser alcançado pelos participantes, além das cores e ícones representativos das categorias de perguntas.

Inicialmente, criou-se um protótipo da pista que era formado apenas pelas casas com as cores representativas de cada categoria e suas respectivas legendas. O trabalho com os recursos visuais foi motivado pela intenção de despertar no participante a vontade de jogar.

Assim na versão final, o jogador já tem a ideia de que participará de uma “*batalha*”, ou seja, uma corrida. Este efeito é garantido pela presença da pista com seus pontos de largada e chegada, além dos outros elementos visuais que compõem o tabuleiro: a Montanha Nariz, a logomarca do jogo, as cores da pista, o helicóptero que sobrevoa a ilha, as árvores, bem como o a identificação da *Ilha Narizlândia* dá a ideia de que se viverá uma grande aventura.

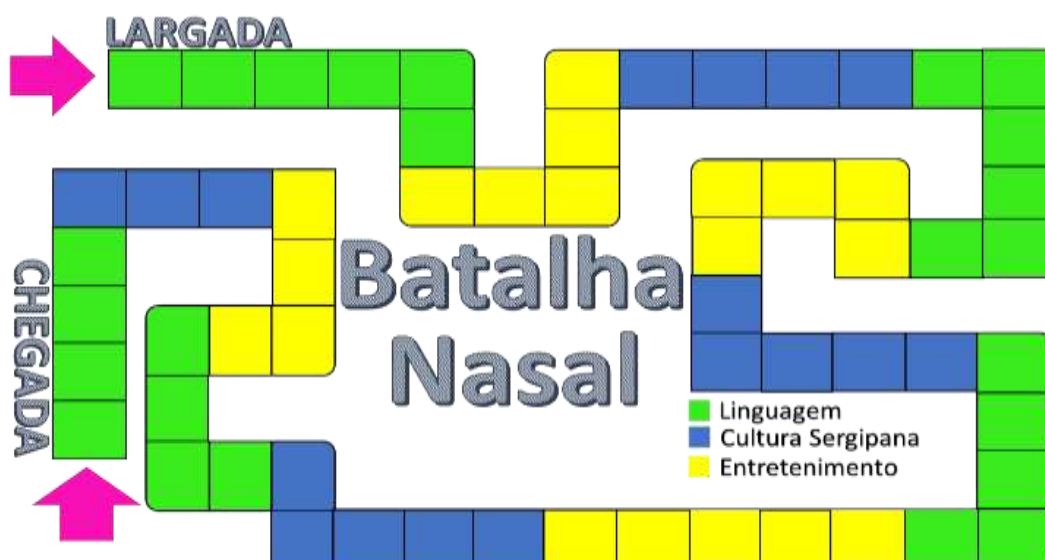


Figura 11: Primeira versão do tabuleiro do jogo



Figura 102: Versão final do tabuleiro do jogo

2.7 Aplicação do jogo

O jogo *Batalha Nasal* foi desenvolvido para ser usado como ferramenta pedagógica que auxilia na redução de erros ortográficos motivados pela presença de nasalidade, traço marcante principalmente na variante linguística de falantes do Nordeste, e ajuda a fixar a regra do ‘m’ antes do ‘p’ e ‘b’. A seguir serão descritas as ações realizadas durante a aplicação do jogo.

A aplicação do jogo aconteceu nos dias 14, 16 e 22 de novembro de 2017. No início do segundo semestre letivo, no dia 19 de outubro de 2017 a professora-pesquisadora convidou os alunos do 7º B do Ensino Fundamental II para participarem da atividade de aplicação do jogo *Batalha Nasal*, no mesmo momento explicou que estava desenvolvendo um jogo para ser usado como objeto de aprendizagem nas aulas e que precisava de voluntários da turma para jogá-lo em turno contrário.

A decisão de convidar os alunos para comparecerem no turno da manhã aconteceu em virtude do comprometimento das aulas previstas no calendário escolar causado pelos feriados e paralizações nos dias em que acontecem as aulas de português na turma.

É importante salientar que o jogo estava descrito no planejamento curricular do semestre como atividade, mas o ensino dos outros conteúdos programáticos estava comprometido pelos motivos já citados, por isso, pensou-se em realizar a aplicação no turno contrário e, no horário regular, ministrar os conteúdos previstos no currículo evitando que os alunos fossem ainda mais prejudicados.

Os alunos foram convidados a comparecer à escola no período de 8h às 11h nos dias citados anteriormente. A maioria dos alunos mora próximo à escola, mas para aqueles que moram nos povoados vizinhos foi disponibilizado o transporte escolar.

Houve vinte e duas adesões ao convite para jogar o *Batalha Nasal*. Contudo, para fins de pesquisa, foi solicitado aos alunos que se dividissem em duplas. A decisão de selecionar dois alunos por partida, motivou-se pela necessidade da professora-pesquisadora de acompanhar as partidas e simultaneamente colher as informações que seriam usadas nesta análise.

Para registrar as informações de cada partida, foi elaborada uma ficha de acompanhamento contendo os seguintes campos: nome dos participantes, espaços para escrita e comentários do aluno, tabelas por categoria de pergunta para marcação dos acertos e erros. A ficha de acompanhamento está no anexo deste relatório.

Depois da definição das duplas foi definido por meio de sorteio o dia que cada uma deveria comparecer à escola. Assim, para o dia 14 de novembro de 2017 foram sorteadas quatro duplas, para o dia 16, mais quatro e para dia 22 as últimas três duplas. Somando um total de onze partidas.

O esquema a seguir mostra a sequência de ações realizada em cada partida.

ESQUEMA DA SEQUÊNCIA DE AÇÕES DAS PARTIDAS

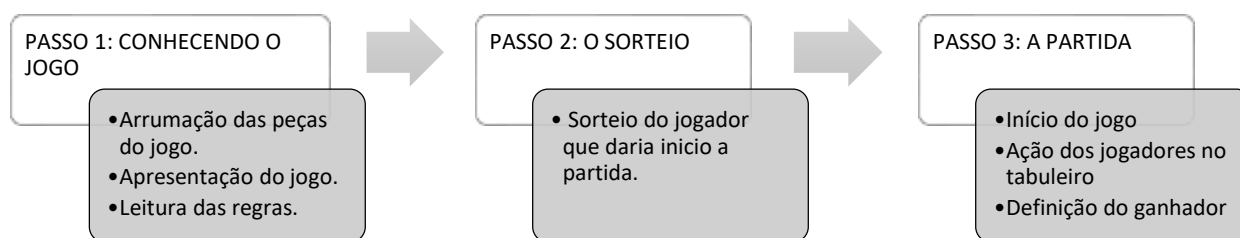


Figura 13: Esquema da sequência de ações das partidas

PASSO 1: Conhecendo o jogo.

Este primeiro passo é dividido em três ações: arrumação das peças e apresentação do jogo e leitura das regras.

- Arrumação das peças

Antes do início de cada partida, o tabuleiro, as cartas, os pinos e os dados foram arrumados em cima de uma mesa. A organização das cartas para o momento do jogo foi feita da seguinte maneira: as cartas-perguntas foram organizadas por categoria e colocadas ao lado do tabuleiro, já as cartas-respostas foram dispostas em ordem decrescente.

- Apresentação do jogo e leitura das regras:

O *Batalha Nasal* em sua descrição é um jogo de ação que pode ser jogado por uma dupla de jogadores que se enfrentam na batalha para ver qual dos dois alcançará primeiro a linha de chegada ou até por quatro participantes. Cada jogador deve percorrer as casas do tabuleiro após o lançamento de um dado e ao longo deste percurso sortear perguntas referentes às categorias *linguagens*, *cultura sergipana* e *entretenimento*.

A professora disse a cada aluno que o jogo tem três finalidades: promover diversão, auxiliá-los na redução de erros ortográficos ocasionado pela inclusão de um consoante nasal, como acontece quando grafam a palavra ‘*inlegal*’ e também ajudar a firmar a regra do ‘m’ antes do ‘p’ e ‘b’.

Logo após esta informação foram lidas as regras. A professora informou que as categorias *linguagens*, *cultura sergipana* e *entretenimento*, valem, 20, 10 e 5 pontos,

respectivamente, e cada resposta correta garante que o participante avance as casas e alcance a linha de chegada.

Os participantes foram informados que ao longo da partida, cada um poderia ainda usar dois recursos: 1. Trocar a carta sorteada por outra da mesma categoria; 2. Pedir para eliminar uma resposta errada nas perguntas de múltipla escolha.

E, finalmente, seria declarado vencedor da partida aquele que conseguisse alcançar primeiro a linha de chegada.

Os participantes também foram informados que eles teriam acesso ao texto escrito nas cartas para que pudessem ler as perguntas e as respostas, mas também poderiam pedir auxílio da professora para realizar as leituras.

Quanto à leitura das cartas, é importante dizer que todas as cartas sorteadas foram primeiro lidas pelos alunos e em seguida pela professora conforme a orientação anterior.

PASSO 2: O sorteio

Depois de o jogo ser apresentado, as regras foram lidas. Decidiu-se a primeira dupla a jogar, tirando a sorte no par ou ímpar.

PASSO 3: As partidas

As partidas se iniciaram logo após a decisão do vencedor do *par ou ímpar*. Os participantes sortearam e responderam às perguntas das categorias de acordo com a cor da casa em que paravam depois de lançar o dado. Vale lembrar que no tabuleiro as categorias *Linguagem*, *Cultura Sergipana* e *Entretenimento* estão representadas pelas cores laranja, amarelo e marrom, respectivamente.

A carta sorteada pelo aluno não voltava ao jogo e apenas aquele que a sorteou tinha a chance de respondê-la. Se o jogador acertava a resposta da carta seguia no jogo, mas se errava, perdia a vez de jogar. Esta sequência se repetia até que um dos jogadores alcançasse a linha de chegada.

Enquanto uma dupla de aluno jogava, as outras que haviam sido sorteadas para o mesmo dia aguardaram na biblioteca, para esse momento de espera foi disponibilizado revistas em quadrinhos, livros paradidáticos e dois conjuntos do jogo dama e um dominó.

Foram realizadas onze partidas e antes do início de cada uma, as ações descritas foram realizadas. Quando outra dupla iniciava o jogo, as cartas eram reorganizadas e aquelas que haviam sido sorteadas na partida anterior voltavam a fazer parte do conjunto podendo ser sorteada por outro aluno. Sendo assim, a pergunta poderia ser respondida por vários participantes, mas em partidas diferentes.

3. RESULTADOS

Nesta seção, relembremos a descrição do *Batalha Nasal*, apresentamos a organização dos alunos-participantes antes da aplicação do jogo, as orientações do professor sobre as regras que deveriam ser seguidas, e, por fim, a análise das respostas dos participantes. Mais adiante, há também uma análise comparativa dos dados recolhidos nas atividades e os resultados da atividade de saída que foi realizado após a aplicação do *Batalha Nasal*.

O *Batalha Nasal* em sua descrição é um jogo de ação que pode ser jogado por até quatro participantes que devem percorrer as casas do tabuleiro após o lançamento de um dado e ao longo deste percurso sortear perguntas referentes às categorias *linguagens*, *cultura sergipana* e *entretenimento*, que valem, respectivamente, 20, 10 e 5 pontos.

As respostas corretas às perguntas de cada categoria garantem que o participante avance as casas e alcance a linha de chegada. Ao longo da partida, cada participante pode ainda usar dois recursos: 1. Trocar a carta sorteada por outra da mesma categoria ou 2. Pedir para eliminar uma resposta errada nas perguntas de múltipla escolha. O vencedor da partida é aquele que consegue alcançar primeiro a linha de chegada.

A aplicação do jogo aconteceu nos dias 14, 16 e 22 de novembro de 2017. No início do segundo semestre letivo, no dia 19 de outubro de 2017 a professora-pesquisadora convidou os alunos do 7º B do Ensino Fundamental II para participarem da atividade de aplicação do jogo *Batalha Nasal*, no mesmo momento explicou que estava desenvolvendo um jogo para ser usado como objeto de aprendizagem nas aulas e que precisava de voluntários da turma para jogá-lo em turno contrário.

A decisão de convidar os alunos para comparecerem no turno da manhã aconteceu em virtude do comprometimento das aulas previstas no calendário escolar causado pelos feriados e paralizações nos dias em que acontecem as aulas de português na turma.

É importante salientar que o jogo estava descrito no planejamento curricular do semestre como atividade, mas o ensino dos outros conteúdos programáticos estava comprometido pelos motivos já citados, por isso, pensou-se em realizar a aplicação no turno contrário e no horário regular ministrar os conteúdos previstos no currículo evitando que os alunos fossem mais prejudicados.

Os alunos foram convidados a comparecer à escola no período de 8h às 11h nos dias citados anteriormente. A maioria dos alunos mora próximo à escola, mas para aqueles que moram nos povoados vizinhos foi disponibilizado o transporte escolar.

Houve vinte e duas adesões ao convite para jogar o *Batalha Nasal*. Contudo, para fins de pesquisa, foi solicitado aos alunos que se dividissem em duplas. A decisão de selecionar dois alunos por partida, motivou-se pela necessidade da professora-pesquisadora de acompanhar as partidas e simultaneamente colher as informações que seriam usadas nesta análise.

Para registrar as informações de cada partida, foi elaborada uma ficha de acompanhamento contendo os seguintes campos: nome dos participantes, espaços para escrita e comentários do aluno, tabelas por categoria de pergunta para marcação dos acertos e erros.

Foram realizadas onze partidas e antes do início de cada uma, os alunos decidiram que seria o primeiro a jogar tirando a sorte no *par ou ímpar*. A professora leu as regras do jogo e disse também que os participantes teriam acesso ao texto escrito nas cartas para que pudessem ler as perguntas e as respostas, mas também poderiam pedir auxílio da mesma para realizar as leituras.

Quanto a leitura das cartas, é importante dizer que as cartas sorteadas foram primeiro lidas pelos alunos e em seguida pela professora conforme a orientação anterior, com exceção das cartas

Cada participante sorteava e respondia a pergunta das categorias de acordo com a cor da casa em que paravam depois de lançar o dado. Vale lembrar que no tabuleiro as categorias *linguagem*, *Cultura Sergipana* e *Entretenimento* estão representadas pelas cores laranja, amarelo e marrom, respectivamente. A carta sorteada pelo aluno não voltava ao jogo e apenas aquele que a sorteou tinha a chance de respondê-la. Se o jogador acertava a resposta da carta seguia no jogo, mas se errava perdiam a vez de jogar. Esta sequência se repetia até que um dos jogadores alcançasse a linha de chegada.

Quando outra dupla iniciava o jogo, as cartas eram reorganizadas e aquelas que haviam sido sorteadas na partida anterior voltavam a fazer parte do conjunto podendo ser sorteada por outro aluno. Sendo assim, a pergunta poderia ser respondida por vários participantes, mas em partidas diferentes.

A organização das cartas para o momento do jogo foi feita da seguinte maneira: as cartas-perguntas foram organizadas por categoria e colocadas ao lado do tabuleiro, já as cartas-respostas foram dispostas em ordem decrescente.

3.1 Análise das respostas da categoria linguagens

Como um dos objetivos da criação do jogo era propiciar a redução dos erros ortográficos motivados pela presença inesperada de nasalização, assim como auxiliar os alunos a firmarem a regra do ‘m’ antes do ‘p’ e ‘b’, esta análise se restringe a contabilizar os resultados encontrados na categoria linguagens.

A seleção das palavras para compor esta categoria foi feita a partir dos resultados encontrados nas atividades 1 e 2. A primeira atividade foi composta por um conjunto de 13 charadas que deveriam ser desvendadas pelos alunos. Como por exemplo, “Que palavra é o contrário de regular?” A resposta esperada era a palavra *irregular*, mas na análise das respostas dos alunos encontramos as formas “*inrregular*”, “*inregular*”, “*imrregular*”.

A segunda atividade contou com a seleção de três questões que buscavam confirmar a ocorrência de nasalização na escrita. A descrição completa das atividades está na seção *Procedimento da coleta de dados*.

Para fins de análise, as 50 perguntas desta categoria foram divididas por temas que ficaram assim distribuídos:

- ✓ Nasalização na escrita: 21 perguntas
- ✓ Identificação das vogais e consoantes nasais: 13 perguntas
- ✓ Regra do m antes do p e b: 16 perguntas.

3.1.1 Perguntas sobre nasalização na escrita

A ocorrência de nasalização é uma característica marcante na fala nordestina. As atividades realizadas nesta pesquisa comprovaram que há uma interferência da fala na escrita que é caracterizada pela inclusão de uma consoante nasal em palavras como *indentidade*, *cunzinha*, *inregular*, ocasionando erros de grafia.

As perguntas da categoria linguagens que aborda a ocorrência de nasalização na escrita por interferência da fala, buscam reduzir a presença desta nasal na escrita dos alunos. Para isso, foram selecionadas das atividades as palavras que os alunos revelaram uma inclinação para a nasalização na escrita.

Com a seleção dessas palavras, esperava-se que o aluno refletisse sobre as possibilidades de escrita e de oralidade destas, para então perceber que há uma diferença entre essas duas modalidades da língua. Ou seja, esperava-se que o aluno percebesse que o aparecimento das palavras supracitadas ocorre na fala em algumas variantes linguísticas, mas não na escrita.

Quanto a divulgação das respostas, foi enfatizado que o aluno deveria prestar atenção a todas as repostas porque as mesmas traziam dicas que poderiam ajudá-los em outras questões. É importante que a leitura da carta de resposta seja feita pelo professor, pois é nesse momento que se realizar efetivamente a ação pedagógica, já que no momento da resposta é explicado ao aluno porque ele acertou ou errou a questão.

Como foi dito acima, das 50 questões da categoria linguagem, 20 tratam sobre a ocorrência de nasalização na escrita. Considerando o número de participantes na aplicação do jogo, constatamos que 21 alunos responderam pelo menos uma pergunta sobre nasalização durante o jogo.

Após os esclarecimentos anteriores, passamos para a análise das respostas dos alunos para as perguntas sorteadas.

▪ **Questão 1:** Qual a escrita correta? Identidade ou indentidade?

A escolha da palavra identidade para esta questão, justifica-se pelo fato desta aparecer com frequência na escrita dos alunos na atividade que foi realizada antes da aplicação do jogo com o /n/ na primeira sílaba.

A questão 1 foi sorteada e respondida por quatro alunos em partidas diferentes, ou seja, os jogadores não tiveram acesso a pergunta ao mesmo tempo.

Na carta de resposta desta questão está escrito que a forma correta é *identidade*. A ocorrência da palavra '*indentidade*' é comum em algumas variantes, mas na escrita ela não existe.

Observe os resultados encontrados no gráfico 10.

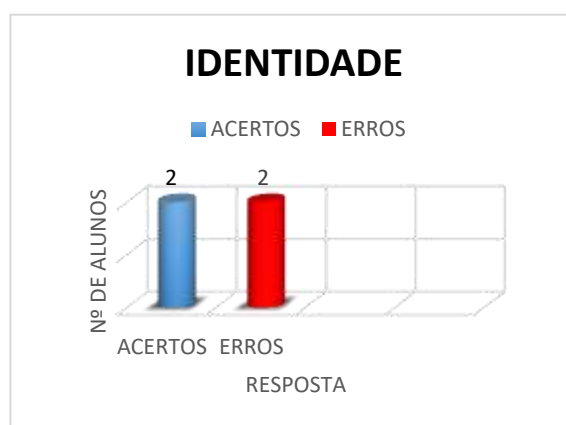


Gráfico 10: Nº de acertos e erros para a pergunta 1 do jogo

A leitura do gráfico revela que para 50% dos alunos a forma *indentidade* é possível. Vale lembrar que os alunos tiveram acesso a pergunta escrita e puderam visualizar as duas formas de escrita da palavra identidade antes de responder.

Nossa explicação para a presença de nasalização na escrita de palavras como ‘identidade’ é a de que na variedade linguística desse aluno que escreve inserindo uma consoante nasal, há uma tendência de nasalizar palavras que na sua estrutura já apresentam uma consoante nasal.

- **Questão 2:** Qual das palavras não deve apresentar a consoante nasal depois do I: **ingual**, incolor, inodoro.

A questão 2 tem o objetivo de verificar se o aluno consegue perceber que há uso indevido da consoante nasal depois do /i/ na sílaba inicial. A ocorrência da palavra igual com esse /n/ foi observada na atividade1 grafada das seguintes formas: ‘inguau’ e ‘ingual’.

Embora a intenção tenha sido relacionar palavras que apresentassem a mesma sílaba inicial, conclui-se que escolha das palavras *incolor* e *inodoro* facilitou a resposta dos alunos que sortearam esta questão. Porque na palavra *inodoro* já temos uma nasal na sequência e não teriam duas nasais seguidas.

Esta observação serve como uma ressalva para o professor que tiver interesse em replicar o jogo em suas aulas. Realizando um balanço da atividade propostas, acreditamos que a seleção de outras palavras menos evidentes, poderiam apresentar resultados diferentes.

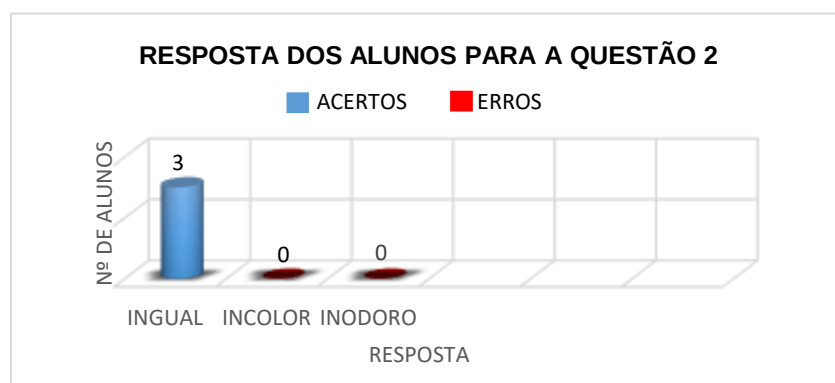


Gráfico 11: Nº de acertos e erros da questão 2

Apesar de haver ocorrência da palavra ‘ingual’ na fala e na escrita de alguns alunos, para os três alunos que responderam esta era a palavra que não deveria apresentar a nasalização.

- **Questão 7:** Que palavra foi grafada incorretamente? **Enganjamento**, engaiolado, engomado.

Notem que a seleção das palavras para compor a questão seguiu o mesmo padrão da questão 2, ou seja, buscaram-se exemplos que começassem com as mesmas letras e mesmos sons, incluindo entre estes a palavra que geralmente sofre nasalização na variação linguística do aluno.

Como foi dito anteriormente, as palavras que fazem parte das questões desta categoria foram selecionadas dos registros dos alunos. Na aplicação da atividade de sondagem 2, por exemplo, perguntamos aos alunos se a grafia da palavra ‘enganjamento’ está correta.

Naquele momento os alunos que vieram de outros Estados disseram que a pronuncia da palavra era estranha e, por isso, assinalaram a palavra como incorreta. Apesar disso, ainda foram encontradas nove ocorrências que consideraram que a grafia da palavra ‘enganjamento’ estava correta, por isso, decidimos mantê-la no jogo.

Esperava-se que os jogadores percebessem que não existe esse /n/ na segunda sílaba da palavra engajamento, mas observando o gráfico 12, percebemos que um dos alunos respondeu que a palavra ‘engomado’ estava errada.

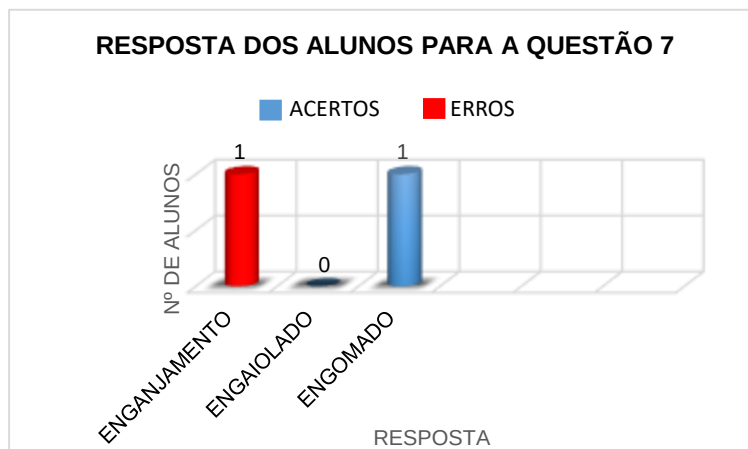


Gráfico 12: N° de acertos e erros na questão 7

Foi perguntado ao aluno qual era o erro de grafia na palavra selecionada por ele, o mesmo respondeu que “a palavra deveria começar com um ‘i’”. Levando em consideração que o aluno teve acesso a palavra escrita, concluímos que a presença de nasalização nas palavras não foi um fator determinante para a resposta do participante porque esse traço faz parte de sua variante.

▪ **Questão 8:** Quantos N há no antônimo da palavra REGULAR?

A- Um e este deve ser escrito depois do I

B- Nenhum. O que aparece no antônimo da palavra regular é um M.

C- Não há nenhum N.

Considerando ainda os resultados dos alunos na atividade 1, podemos afirmar que a palavra que mais apresentou variação na grafia foi o antônimo de ‘regular’. Naquele momento, foram encontradas as seguintes grafias ‘inregula’, ‘imrregula’, ‘inrregular’

Estas várias formas de escrever a palavra ‘irregular’ nos motivaram a elaborar uma questão semelhante para que pudéssemos melhor fundamentar nossa hipótese inicial de que estava ocorrendo uma transferência de elementos da fala para a escrita dos alunos.

Durante a aplicação esta pergunta foi sorteada por 2 alunos em partidas diferentes. Ambos erraram a resposta porque disseram que o antônimo de regular deve apresentar um /n/ depois do i.

O gráfico 13 representa as respostas dos alunos.

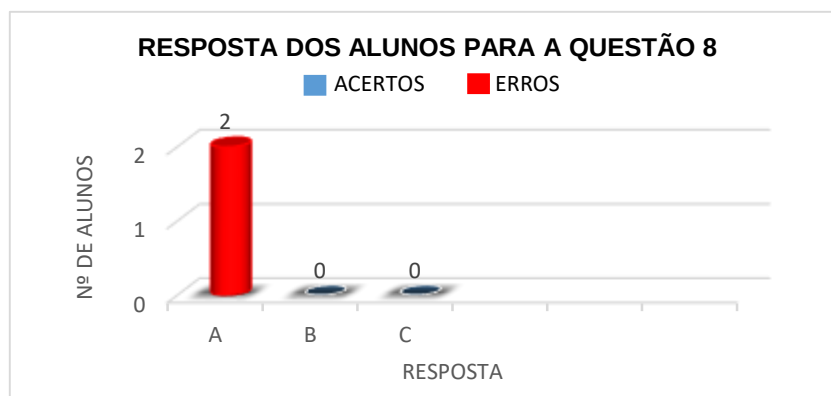


Gráfico13: Nº de acertos e erros na questão 8

Recordamos que classificamos este tipo de erro como não havendo motivação aparente para sua ocorrência, no entanto, a partir da sua incidência e dos registros na literatura, tendemos a atribuir a presença da nasal a alguns fatores sendo eles: (1) há generalização do prefixo de negação em “in”, (2) alongamento da vogal seguida por consoante sonora e (3) vogal alta próxima à cavidade nasal.

Logo consideramos, que em palavras como ‘inrregular’ a motivação seria a generalização do prefixo de negação {in-}.

- **Questão 9:** Solete corretamente a palavra que aparece na imagem.



A carta 9 não é exatamente uma pergunta. Na verdade, ela traz um comando que deve ser realizado após a observação da imagem ao lado.

Esta carta foi sorteada em três partidas diferentes. Todos participantes que sortearam esta carta perguntaram se podiam escrever primeiro a palavra e só depois realizar a soletração.

Foi dito a eles que sim e a professora entregou-lhes um lápis e a ficha de acompanhamento do aluno. Depois de escreverem a palavra, todos fizeram seguinte soletração.



Figura 14: Nº de acertos para a soletração da palavra igreja

Na atividade 2, a palavra ‘igreja’ apareceu grafada como ‘ingreja’, mas na aplicação do jogo todos os três jogadores fizeram a soletração correta da palavra.

- **Questão 10:** Sobre a palavra ‘**MORTANDELA**’ é correto afirmar:

- A – Está escrita corretamente e há um consoante nasal na segunda sílaba.
- B – Está escrita corretamente e apresenta uma vogal e uma consoante nasal
- C – Está escrita incorretamente, pois não existe o N nesta palavra.**

A palavra ‘*mortadela*’ é outra que foi usada na Atividade de Sondagem 2, para atestar a presença de nasalidade na escrita motivada pela inclusão da consoante nasal. Os dados analisados na atividade contabilizaram 8 ocorrências da palavra de forma nasalizada.

Retomamos aqui nossas considerações para a presença de nasalidade nesta palavra. Atestamos que a nasalidade na escrita desta palavra é motivada pela presença da consoante nasal na sílaba inicial da palavra e neste caso o espriamento do traço [+nasal] da consoante, se dá em sentido inverso, da esquerda para a direita.

Para compor a questão já trouxemos a palavra em sua forma nasalizada para verificar se o aluno perceberia o erro na grafia. O comando da questão propõe que o jogador diga qual a alternativa correta a respeito da forma como está grafada a palavra.

A resposta esperada é a da alternativa C que diz que a palavra está grafada incorretamente, pois não existe o N nesta palavra.

Apenas dois jogadores sortearam esta carta. Estes leram a pergunta e pediram que a professora fizesse também a leitura da carta. Antes de responder um dos jogadores repetiu a palavra ‘mortandela’ algumas vezes. O outro jogador leu as alternativas mais de uma vez antes de responder. Vejamos no gráfico 14 a resposta dos jogadores.

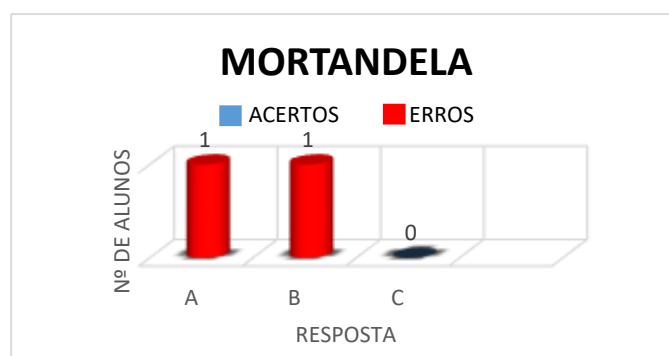


Gráfico 14: N° de acertos e erros na questão 10

A resposta esperada para esta pergunta seria a letra C que diz que a grafia da palavra está incorreta, mas análise do gráfico mostra que os dois jogadores descartaram essa hipótese e consideraram que a grafia da palavra com presença de som nasal.

- **Questão11:** Como é chamada a saliência arqueada, composta de pelos que fica acima dos olhos em nosso rosto: **Sobrancelha** ou Sombrancelha?

A questão da carta 11 tem o mesmo perfil da carta 1 do jogo. Nelas duas grafias de uma mesma palavra é apresentada ao jogador e este deve dizer qual a forma correta.

A carta 11 foi sorteada em quatro partidas. Vejamos no gráfico15 os resultados encontrados.

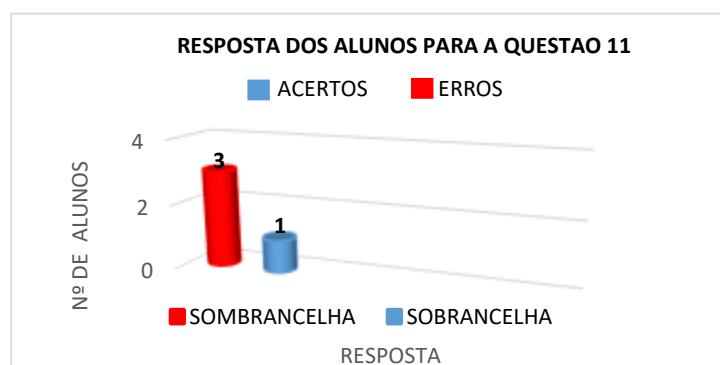


Gráfico 15: N° de acertos e erros na questão 11

No gráfico 15, a cor azul indica acerto e a vermelha, erro. Como já dissemos, a partir das análises Atividades de Sondagem 1 e 2 foram estabelecidos alguns contextos para que pudéssemos analisar a ocorrência de nasalização na escrita.

No caso de palavras como ‘sobrancelha’ consideramos que a presença da consoante nasal que já existe na palavra, motiva a inclusão de outra nasal na palavra. Essa inclusão estaria sendo proporcionada também pela variação linguística do falante que já pronuncia a palavra de forma nasalizada.

- **Questão 12:** Substantivo que é relativo a estrada, caminho: intinerário, *itinerário*, intinerânio.

Mais uma vez é apresentada ao jogador uma sequência de grafias para uma mesma palavra para que possa ser reconhecida aquela que está correta. A carta referente a esta questão foi sorteada apenas uma vez e o jogador acertou a resposta.

O jogador respondeu à pergunta da carta rapidamente dizendo que a resposta era ‘itinerário’. Depois de informar que a resposta estava correta, a professora perguntou se o jogador já conhecia aquela palavra.

O mesmo disse que estava em dúvida entre ‘intinerário’ e ‘itinerário’, mas lembrou que já tinha visto a palavra em uma atividade que fez em sala de aula e por isso acertou a resposta.

Na atividade a que o jogador se refere, 12 alunos marcaram a palavra ‘intinerário’ como correta foi predominante entre os alunos participantes.

A justificativa do aluno para sua resposta revela que quando a palavra é conhecida as possibilidades de errar a grafia diminui.

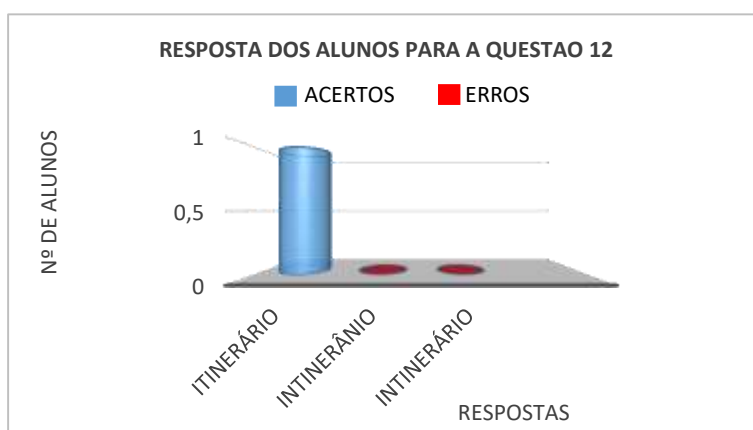


Gráfico 16: N° de acertos e erros questão 12

- **Questão 13:** Em que frase ocorre erro de grafia e presença de nasalização.

A – Ontem o dia amanheceu lindo.

B – O caçador leva a inspingarda nas mãos.

C – O alunos estavam engajados no projeto.

O objetivo da questão 13 é perceber se o aluno reconhece a palavra que apresenta erro ortográfico, motivado pela presença indevida de uma consoante nasal. As palavras selecionadas para essa questão são: *amanheceu*, *inspingarda* e *engajados*.

Das três a que apresenta erro de ortografia é a palavra *inspingarda*. Esta mesma palavra fez parte de uma das questões da Atividade de Sondagem 2. Na atividade que foi respondida por 19 alunos, 5 reconheceram que a palavra ‘inspingarda’ está corretamente grafada.

Considerando os contextos elencados nesse estudo como aqueles mais propícios a ocorrência de nasalização na escrita, a palavra alvo dessa questão, da forma como está escrita tem dois elementos motivadores de nasalização: 1) a presença de uma consoante nasal na palavra; 2) a presença da vogal alta ‘i’.

Em nossas análises, percebemos que as palavras tendem a nasalizar na escrita quando já existe na palavra uma consoante nasal e que esta propiciava a ocorrência de nasalização. Quanto a presença da vogal ‘i’, há também uma lista de palavras que são nasalizadas em contexto em que a vogal alta está presente como acontece com ‘*inzame*’.

No jogo, a carta da pergunta 13 foi sorteada por um jogador que respondeu que a palavra errada era ‘*engajados*’. Consideramos então duas hipóteses para esta resposta do jogador:

- 1) Ele reconhece que nas palavras ‘*amanheceu*’ e ‘*inspingarda*’ não há erro de ortografia;
- 2) Ele não prestou atenção a pergunta e respondeu sem analisá-la.

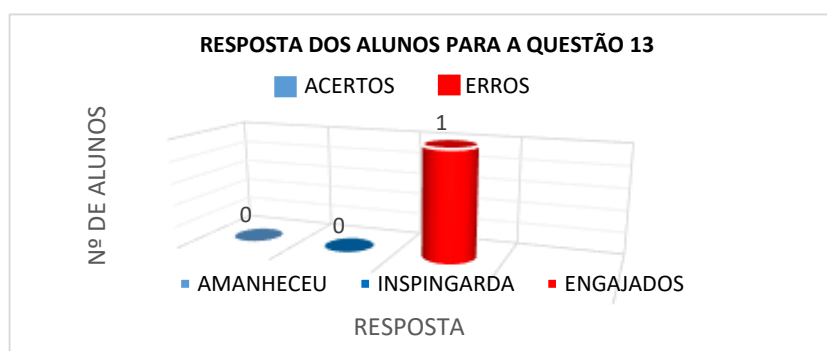


Gráfico 17: N° de acertos e erros questão 13

- **QUESTAO 14:** Em que palavra o aparecimento de uma consoante nasal ocasiona um desvio ortográfico?

A – Reiniciar

B – ***Reinvindicar***

C – Resplandecer

Como um dos propósitos do jogo é reduzir os desvios ortográficos da escrita motivados pela inclusão de uma nasal, propomos na questão 14 que o aluno reconheça a palavra em que ocorre um erro dessa natureza.

A palavra alvo nesta questão é ‘*reinvindicar*’ e o objetivo da questão é levar o aluno a perceber que um elemento foi incluído e que isto ocasiona erro de grafia. Dois alunos responderam a esta questão no jogo. O gráfico 18 mostra a resposta dos jogadores na questão.

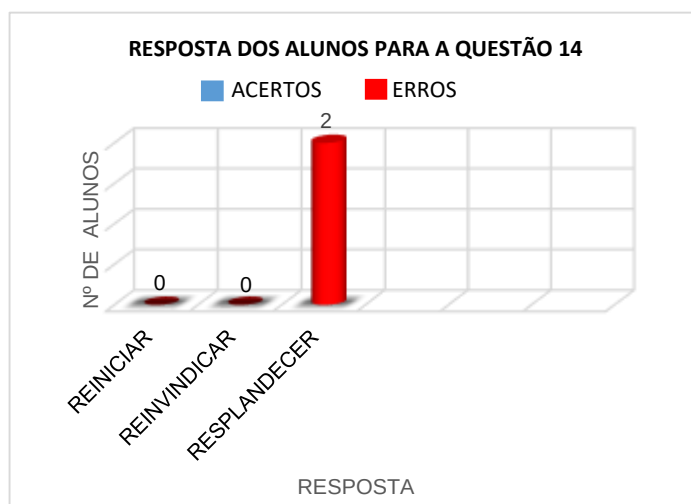


Gráfico 18: N° de acertos e erros na questão 14

Observe que a palavra assinalada pelos dois jogadores, em partidas diferentes, foi a palavra ‘resplandecer’, fato que nos levou a repensar o modo como a questão foi elaborada. Note que no enunciado da questão foi usado o verbo ‘ocasionar’ que pode ter gerado uma ambiguidade, ou seja, ao analisar a questão o aluno pode ter considerado que se colocassem um ‘n’ na palavra ‘resplandecer’ estariam cometendo um erro de grafia.

A ressalva acima é importante para o professor que deseje replicar o jogo com outros alunos. Temos aqui uma questão problema que precisa ser repensada.

- **QUESTÃO 15:** A palavra ‘indiotice’ foi escrita de maneira errada, por quê?

A – Deve ser escrita com S e não com C.

B – Não deve ser escrita com esse N na primeira sílaba.

C – O ‘i’ deve ser acentuado.

A palavra ‘indiotice’ é o alvo da questão 15 que já propõe para o jogador que a grafia da palavra está incorreta, cabendo a ele somente informar qual é o erro. Antes de observar as respostas dos jogadores para esta questão, é importante analisar o contexto que explicaria o surgimento de uma consoante nasal na sílaba inicial.

Até agora, analisamos questões cujo contexto considerado propício para o aparecimento de uma nasal era a motivado por outra que já existe na palavra, como é o caso da palavra ‘reivindicar’ analisada na questão anterior. No caso da palavra ‘indiotice’, consideramos que, neste contexto, a inclusão da consoante nasal se justificaria pelo uso generalizado do prefixo {in-}.

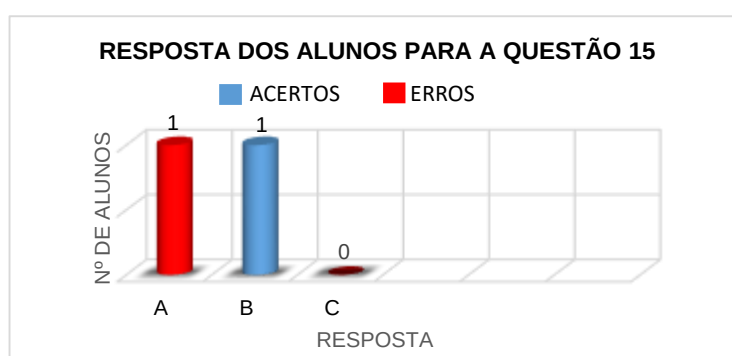


Gráfico 19: Nº de acertos e erros na questão 15

Dois alunos responderam esta questão. O gráfico 19 mostra que para um dos alunos a grafia está incorreta porque a palavra deveria ser escrita com ‘s’ e não com ‘c’. Isto mostra que ele não considerou que a presença da nasal ocasiona o erro.

- **QUESTÃO 16:** A única palavra que deve apresentar o prefixo IN na primeira sílaba é:

A – Irregular B – **Incorreto** C – Inlegível

Vamos considerar para a análise desta questão o fato de a palavra “irregular” ter sido a que mais foi nasalizada na escrita nas Atividades de Sondagem. Como já discutimos na questão 8.

A carta da questão 16 foi respondida por 9 alunos que deveriam, de acordo com o comando da carta, informar a única palavra que admite a presença do prefixo {in-}. Desta vez, as palavras já estão grafadas com o prefixo, o que torna a decisão difícil para quem realiza as três palavras nasalizadas na fala.

A estratégia para chegar a resposta é realmente conhecer a grafia das palavras. O gráfico 20 apresenta o número de acerto e erros nesta questão.

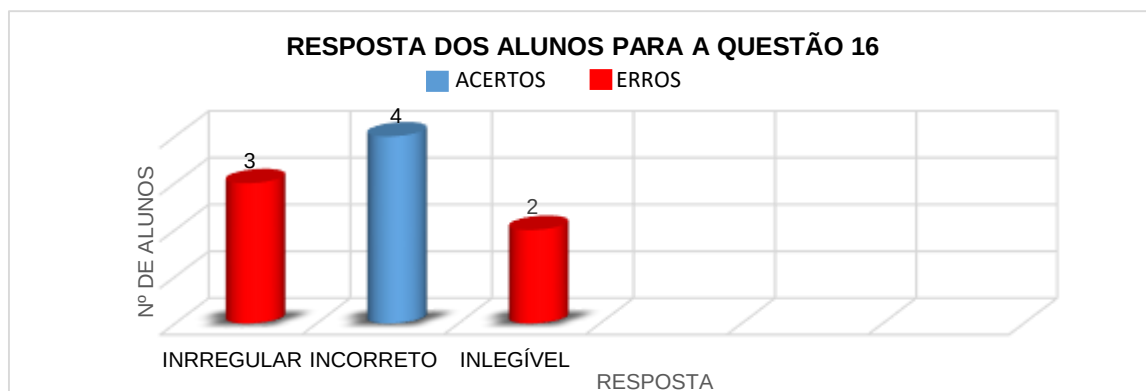


Gráfico 20: N° de acertos e erros da questão 16

Observe que a soma dos alunos que responderam à questão incorretamente é maior do que o total de alunos que acertaram.

Podemos afirmar, então, que a ocorrência dessas palavras na forma nasalizada é relevante neste grupo. E isto nos leva a afirmar que essa presença é marcante na escrita porque também o é na oralidade desses falantes.

Consideramos também que palavras como ‘inregular’ e ‘inlegível’ que estão sendo nasalizadas na escritas devido a generalização do prefixo {in} e a presença da vogal alta ‘i’ que condiciona espriamento do traço de nasalidade.

- **QUESTÃO 17:** Como ficaria a frase ‘Os tecidos eram iguais’ se colocássemos o prefixo DES- antes da palavra **iguais**?

A – Os tecidos eram desiguais

B – Os tecidos erma desinguais

A questão 17 traz para análise, mais uma vez o mesmo contexto usado para análise da questão 2 que trouxe a palavra ‘ingual’ como alvo. Tanto em ‘ingual’ como em ‘desinguais’ nós, aparentemente, temos uma presença de nasal motivada por interferência da oralidade na escrita. Os 3 jogadores que responderam à questão 2 foram unânimes ao responderem que ‘ingual’ era a única incorreta.

A questão 17 foi respondida por 8 alunos. Observe no gráfico 21 as respostas dos jogadores.

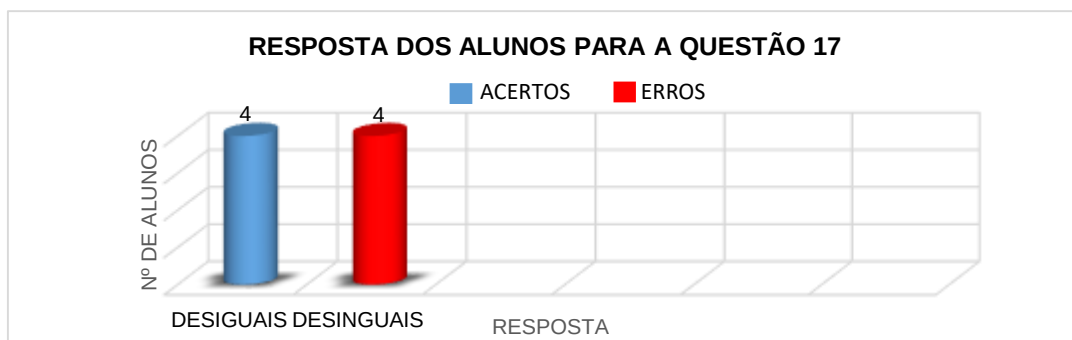


Gráfico 21: N° de acertos e erros da questão 17

Pelos dados apresentados no gráfico, é possível afirmar que a escolha entre ‘desigual’ e ‘desingual’ não foi uma unanimidade como aconteceu com a palavra ‘ingual’.

Se consideramos que o comando da questão pede que seja adicionado o prefixo {des-} a palavra ‘igual’, podemos também considerar que, no caso de ‘desinguais’ pode estar havendo também a generalização do prefixo {in-} que, provavelmente, é reforçada pela presença do prefixo {des-} que apresenta também a ideia de negação.

- **QUESTÃO 18:** O prefixo IN, usado para indicar negação, pode sofrer variação e passar a ser escrito sem o N, como em **ilegal**. Diga em qual ou quais das palavras abaixo usamos o prefixo I e não IN.

A – Regular

B – Legível.

C – Fiel

Como o contexto para a ocorrência de nasalização na escrita das palavras ‘regular’, legível’ e ‘fiel’ já foi apresentado em questões anteriores, para analisar os dados encontrados na questão 18, levou-se em consideração também o fato de 2 jogadores dos 3 que responderam esta questão terem respondido anteriormente ao menos uma das questões que apresentavam o mesmo contexto. Isso comprovaria o fato deles terem errado as questões anteriores e acertado essa.

Consideramos este dado importante para o processo de análise, visto que os alunos perceberam que se tratava das mesmas palavras e, como já estavam conscientes da grafia correta, pelo menos naquele momento, acertaram a questão. E levar os alunos a reconhecerem a grafia correta dessas palavras é um dos objetivos do jogo.

Este dado será comprovado pela atividade de diagnóstico que avalia os ganhos dos alunos após a aplicação do jogo.

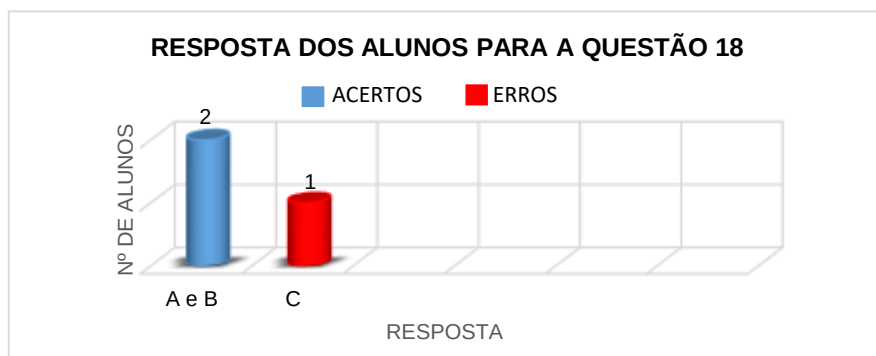


Gráfico 22: N° de acertos e erros da questão 18

▪ **QUESTÃO 19:** Sobre a grafia da palavra ‘*contonete*’ é **INCORRETO** afirmar:

A – Tem quatro sílabas e quatro vogais.

B – Há um erro na primeira sílaba, pois o N deveria aparecer somente na penúltima sílaba.

C – Não há nenhum erro.

Vale salientar aqui, que, não se elaborou a questão com a palavra em sua forma correta (cotonete) para evitar que, caso a professora precisasse ler a palavras para o aluno, a variação linguística desta interferisse na resposta do aluno.

Assim o comando da questão foi elaborado com a forma nasalizada da palavra ‘contonete’ grafada incorretamente. O Jogador foi orientado a encontrar entre as alternativas aquelas que trazia uma informação incorreta.

Esta questão foi respondida por 4 jogadores em partidas diferentes. Um dos jogadores usou nesta questão a opção ‘elimine uma resposta errada’ da carta de ajuda. Antes de eliminar uma das respostas erradas, a professora perguntou-lhe entre quais alternativas estava em dúvida. O jogador respondeu que estava entre a ‘b’ e a ‘c’. Então a questão ‘b’ foi eliminada e o jogador acertou a pergunta escolhendo a letra ‘c’.

Os outros três jogadores responderam à pergunta sem utilizar a carta de ajuda. Observe no gráfico 23 as respostas para esta questão.

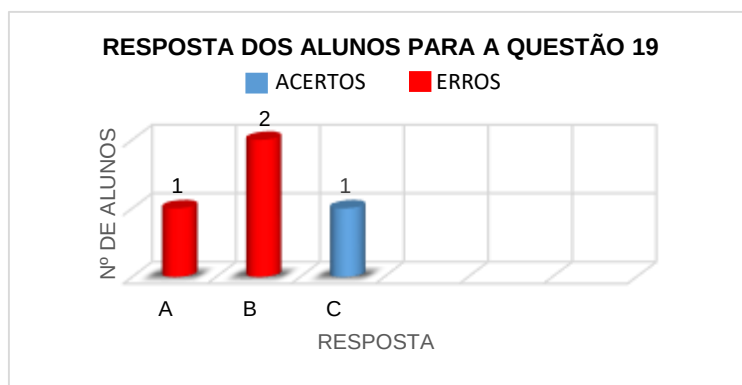


Gráfico 23: N° dos acertos e erros dos alunos na questão 19

Podemos observar que o único acerto que é registrado no gráfico foi condicionado pelo uso da carta de ajuda. Quanto ao contexto que propicia a inclusão de uma consoante nasal que provoca a nasalização na escrita é o mesmo de palavras como ‘identidade’, ‘sobrancelha’, já discutidos aqui.

▪ **QUESTÃO 27:** Qual a escrita correta?

A – Punseira

B – **Pulseira**

Nesta questão, os jogadores tiveram que decidir entre a grafia de duas palavras. É possível perceber, que a nasalização que ocorre em ‘punseira’ se dá pela permuta da consoante nasal ‘n’ pela consoante lateral ‘l’. Entre as palavras analisadas até aqui e nas Atividades de Sondagens 1 e 2 nenhuma palavra havia apresentado um contexto semelhante ao desta palavra.

Para fins de análise, enquadrámos a ocorrência de nasalização na palavra ‘pulseira’ nos casos em que a motivação se dá pela interferência da oralidade na escrita somente.

Como é possível observar no gráfico 24, o número de erros não questão é relevante. Dos 5 alunos que responderam à questão, 4 consideraram que a palavra ‘punseira’ estava grafada corretamente.

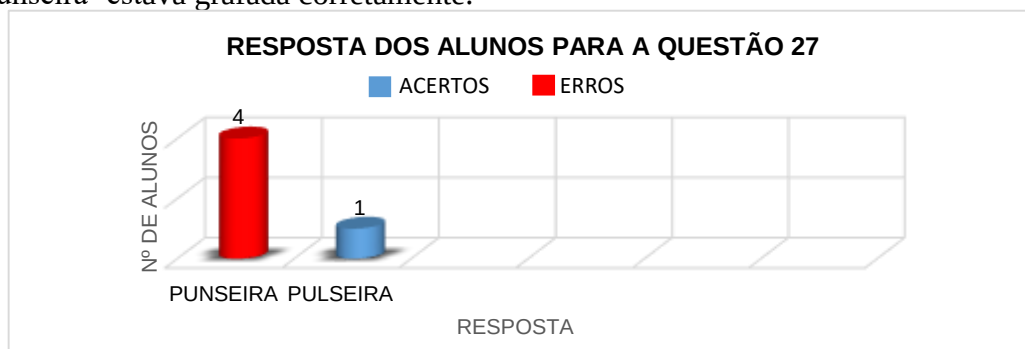


Gráfico 24: Nº de acertos e erros na questão 27.

Adiante analisaremos as questões 32 e 36. Faremos a análise das duas questões ao mesmo tempo porque ambas pedem que o jogador faça uma soletração com base nas imagens que aparecem na carta. As palavras alvo dessas duas questões são **cozinheiro** e **cozinha** e as imagens usadas aparecem a seguir.



Figura 15: Imagem usada na questão 32
Fonte: Domínio público



Figura 16: imagem usada na questão 36
Fonte: Domínio Público

Outro motivo que nos levou a analisar as questões 32 e 36 juntas foram os dados encontrados na soletração das duas palavras. Observando os gráficos 25 e 26, percebemos que apesar de se tratar de palavras cognatas, que apresentam o mesmo radical, a análise mostrou que a soletração das palavras foi um problema para 3 jogadores que responderam à questão 32, mas para os 4 que soletraram a palavra ‘cozinha’ não.



Gráfico 25: Nº de acertos e erros na questão 32

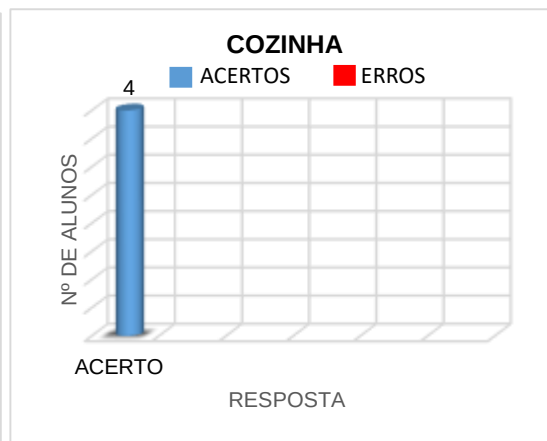


Gráfico 26: Nº de acertos e erros na questão 36

Na soletração da palavra ‘cozinheiro’, 3, dos 5 jogadores que responderam à pergunta da carta, também soletraram a palavra incluindo um ‘n’ na palavra. Quando a palavra ‘cozinha’ foi usada na Atividade de Sondagem 1, foi registrada por alguns alunos como ‘cunzinha’.

Considerando os contextos de ocorrência de nasalização na escrita que usamos durante esta análise, justificamos a inclusão de uma consoante nasal nesta palavra pela presença da consoante palatal ‘nh’ da qual se assimilar por espraçamento a nasalidade.

- **QUESTÃO 49:** Qual das palavras está correta: **exame** ou **inxame**? Por quê?

A porposta desta questão é levar o aluno a confrontar um par de palavra, sendo uma delas nasalizadas e fazê-lo perceber que nem sempre há correlação entre sons e letras. Nesta questão ele tem um desafio a mais que é dizer porque a palavra está correta. Esta carta foi respondida por 6 alunos. Os dados com as respostas estão no gráfico 27.

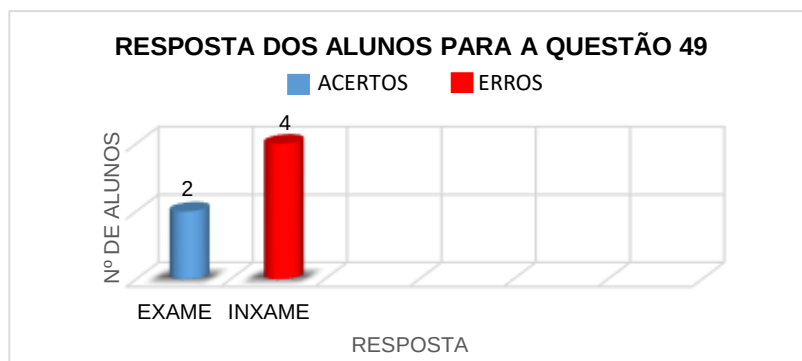


Gráfico 27: N° de acertos e erros da questão 49

No gráfico acima, observamos que a nasalização na escrita é mais marcante em algumas palavras e de um modo que sua ocorrência gráfica seja reconhecida como certa. Aqui nesses dados, o número de erros na questão é duas vezes maior que o de acerto.

Quanto as justificativas dadas para a resposta selecionada, os dois alunos que acertaram disseram que a palavra certa era ‘exame’ porque não existe a escrita com o ‘in’. Já os 4 alunos que responderam que a forma correta era ‘inxame’ não explicaram porque esta seria correta na opinião deles.

- **QUESTÃO 50:** Em quais palavras o uso do prefixo IN não causa erro na escrita?

Informal Inrradiar Inigualdade **Incorreto**

O comando desta questão aparentemente é bem simples. O jogador deve analisar a grafia de quatro palavras e dizer quais delas o uso do prefixo {in} não ocasiona erro. Esta pergunta foi sorteada em seis partidas, mas o que nos chamou atenção foram as respostas dadas pelos jogadores. Todos eles responderam que as quatro palavras poderiam receber o {in-}.

Ao ler a resposta desta pergunta a professora explicou aos alunos que apenas as palavras ‘informal’ e ‘incorreto’ estavam certas. Disse-lhes ainda que há palavras na oralidade que são nasalizadas, mas isso não acontece na escrita.

Os dados com a resposta dos alunos estão no gráfico 28.



Gráfico 28: N° de acertos e erros da questão 50

Já comentamos que em algumas palavras a presença da nasalização na escrita, além de ser propiciada pela variedade linguística, apresentava contextos específicos. Um desses contextos é a generalização do uso do prefixo {in-}.

3.1.2 Questões sobre o uso de vogais e consoantes nasais

Para fundamentar nosso estudo achamos importante selecionar algumas questões sobre a classificação das vogais e consoantes nasais.

As vogais que aparecem em nossos dados são nasalizadas pelo espreadimento do traço [+nasal] de uma consoante nasal existente na palavra.

Desse modo, estamos considerando vogais nasais aquelas que se manifestam na estrutura VN, onde V é uma vogal oral e N umas das consoantes nasais (m,n, nh).

A seguir analisaremos as questões que se propõem a auxiliar no estudo das vogais e consoantes nasais no PB. Antes, é preciso dizer que os alunos antes do jogo não realizaram nenhum estudo sobre vogais ou consoantes. Durante o jogo todas as informações eram dadas pela professora no momento da leitura da carta de resposta.

O fato dos alunos não terem acesso a nenhum material antes, serve para verificarmos se este conhecimento já foi firmado por ele, visto que, o estudo das vogais e consoantes está previsto no referencial curricular do 6º ano e os alunos que participaram do jogo cursavam o 7º.

Acreditamos que o reconhecimento de vogais e consoantes nasais pode contribuir com a diminuição da defasagem na escrita motivada por casos de nasalização na escrita

- **QUESTÃO 20:** Para marcar o som nasal das vogais na escrita usamos:
 - A – Somente as consonantes nasais M e N.
 - B – Somente o sinal de nasalização til [~].
 - C – O til ou as consoantes nasais M, N e NH

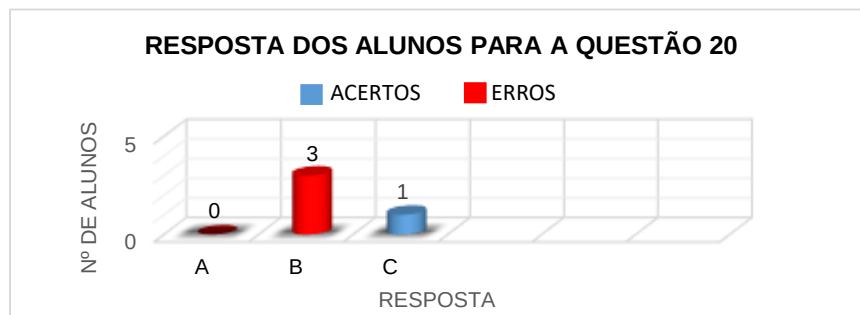


Gráfico 29: N° de acertos e erros da questão 20

Observando os dados do gráfico percebemos que o reconhecimento de uma consoante nasal assinalada com um til [~] é mais significativo para os alunos. Este dado nos faz considerar que os alunos não associam a nasalidade às consoantes nasais.

O elemento que chamou atenção dos alunos na questão foi a presença do ‘nh’ como um elemento que promove a nasalização da vogal na escrita. Então, depois que foi lida a carta de reposta a professora pediu que o aluno falasse a palavra ‘mainha’ e tentasse perceber como ele estava pronunciando a palavra. Quando nos referimos a nasalização na escrita aqui estamos considerando os contextos admitidos pelo PB.

- **QUESTÃO 22:** Quantas vogais nasais há na palavra MANSA? Solete esta palavra.

Ressaltamos que o conceito de vogal nasal considerado neste estudo corrobora com o conceito de vogais bifonêmicas, ou seja, aquelas formada de vogal oral + consoante nasal. A vogal da palavra ‘mansa’ é um exemplo da vogal nasal que analisamos.

Para analisar o gráfico considere a informações abaixo:

A – Acertou a pergunta, errou a soletração: a coluna que representa esta alternativa foi assinalada de verde, porque consideramos nesta análise que ele acertou em parte, mas para o jogo acertar a pergunta e errar a soletração não acumula ponto e perde a vez de jogar.

B – Respondeu que há duas vogais nasais.

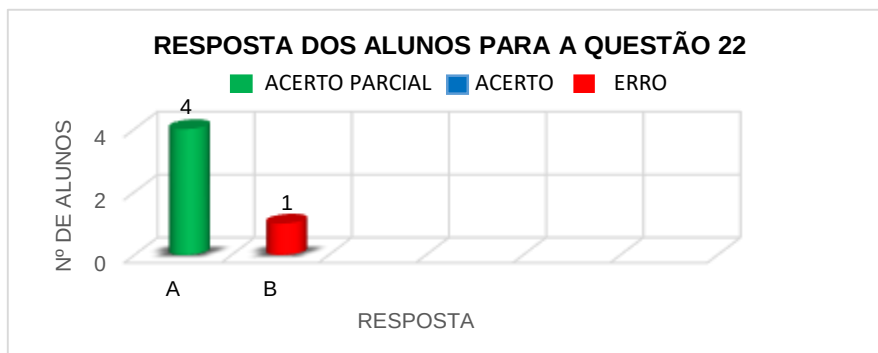


Gráfico 30: N° de acertos e erros da questão 22

Observando o gráfico percebemos que dos 5 alunos participantes, 4 acertaram que há na palavra ‘mansa’ uma vogal nasal, mas, no entanto, não soletraram a palavra corretamente.

As soletrações registradas foram: ‘mãsa’, ‘mamça’ ‘mamsa’. Este dado mostra que os alunos estão transcrevendo para a escrita os sons das letras que formam a palavra.

Podemos também considerar também que o aluno não está distinguindo o som das consoantes nasais porque diante de ‘m’ ou de ‘n’ a vogal pode ser nasalizada.

O que dá a pista para o não uso do ‘m’ na soletração é a ausência de uma consoante bilabial. Assim além de verificar que há outros erros na soletração, consideramos também que a regra do ‘p’ e ‘b’ ainda não está firmada.

- **QUESTÃO 29:** Só percebemos um som nasal na escrita quando na palavra aparecer um til [~]. Verdadeiro ou Falso?

O objetivo dessa questão é levar o aluno a perceber o som nasal na escrita em contexto previsto pelo PB como em ‘bomba’, ‘tinta’ e ‘rainha’, por exemplo.

Esperávamos que os alunos considerassem que além do til [~] podemos representar um som nasal usando uma das consoantes nasais.

A questão foi sorteada em seis partidas. Os dados com a resposta dos jogadores estão no gráfico 31.

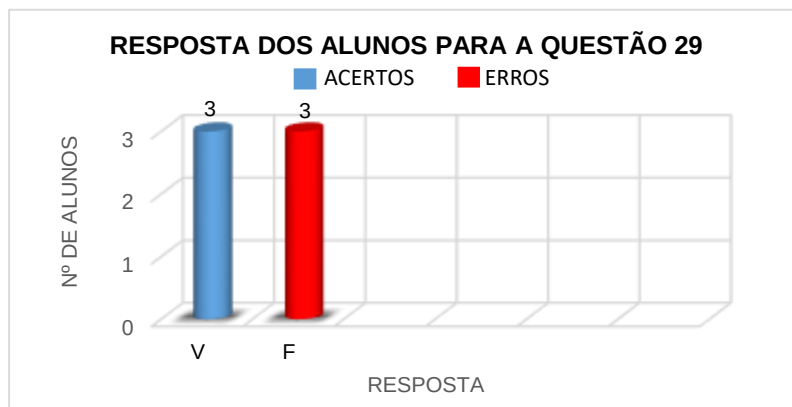


Gráfico 31: N° de acertos e erros da questão 29

Como é possível observar, há uma equivalência entre o número de acertos e erros. 2 dos alunos que erraram a questão disseram que não tinham certeza, mas achavam que só se analisavam com o til [~]. Entre os alunos que acertaram, 1 disse ter dúvida, mas começou a pronunciar palavras que tinha o til [~] e relendo a pergunta da carta, indagou: “Quando a gente diz esse ‘um’ aqui o som sai pelo nariz, né?” E repetiu a série: “um, um” e concluiu: “é, sim. A gente nem abre a boca para falar”

A ação que o aluno faz, inconscientemente, para verificar a produção do som é um exercício que é possibilitado pela consciência fonológica. Podemos dizer que ao repetir a palavra ‘um’, o aluno comprovou que o som se realizava de forma nasal.

Essa atitude do aluno não foi estimulada pela professora, mas foi propiciada pelo jogo. Isso mostra a importância de oferecer outros caminhos para o aluno encontrar soluções e aprender.

▪ **QUESTÃO 31:** Na palavra **RAINHA** o ‘i’ é uma vogal oral ou nasal?

A – Oral porque não vem seguido de consoante nasal.

B – Nasal porque assimila a nasalidade do NH.

A proposta da questão 31 é fazer o aluno perceber contextos em que a vogal pode ser nasalizada sem que ocorra erro de grafia.

São as alternativas da questão que cumprem essa tarefa. Ao propor a questão, esperava-se que, ao ler, o aluno percebesse que a vogal nasaliza porque assimila o traço[+nasal] da consoante palatal.

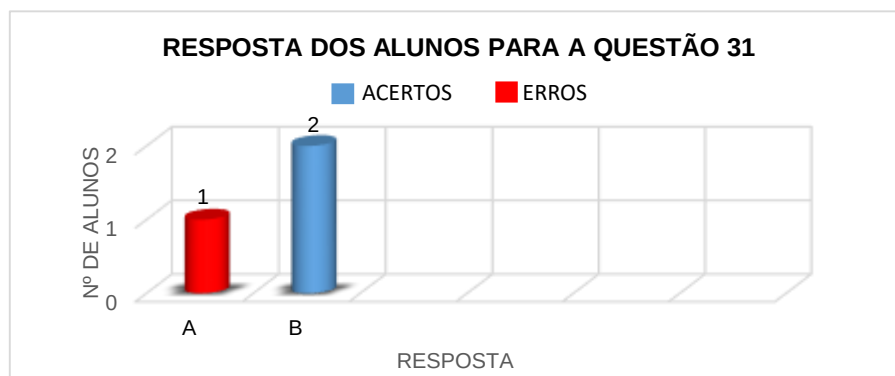


Gráfico 32: Nº de acertos e erros da questão 31

Dos 3 alunos que responderam à questão, apenas um considerou que a alternativa ‘A’ como certa.

▪ **QUESTÃO 34:** Quantas consoantes nasais há na primeira sílaba da palavra que o antônimo de **DIFERENTE**?

A – Há apenas uma, a consoante nasal M.

B – Há apenas uma, a consoante nasal N.

C – Não há nenhuma consoante nasal.

O alvo desta questão é a palavra ‘igual’. Na Atividade de Sondagem 1 encontramos ocorrência desta palavra escrita de duas maneiras ‘ingual’ e ‘inguau’. A resposta esperada para esta pergunta é a letra C. Para responde-la corretamente, o jogador deveria primeiro saber que o antônimo de ‘diferente’ é a palavra ‘igual’ e assim responder que não há nela nenhum N.

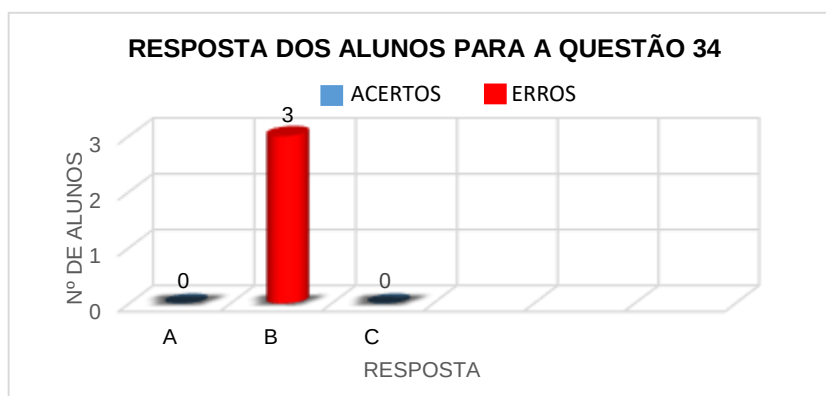


Gráfico 33: N° de acertos e erros da questão 34

Os dados acima, mostram que os 3 jogadores que responderam a pergunta consideram que na palavra ‘igual’ haveria um N. Como a palavra ‘igual’ é um exemplo de palavra que, por influência da variação linguística do falante, é nasalizada na escrita, consideramos que essa influência da oralidade motiva o aparecimento da consoante nasal nesta palavra.

- **QUESTÃO 35:** Na palavra **ÂNCORA** há uma vogal nasal. Porque ela recebe essa classificação?

A- Porque a vogal está acentuada com acento circunflexo.

B- Porque a vogal assimila o som nasal da consoante N.

O comando da questão já anuncia que na palavra alvo há uma vogal nasal. Cabe, então, ao jogador analisar as alternativas para responder à pergunta. Como se pode perceber a vogal oral ‘a’ é precedida da consoante nasal ‘n’, logo assimila por espriamento o traço [+nasal] desta consoante.

A alternativa ‘a’ serve apenas como uma pergunta distratora.

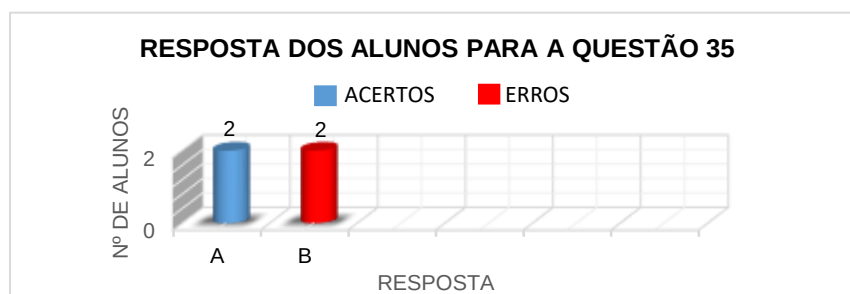


Gráfico 34: N° de acertos e erros da questão 35

Ao analisar os dados do gráfico, notamos que 2 alunos consideram que a alternativa ‘A’ seria correta. Durante a leitura da carta de resposta desta questão, além de informar que a resposta dos alunos estava errada, foi dito também que o acento circunflexo é usado para marcar sons fechados e que a palavra ‘âncora’ recebe esse acento porque é uma proparoxítona, ou seja, a sua antepenúltima sílaba é a mais forte.

- **QUESTÃO 38:** Quanto a pronúncia, a vogal ‘A’, nas palavras *campo* e *canto*, é oral ou nasal.

O objetivo dessa questão é levar o aluno a pronunciar as palavras alvo para perceberem que elas produzem som nasal. A ideia é fazer o aluno perceber que as vogais nasalizam porque no contexto vizinho há uma consoante nasal.

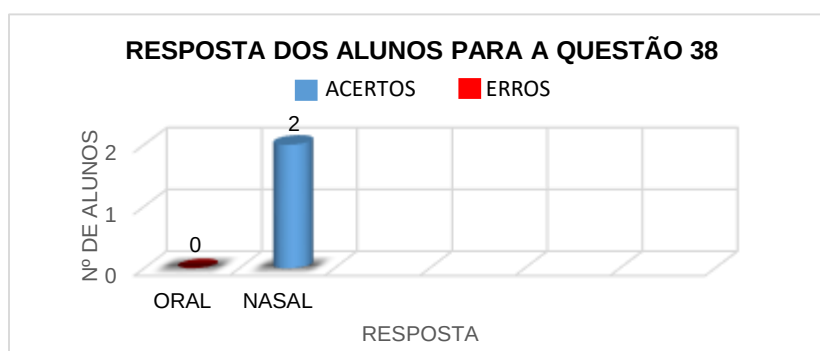


Gráfico 35: Nº de acertos e erros da questão 38

A questão foi respondida por dois alunos que acertaram a resposta. Durante a leitura da carta de resposta foi explicado porque nesse contexto a vogal ‘a’ é nasalizada, citou-se também o exemplo da palavra ‘casa’ para exemplificar o caso de uma vogal oral.

- **QUESTÃO 40:** Se colocarmos uma consoante nasal na primeira sílaba da palavra TITO que palavra será formada? A vogal ‘i’ passará a ser oral ou nasal?

Para elaborar esta questão, consideramos um teste de consciência fonêmica para trabalhar o som das vogais. Assim, o jogador deve primeiro incluir o ‘n’ na palavra ‘tito’ e formar ‘tinto’ e em seguida reconhecer que a vogal ‘i’ passou a ser uma nasal.

O gráfico 36 apresenta o número de acertos e erros desta questão.

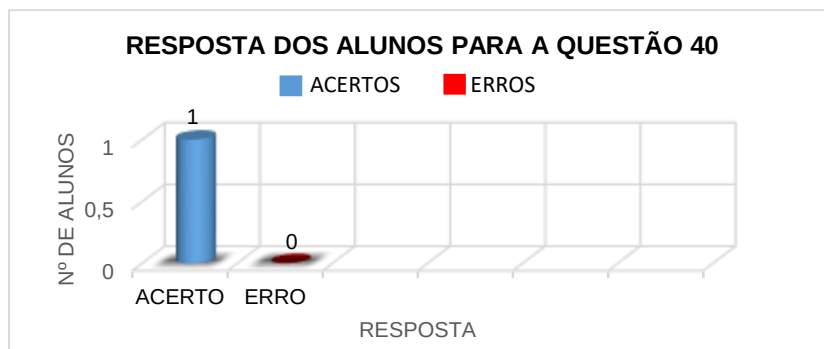


Gráfico 36: N° de acertos e erros da questão 40

Essa carta saiu apenas uma vez no jogo e o jogador respondeu corretamente. Antes de responder o jogador pronunciou a palavras das duas formas com e sem o ‘n’.

▪ **QUESTÃO 41:** Quantas consoantes nasais há no alfabeto da língua portuguesa?

A – Há apenas uma, o M.

B – Há na língua portuguesa duas consoantes nasais, M e N.

C – Não há consoantes nasais na língua portuguesa.

O objetivo da questão é verificar se o aluno reconhece as consoantes ‘m’ e ‘n’ como nasais. O comando da questão já traz as consoantes ‘m’ e ‘n’ para que o aluno possa considerar que estas seriam a nasais.

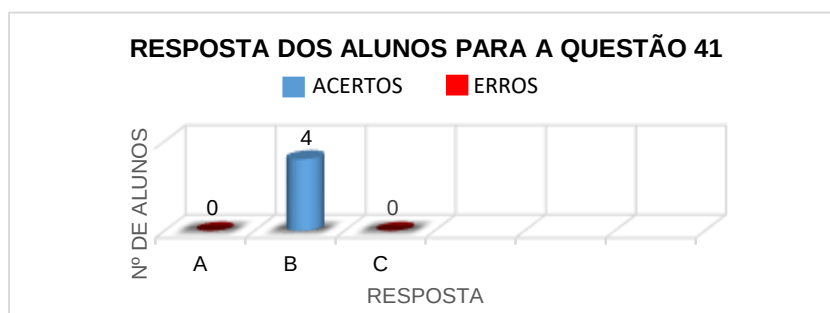


Gráfico 37: N° de acertos e erros da questão 41

A questão foi respondida por 4 jogadores e eles não tiveram dúvidas ao responder.

▪ **QUESTÃO 42:** Sobre as vogais nasais no português brasileiro é possível afirmar:

A – Há no português cinco vogais nasais.

B – As vogais nasais são aquelas que na escrita vem acompanhada de um til somente.

C – Há apenas três vogais nasais que podem ser seguidas de M, N ou NH.

Propomos esta questão para ensinar ao jogador que há no PB cinco vogais nasais. Como já foi dito, antes de participarem da atividade do jogo, os alunos não tiveram acesso a nenhum material sobre vogais ou consoante nasais, nem sobre nasalização e regra do ‘p’ e ‘b’.

A intenção era verificar o conhecimento prévio do aluno sobre os temas trabalhados e durante jogo ensinar os conceitos que eles desconhecem e ampliar os que eles já têm.

O gráfico mostra o percentual de acerto e erros na questão.

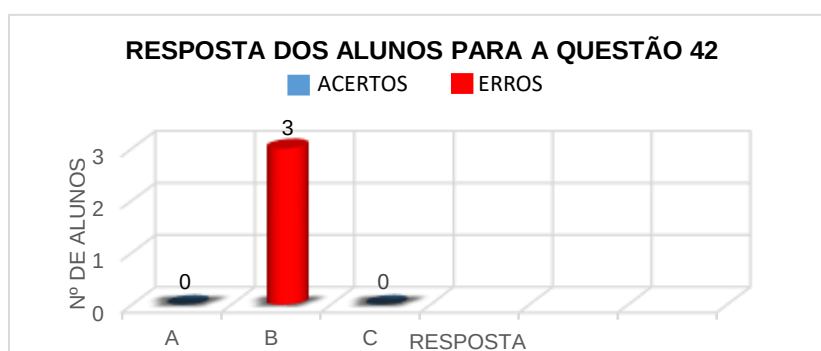


Gráfico 38: Nº de acertos e erros da questão 42

A questão foi sorteada por 4 jogadores, em partidas diferentes, mas somente 3 responderam-na. Um dos jogadores usou nesta questão a carta de ajuda e optou por trocar a carta por outra da mesma categoria.

Como podemos observar, os dados mostram que os 3 jogadores que responderam à questão escolheram a alternativa ‘b’ como correta. No momento da explicação da resposta, a professora explicou que a alternativa estava incorreta porque há no PB cinco vogais nasais e citou os exemplos ‘tanta’ ‘tenda’ ‘tinta’ ‘tonta’ tumba’.

3.1.3 Questões sobre o uso da regra do ‘m’ antes de ‘p’ e ‘b’

Nesta seção analisaremos as perguntas que tratam do uso da regra do ‘m’ antes de ‘p’ e ‘b’. Foi selecionado um grupo de questões que trabalha a consciência fonológica para o ponto de articulação das consoantes bilabiais. O objetivo é ajudar o aluno a firmar esta regra para evitar erros ortográficos motivado pelas trocas de consoantes nasais.

- **QUESTÃO 21:** As palavras **ponte** e **pomba** têm o mesmo número de letras e sons. Em qual delas a letra M aparece na escrita e por quê?

Antes da análise desta questão, é importante dizer que os jogadores que sortearam esta carta no jogo não tiveram acesso a escrita da pergunta porque a mesma já trazia a escrita correta das palavras alvo da pergunta.

Para analisar o gráfico considere a informações abaixo:

A - Acertou a palavra e soube a dizer a regra

B - Acertou a palavra e não soube dizer a regra: para fins de análise, assinalamos de verde a coluna que se refere à resposta dos alunos que não souberam dizer a regra. Para o nosso estudo, consideramos que ele acertou em parte a pergunta, mas para o jogo ele não marca o ponto e perde a vez de jogar.

C - Respondeu errado

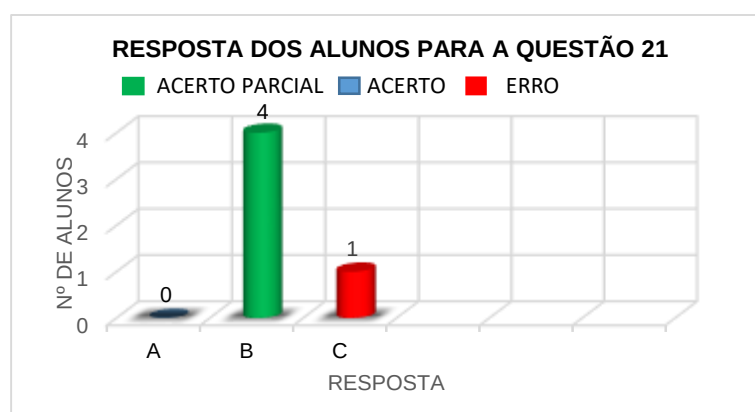


Gráfico 39: Nº de acertos e erros para a questão 21

Essa questão foi respondida por 5 alunos, e como os dados do gráfico 39 nos mostra, a maioria dos alunos reconhece que há um ‘m’ na palavra *pomba*, mas não souberam dizer o porquê. Esperava-se que o aluno dissesse que ‘só se usa m antes de p e b.’

- **QUESTÃO 23:** A regra gramatical diz que antes de P e B devemos usar?

A – A consoante nasal ‘m’ como em **bomba**.

B – A consoante nasal ‘n’ como em canto.

A regra do ‘m’ antes do ‘p’ e ‘b’, como atesta Scliar-Cabral, é um dos princípios do sistema alfabético do Português Brasileiro, logo se trocamos a nasal ‘m’ por ‘n’ estamos ferindo este princípio.

Ressaltamos que todos os jogadores que sortearam esta carta tiveram acesso à pergunta por escrito. Analisando os dados no gráfico percebemos que os 3 alunos não tiveram dificuldade para responder à questão.

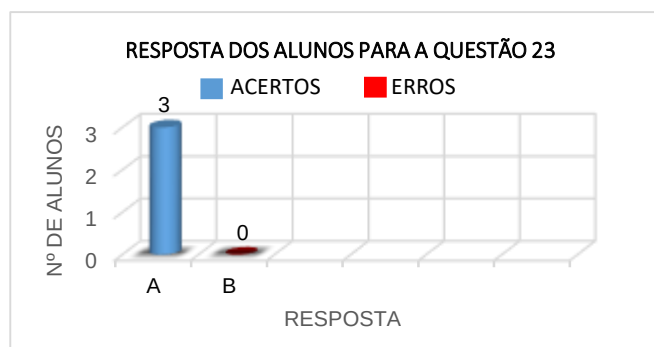


Gráfico 40: N° de acertos e erros da questão 23

- **QUESTÃO 24:** Na lista de palavras abaixo, em qual palavra deve falta um M?

A) *To__pete* b) O__da C) Ca__eta

As questões que tratam do uso do ‘m’ antes do ‘p’ e ‘b’ são consideradas de nível fácil, mas consideramos importante elaborar questões sobre esta regra porque brincando no jogo os alunos são conduzidos a lembrar ou aprender a regra de forma lúdica, já que as perguntas desse tema impulsionam a todo momento o uso da regra.

É o que propõe a pergunta da questão 24. Para responder corretamente, basta lembrar a regra. Como é possível observar as palavras selecionadas para a questão são fáceis, mas há dados recolhidos dos alunos em outras atividades que mostram a presença de do ‘m’ na palavra ‘onda’, por exemplo. Os três alunos responderam corretamente à questão. Como mostra o gráfico 41.

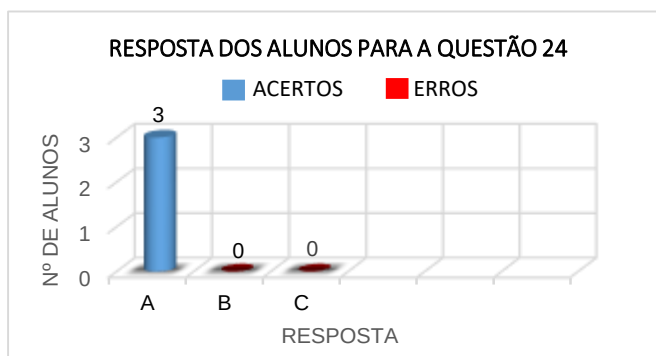


Gráfico 41: N° de acertos e erros da questão 24

- **QUESTÃO 25:** Ao pronunciarmos a 1ª letra da palavra MAÇÃ juntamos nossos lábios. Em que palavra há uma letra com a qual fazemos o mesmo movimento?
A – Tanto
B – Escola
C – *Banca*

A elaboração desta questão baseou-se num exercício de consciência fonológica que tem o objetivo de testar se o falante já internalizou o ponto de articulação das consoantes bilabiais. Esperamos com isso ajudar os alunos a firmar a regra do ‘m’ antes do ‘p’ e ‘b’.

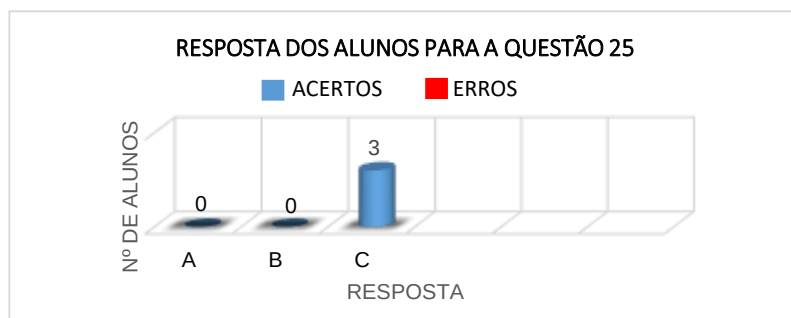


Gráfico 42: N° de acertos e erros da questão 25

Ao pedir que o aluno identificasse a palavra que apresentaria o mesmo movimento, esperava-se que o aluno pronunciasse a palavra fazendo o movimento compassado com os lábios. Isso aconteceu com os 3 alunos que responderam à questão.

Ao ler a questão os alunos acharam engraçado, mas ao invés de responde-la apressadamente, fez o movimento compassado como lábios. O gráfico 25 mostra o percentual de acerto.

- **QUESTÃO 26:** De acordo com a regra da língua portuguesa devemos usar M antes de quais letras? Diga uma palavra que segue essa regra.

O comando desta questão também está relacionado a regra do ‘m’ antes do ‘p’ e ‘b’. Apenas um aluno respondeu a essa pergunta. A resposta dele está registrada no quadro abaixo

Resposta do jogador	Exemplo
Usa-se m antes de p e b	<i>pomba</i>

Quadro 3: Resposta do aluno para a questão 26

- **QUESTÃO 28:** Porque usamos ‘m’ antes do ‘p’ e do ‘b’?

A – Para produzir o som nasal nas palavras em que o ‘m’ aparece.

B – *Porque as três são consoantes bilabiais, têm o som produzido no encontro dos lábios.*

O objetivo desta questão é levar o aluno a entender o uso da regra do ‘m’ antes de ‘p’ e ‘b’. Consideramos importante que a regra seja aprendida não pelo método da

‘decoreba’, mas pelo desenvolvimento da consciência fonológica para o ponto de articulação que estas consoantes são produzidas.

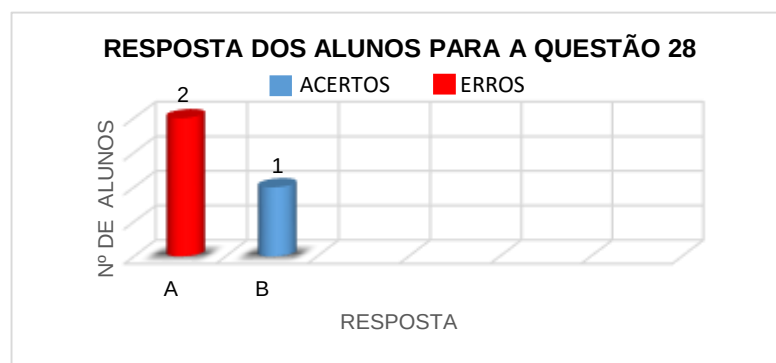


Gráfico 43: N° de acertos e erros da questão 28

Observando os dados no gráfico percebemos que dois dos alunos que responderam à questão não associam o uso da regra ao ponto de articulação onde as consoantes são produzidas. Se os alunos tivessem seguido a informação da alternativa ‘b’ e feito o movimento com lábios para pronunciar as consoantes, dificilmente errariam a questão.

▪ **QUESTÃO 30:** A palavra ‘EMCANTADO’ está escrita de forma correta. Verdadeiro ou falso?

Temos mais uma questão que pede para o aluno avaliar a grafia da palavra. A palavra selecionada na questão fez parte da Atividade de Sondagem 2. Dos 19 alunos que responderam a atividade, 4 escreveram ‘encantado’.

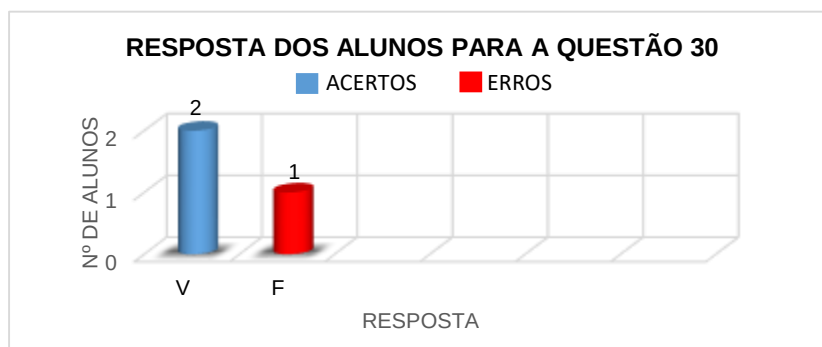


Gráfico 44: N° de acertos e erros da questão 30

Observando o gráfico 44, concluímos que, apesar de apenas um ter errado, a regra do ‘m’ antes de ‘p’ e ‘b’ ainda era um problema para esse aluno. Mesmo olhando para a palavra escrita ele não se deu conta da presença do ‘m’ e só percebeu quando foi lida a resposta.

- **QUESTÃO 33:** Que consoante nasal aparece na palavra **CANTO**? Explique.

Para responder corretamente esta questão o jogador tem que dizer que a consoante que aparece em ‘canto’ é o ‘n’ e explicar dizendo usando como justificativa a regra do ‘p’ e ‘b’. Nesta questão, os alunos não tiveram acesso a grafia da palavra. A pergunta foi lida pela professora. O objetivo é verificar se o aluno reconhece a regra do ‘m’ ante de ‘p’ e ‘b’

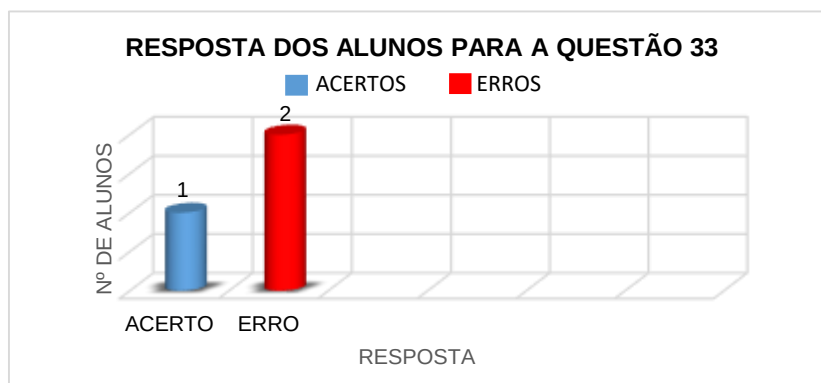


Gráfico 45: N° de acertos e erros da questão 33

Essa questão foi respondida por três alunos. Os dados do gráfico 45 mostram que apenas 1 aluno acertou a questão informando para a consoante que aparece na palavra e explicando com a regra do ‘p’ e ‘b’.

Os dois alunos que erraram a questão, responderam que a consoante que aparece na palavra ‘canto’ é o ‘m’. Quando foi pedido a explicação para o uso do ‘m’, um dos alunos mencionou a regra do ‘p’ e ‘b’ e reconheceu que tinha errado e o outro não soube dizer a regra.

- **QUESTÃO 37:** Que palavra foi escrita de forma correta?

A – ‘Tenperatura’

B – Ignorante

C – “Indiotice”

Nesta questão temos três palavras para serem avaliadas quanto a grafia. Logo os alunos deveriam identificar que a única grafada corretamente é ‘ignorante’.

Seis jogadores responderam à esta questão. Os dados com os percentuais de acertos e erros estão no gráfico abaixo.



Gráfico 46: Nº de acertos e erros da questão 37

Como dissemos, o objetivo desta questão era trabalhar o uso da regra do ‘m’ antes de ‘p’ e ‘b’, sendo assim, esperava-se que o aluno analisasse esta questão por essa perspectiva. Mas, os dados encontrados no gráfico, nos fizeram considerar também a presença de nasalidade na escrita.

Vamos analisar primeiro pela a questão do uso da regra do ‘p’ e ‘b’. Levando em consideração esta regra apenas a palavra ‘ignorante’ está corretamente grafada.

Levando em conta a variação linguística do falante, para entender a escolha da palavra ‘indiotice’, vamos considerar duas hipóteses:

- 1) Eles não escolheram ‘tenperatura’ porque deve ser escrita com ‘m’;
- 2) Não escolheram ‘ignorante’ porque está deveria vir com um ‘n’ depois do ‘i’.

Concluimos, então, que essa interferência da oralidade na escrita é um fator determinante para a inserção da consoante nasal em algumas palavras.

- **QUESTÃO 43:** Quais consoantes ao serem pronunciadas promovem o encontro dos lábios e são chamadas de bilabiais?

A – (C – G – G) B – (D – N – T) C – (B – M – P)

Esta é uma questão bem simples e requer apenas que o jogador reconheça as consoantes bilabiais. O comando da questão já dá uma pista ao dizer que elas, quando pronunciadas, promovem o encontro dos lábios.

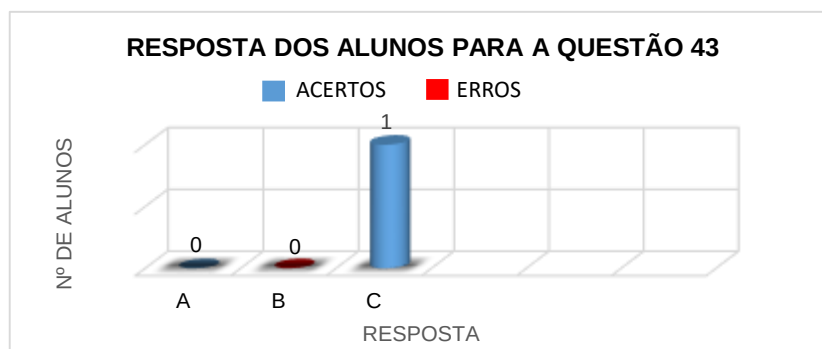


Gráfico 47: N° de acertos e erros da questão 43

A questão foi sorteada apenas uma vez. O jogador que a sorteou não teve dúvidas ao respondê-la, mas pronunciou, compassadamente, as três consoantes para confirmar sua resposta.

- **QUESTÃO 44:** A regra gramatical orienta usar ‘m’ antes de ‘p’ e ‘b’ porque:

A – O ‘m’ é uma consoante nasal.

B – As três consoantes (m, p, b) são produzidas no mesmo ponto de articulação: os lábios.

C – Na ordem alfabética o ‘m’ vem depois do ‘b’ e antes de ‘p’.

Nas questões que tratam da regra do ‘m’ antes do ‘p’ e ‘b’, sempre buscamos enfatizar o motivo de se usar esta regra. Consideramos que, se o aluno internaliza esses motivos, as chances de trocar ‘m’ por ‘n’ diante das bilabiais diminuam.

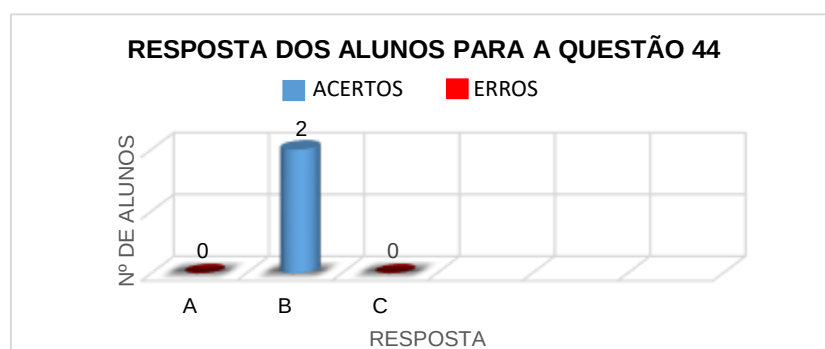


Gráfico 48: N° de acertos e erros da questão 44

Dois jogadores, em partidas diferentes, sortearam esta questão. Como podemos observar no gráfico, os dois acertaram a questão. Vale ressaltar que o comando da alternativa já dá uma dica que é o ponto de articulação. Para conferir este ponto, os jogadores pronunciaram as letras.

- **QUESTÃO 45:** Quais palavras devem receber um N nas lacunas abaixo?

A – Te___peratura e To___bo

B – E__xada e I__verno

Ao elaborar esta questão, levou-se em consideração o fato dessas palavras já terem aparecido na grafia dos alunos com as nasais trocadas, ou seja, o ‘m’ no lugar do ‘n’ e vice-versa.

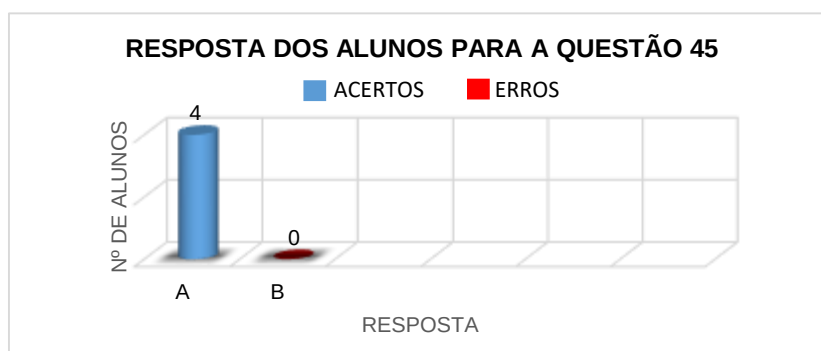


Gráfico 49: N° de acertos e erros da questão 45

A carta desta pergunta foi sorteada em quatro partidas, todos os jogadores que a sortearam responderam corretamente.

- **QUESTÃO 46:** O que aconteceria se trocássemos o N da palavra PLANTAÇÃO por M?

A – Aconteceria uma mudança apenas sonora.

B – Aconteceria na escrita um erro de grafia porque só se usa ‘m’ antes de ‘p’ e ‘b’.

C – Haveria uma mudança sonora, mas na escrita não aconteceria nenhum erro.

Para responder a esta questão, o jogador deve ficar atento ao que está dito em cada alternativa. Além do reconhecimento da regra do ‘m’ antes de ‘p’ e ‘b’, os comandos trabalham a percepção sonora e as implicações ocasionadas em caso de troca de uma consoante por outra.

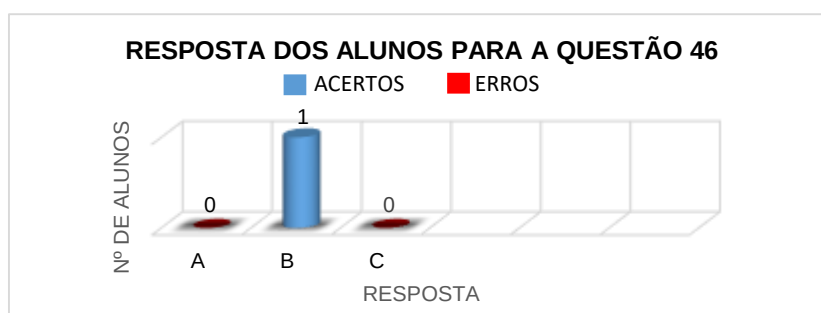


Gráfico 50: N° de acertos e erros da questão 46

A carta foi sorteada por apenas um aluno que acertou a resposta. Durante a leitura da resposta, frisou-se que se fôssemos analisar só a troca do ‘m’ por ‘n’ sem considerar o contexto vizinho, perceberíamos o mesmo som nasal em ‘plam’ e ‘plan’. O que nos impede de realizar essa troca na palavra alvo é o fato de só se usar ‘m’ antes de ‘p’ e ‘b’.

- **QUESTÃO 47:** Duas palavras abaixo apresentam um erro de ortografia. Quais são as palavras e qual é o erro?

A – ‘*Lanparina*’ B – Empada C – Bandeira D – ‘*Sonbra*’ E – Canção

Propomos agora que sejam observadas as grafias das palavras relacionadas na questão. O objetivo é verificar se os jogadores conseguem reconhecer aquelas que estão erradas e se sabem qual é o erro.

As palavras ‘*lamparina*’ e ‘*sombra*’, relacionadas na questão, estão grafadas incorretamente e o erro cometido é o descumprimento da regra do ‘m’ antes de ‘p’ e ‘b’.

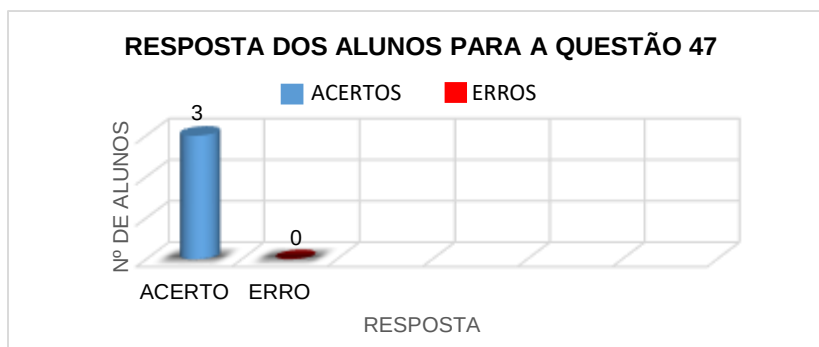


Gráfico 51: Nº de acertos e erros da questão 47

Três jogadores sortearam a questão e reconheceram que as palavras ‘*lamparina*’ e ‘*sombra*’ eram as únicas que estavam grafadas incorretamente. Os jogadores também disseram que se trata de erro provocado pelo não uso do ‘m’ antes de ‘p’ e ‘b’.

- **QUESTÃO 48:** Por que não podemos completar as palavras abaixo com um N?

A__bulância Ja__bo Bo__beiro

O objetivo dessa questão é reconhecer o contexto em que se pode ou não usar a regra do ‘m’ antes de ‘p’ e ‘b’.

Para acertar a questão o jogador deveria dizer que não se pode completar as palavras porque diante de ‘b’ só se usa ‘m’.

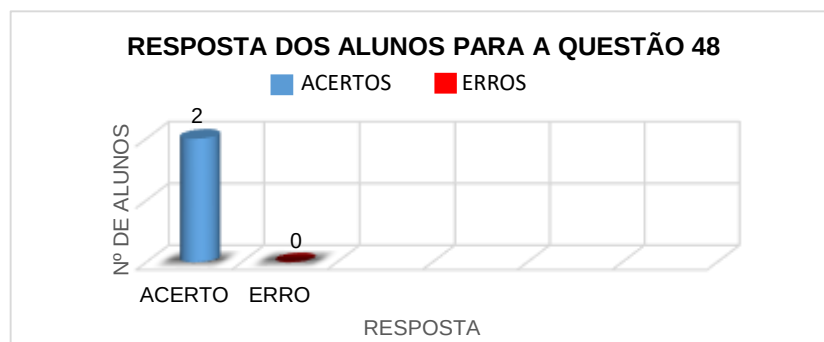


Gráfico 52: N° de acertos e erros da questão 48

Os dados dos gráficos mostram que dois dos jogadores acertaram a questão e justificaram com a regra do ‘m’ antes de ‘p’ e ‘b’.

3.2 Teste de saída

Após a aplicação do *Batalha Nasal*, propomos um teste de saída aos alunos. Esse teste consistiu em uma atividade de seis questões desenvolvidas para analisar o uso da regra do ‘m’ antes do ‘p’ e ‘b’, a presença de nasalidade na escrita, uso dos prefixos {in-} e {i-}. O objetivo do teste era verificar se o Jogo Batalha Nasal havia cumprido seus objetivos que eram: reduzir os casos de desvios ortográficos motivados pela interferência da fala e, ainda, sanar dúvidas sobre uso de m antes do p e b.

Caso os alunos que participaram deste teste tivessem menos dificuldade com as grafias de palavras que supostamente apresentam nasalização na produção oral, bem como maior domínio sobre a regra de m diante de p e b e demonstração de consciência fonológica, o jogo teria tido sucesso.

Selecionamos para esta atividade palavras usadas nas cartas do jogo e palavras que apresentavam contexto propício para a presença dos erros ortográficos que eram cometidos pelos alunos antes da aplicação do jogo.

O teste de saída foi realizado no dia 1º de dezembro de 2017 e tivemos a participação de 22 alunos que responderam a atividade durante as aulas de português. Esta atividade, assim como as realizadas para fazer a sondagem, está descrita no planejamento das atividades pedagógicas da disciplina e para sua realização foram selecionadas duas aulas com tempo de 50 minutos cada.

Importante salientar que nesta análise serão só analisados os erros ortográficos motivados pela inserção de uma consoante nasal e os desvios da regra do ‘m’ antes do ‘p’ e ‘b’. Os resultados desta atividade serão discutidos a seguir.

1ª Questão:

Para a elaboração da primeira questão, selecionamos quatro imagens que representam os seguintes profissionais: bombeira, cantora, caminhoneiro e cozinheiro. Selecionamos palavras que permitissem verificar tanto o uso da regra do ‘m’ antes do ‘p’ e ‘b’ quanto a presença de nasalização na escrita.

Entre os quatro profissionais escolhidos, decidimos selecionar um que representasse uma das profissões mais comum na região do *Vale do Cotinguiba* da qual faz parte a cidade de Carmópolis-SE que é o ‘*caminhoneiro*’. Nosso objetivo com a escolha dessa palavra era verificar nossa hipótese de que quando o aluno tem consciência da palavra, as chances de ele cometer um erro ortográfico diminuem.

As palavras ‘*bombeira*’ e *cantora* são palavras alvo para comprovar o uso da regra do ‘m’ antes de ‘p’ e ‘b’. A palavra ‘*cozinheiro*’, por sua vez, é a palavra alvo para a análise da presença de nasalização. As imagens abaixo foram selecionadas para a questão.

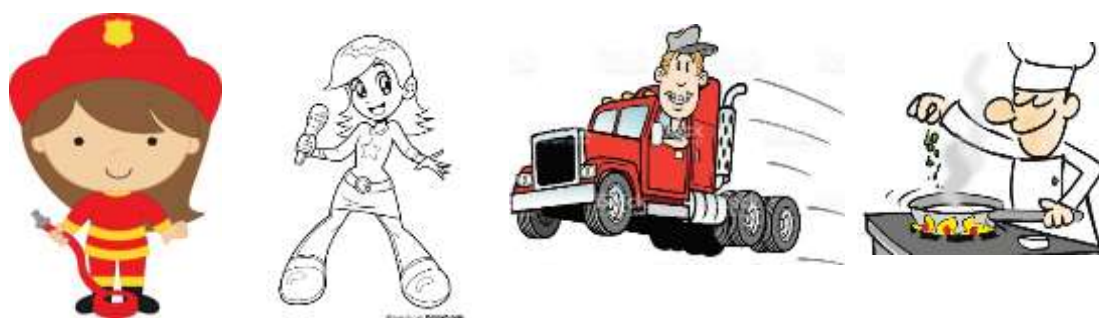


Figura 17: Imagens da 1ª questão do teste de saída

Os gráficos abaixo mostram o número de acertos e erros dos alunos nesta questão.

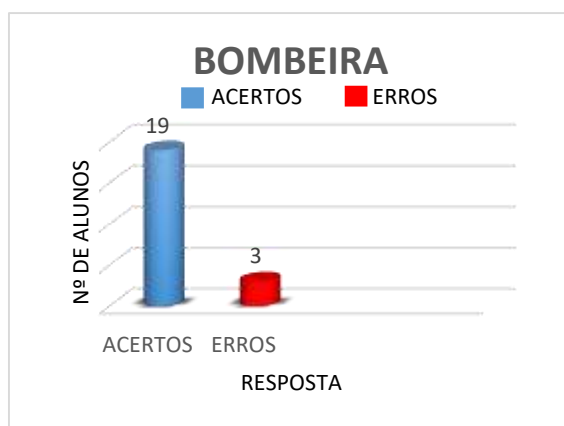


Gráfico 53: Nº de acertos e erros para a palavra bombeira

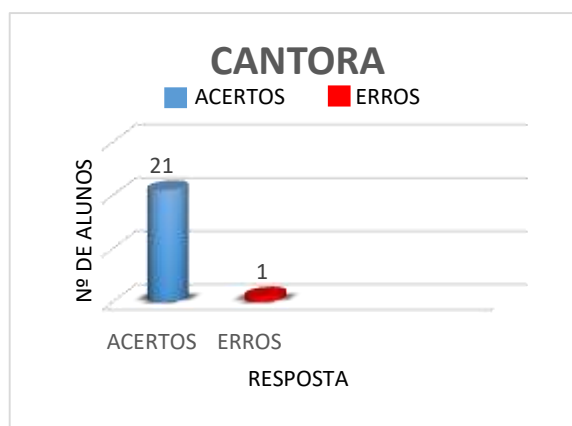


Gráfico 54: Nº de acertos e erros para a palavra cantora

No início desse projeto, quando foi aplicada a atividade de sondagem 1, percebeu-se nos textos dos alunos um erro ortográfico que era cometido devido ao fato de eles ainda

não terem internalizado a regra do ‘m’ antes do ‘p’ e ‘b’, por isso, um do propósito do jogo era ajudá-los a firmarem esta regra.

Na primeira atividade de sondagem, dos 19 alunos participantes, 8 erram pelo menos uma vez a grafia da palavra por desconhecer ou não lembrar a regra, na segunda atividade de sondagem, dos 22 alunos participantes, apenas 9 trocaram ‘m’ por ‘n’ diante do ‘p’ e ‘b’ ou usaram ‘m’ quando deveriam usar ‘n’. Na questão 1, proposta na atividade de saída encontramos os seguintes dados:

Os gráficos mostram uma diminuição significativa nos erros que aconteciam por desconhecimentos da regra analisada. Consideramos que por ser uma regra gramatical o aluno precisava internalizá-la para evitar os erros ortográficos, por isso, acreditamos que o trabalho com consciência fonológica poderia auxiliá-los nesse processo. O gráfico abaixo mostra a evolução dos alunos antes e depois da aplicação do jogo.

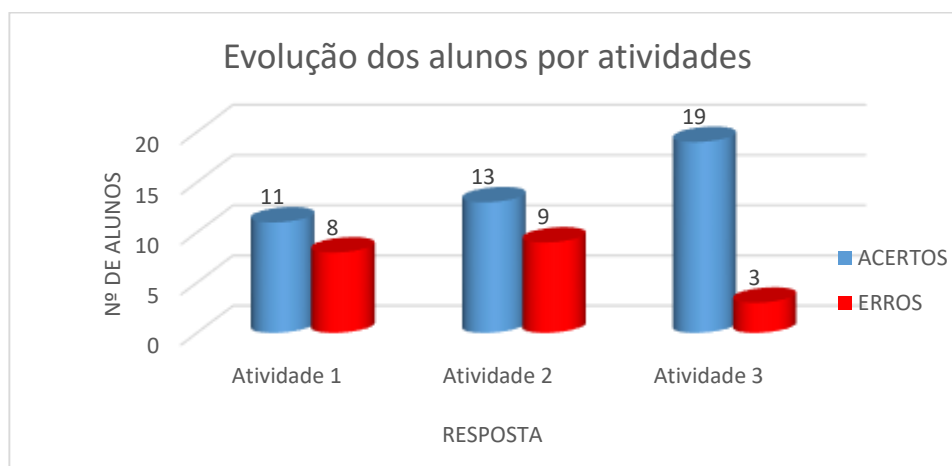


Gráfico 55: Percentual de acertos e erros da regra do ‘p’ e ‘b’ no teste de saída

Passamos agora à análise da palavra ‘caminhoneiro’ que, como foi dito anteriormente, foi selecionada para a atividade para atestar que quando o aluno já tem consciência sobre a escrita da palavra, a tendência é ele escrever esta palavra corretamente. No gráfico abaixo, é possível verificar o percentual de acertos do aluno para esta palavra.

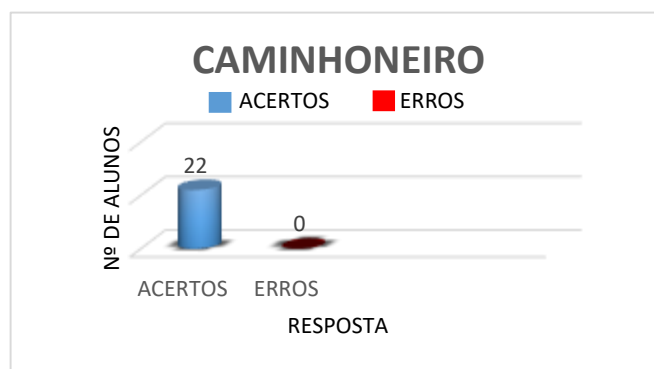


Gráfico 56: Nº de acertos e erros da palavra caminhoneiro no teste de saída.

Como pode ser observado, não foram contabilizados erros de grafia para a palavra em análise, isso demonstra que os alunos não encontraram dificuldade para escrever esta palavra porque a mesma já está internalizada por eles.

A última palavra a ser analisada nesta questão é a palavra ‘*cozinheiro*’. Ela havia sido usada na pergunta 36 do jogo. Como explicamos no início da análise desta questão, decidimos selecionar palavras que apresentasse um contexto propício para o aparecimento da consoante nasal na escrita.

Mas, particularmente, escolhemos essa palavra porque no jogo ela se revelou uma palavra problema, pois, de 5 alunos que responderam à pergunta 36 do jogo que solicitava que o aluno soletrasse a palavra ‘*cozinha*’, 3 fizeram a soletração incluindo a consoante nasal /n/. Os gráficos abaixo mostram o desempenho dos alunos no jogo e no teste de saída, respectivamente.



Gráfico 57: Nº de acertos e erros da palavra *cozinheiro* no jogo.



Gráfico 58: Nº de acertos e erros da palavra *cozinheiro* no teste de saída.

Analisando o número de alunos que foram submetidos a soletração (5 alunos) e a escrita (22 alunos) da palavra ‘*cozinheiro*’ nos dois contextos, consideramos que apesar do total de erros ser o mesmo, 3, no cômputo total a maioria dos alunos não apresentaram a grafia errada. Assim, atestamos que nesta questão o uso do jogo foi relevante e colaborou positivamente com o desempenho dos alunos.

2ª Questão:

Um dos contextos analisados como propícios à presença de nasalização de escrita está relacionada a generalização do uso do prefixo {in-}, como, por exemplo, na palavra ‘*inlegal*’.

Para atestar a eficácia do jogo para o uso desse prefixo, foi proposto que os alunos completassem um conjunto de 10 palavras usando os prefixos IN e I de forma adequada. Das palavras selecionadas, apenas ‘irregular’, ilegal’ irresponsável’ e ‘irradiar’ não deveriam receber o prefixo {in-}.

Nesta análise são considerados apenas a grafia dos alunos para essas quatro palavras. Os resultados estão apresentados nos gráficos 59 e 60.

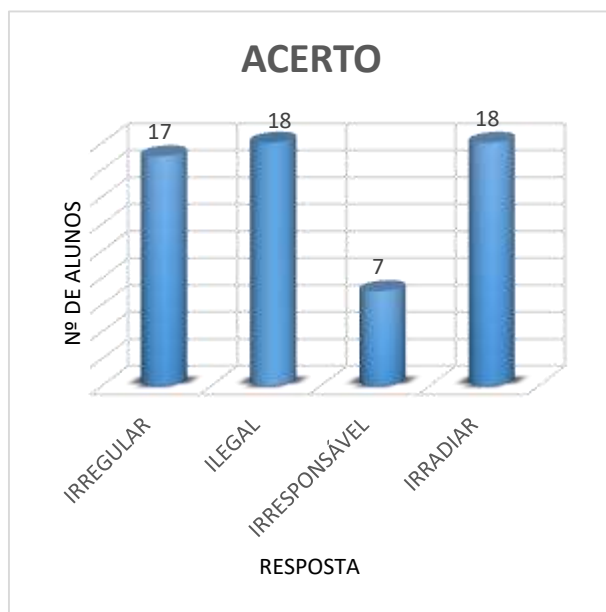


Gráfico 59: Nº de acertos da questão 2 do teste de saída



Gráfico 60: Nº de erros da questão 2 do teste de saída

Observando os gráficos, e considerando que as palavras alvo são exemplares que mais apresentaram ocorrência de nasalização na escrita, podemos afirmar que para o grupo em análise os resultados são muito relevantes. Chamam atenção a redução da incidência de nasalização em ‘irregular’, palavra que mais apresentou variação na escrita. Notem, que as palavras selecionadas apresentam a mesma estrutura, ou seja, prefixo {i-} + radical da palavra.

As palavras que tinham a mesma estrutura das palavras em análise, eram frequentemente nasalizadas na escrita dos alunos, antes de serem submetidos ao jogo. Estas palavras quando nasalizadas, recebiam uma consoante nasal porque o uso do prefixo {in-} era generalizado.

Das palavras listadas, apenas a palavra “irresponsável” manteve alto índice de nasalização na escrita, dos 22 alunos que responderam à atividade, quinze ainda consideram que a forma ‘inrrresponsável’ é correta.

Este percentual alto nos inquietou, e analisando melhor a palavra ‘irresponsável’, percebemos que há nela outro contexto que propícia a nasalização que é a presença de

uma consoante nasal na sua estrutura. E esta consoante nasal, associada à variação linguística do falante, poderia estar motivando a nasalização desta palavra na escrita.

Apesar de o jogo não ter sido eficaz para diminuir a incidência de erro nesta palavra, considerando o contexto geral, confirmamos para os casos de generalização do prefixo {in-} que os resultados superaram as nossas expectativas.

A 3ª e 4ª questão apresentam o mesmo tema, o reconhecimento de vogais nasais, por isso, analisamos as duas ao mesmo tempo.

O comando da 3ª questão pede que o aluno leia as palavras relacionadas e circule aquelas que apresentam vogal nasal. Já a 4ª questão, orienta que os alunos retornem a questão anterior e identifique as palavras que apresentam duas vogais nasais.

As palavras selecionadas para estas duas questões estão listadas a abaixo:

amora	antigamente	escola	namorado	inveja	hoje
adoçante	bicicleta	igualdade	encantado		

Antes de responder às questões, os alunos foram orientados a ler as palavras com atenção e só depois assinalar aquelas em que eles identificaram presença de vogal nasal.

Os resultados dos alunos nas questões estão nos gráficos de nº 60 e 61.



Gráfico 61: N.º de acertos da questão 3 do teste de saída

As palavras alvo destas questões são *antigamente*, *encantando*, *inveja* e *adoçante*. O objetivo dessas duas questões é verificar se os alunos sentem dificuldade de reconhecer nasais no texto. Esperava-se, na 3ª questão, que todas as palavras alvo fossem reconhecidas. Ao observar o gráfico de nº61, que se refere à resposta dos alunos na 3ª questão, percebemos que apenas a palavra '*encantado*' foi reconhecida por 21 alunos, ou seja, por quase toda turma, apenas 1 aluno não selecionou esta palavra. Os alunos selecionaram mais de uma palavra e apenas 7 selecionaram as quatro palavras alvo.

Para responder a 4ª questão, os alunos deveriam selecionar as palavras que apresentavam mais de uma vogal nasal. Esperava-se que os alunos reconhecessem a

presença dessas vogais nas palavras *antigamente* e *encantado*. No gráfico de nº62 estão os dados dos alunos para a 4ª questão.

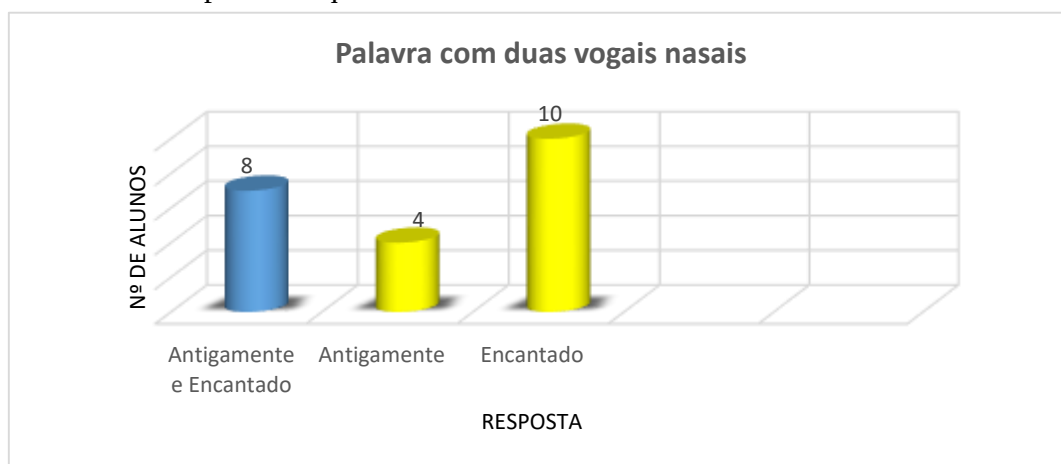


Gráfico 62: Percentual de acertos da questão 4 do teste de saída

Para melhor explicar os dados do gráfico, assinalamos com a cor azul o total de alunos que reconheceram que há em *antigamente* e *encantado* duas vogais nasais. O total de alunos que selecionaram apenas uma das palavras está assinalado de amarelo, neste caso, estamos considerando que o aluno acertou parcialmente.

Dos 22 alunos, 8 alunos identificaram as duas palavras alvo da questão, 4, reconheceram em *antigamente* e 10 em *encantado*. Para o que se propôs a questão, consideramos satisfatórios os resultados das duas questões.

5ª Questão:

Além de reduzir problemas na escrita motivados pela presença de nasalização na escrita, este estudo também se propôs a ajudar os alunos a firmarem a regra do ‘m’ antes de ‘p’.

Na 5ª questão, analisamos se o jogo foi eficiente para o ensino do uso da regra do ‘m’ antes de ‘p’ e ‘b’. O comando da questão pedia que os alunos completassem as lacunas das palavras usando ‘m’ ou ‘n’ e em seguida explicasse por que usam ‘m’ ou ‘n’ para preencher as lacunas.

Esperávamos que os alunos reconhecessem os contextos de uso de cada consoante e justificassem sua resposta mencionado a regra do ‘m’ antes de ‘p’ e ‘b’. As palavras selecionadas para a questão seguem abaixo.

- | | |
|---------------|------------|
| a) Ca__didato | me__tiroso |
| b) Bo__dade | ca__tor |
| c) ta__bor | ja__bo |
| d) li__peza | aca__par |
| e) mu__do | mere__da |

Podemos observar as respostas dos alunos para esta questão no gráfico de nº 63.

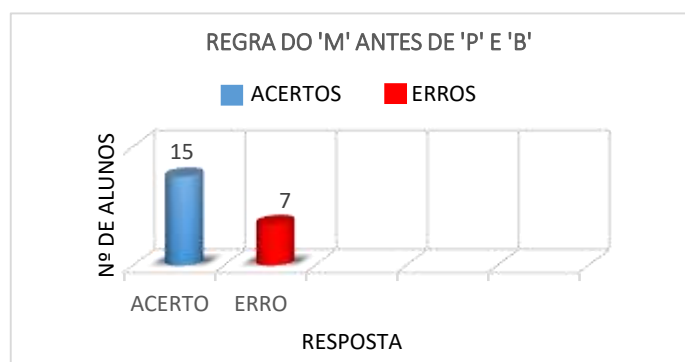


Figura 63: Números de acertos e erros na questão 5 do teste de saída

Observando o percentual de acertos e erros dos alunos no gráfico, podemos considerar que, mais da metade da turma respondeu corretamente à questão. Na análise da atividade foi considerado acerto as questões que não apresentaram troca de nasais e que citou a regra como explicação e erro aquelas que mostraram transgressão da regra.

Achamos relevantes os resultados encontrados. Antes do jogo os alunos não sabiam dizer a regra e os dados das atividades mostram que eles já a reconhecem.

6ª Questão: Nesta questão retomamos o tema nasalização na escrita. Propomos nesta questão que os alunos reconheçam as palavras que recebem indevidamente um ‘N’ e as escreva na forma correta.

As palavras alvo desta questão são *infância*, *irresponsável*, *independente*, *injusto*, *inxame*, *indiotice*, *indentidade*. As palavras foram escritas na sua forma nasalizada para que os alunos identificassem aquelas que receberam o ‘N’ indevidamente.

Esperávamos que os alunos reconhecessem as palavras ‘*irresponsável*’, ‘*inxame*’, ‘*indiotice*’ e ‘*indentidade*’ como erradas. As respostas dos alunos estão registradas no gráfico de nº64.



Gráfico 64: Nº de acertos da questão 6 do teste de saída

Os dados do gráfico de nº 64 são muito significativos. Nele notamos que palavras como ‘*identidade*’ e ‘*indiotice*’ que nas atividades anteriores apareciam nasalizadas, aqui aparecem como aquelas que os alunos mais identificaram o erro de grafia. É importante salientar que, além de reconhecer que a palavra estava incorreta, os alunos a corrigiram na escrita. Isto mostra que para essas palavras o jogo foi muito eficiente.

Outro dado nos chama atenção no gráfico de nº64, a palavra que os alunos menos reconheceram como errada é justamente a palavra ‘*irresponsável*’ que foi analisada aqui na 2ª questão. Consideramos na análise anterior desta palavra que a nasalização recorrente poderia se justificar pela presença da consoante nasal que aparece na terceira sílaba da palavra.

Analisando novamente esta palavra e olhando para os dados encontrados nos gráficos das duas questões podemos considerar também que a presença da palavra aqui na 6ª questão talvez tenha induzido o aluno ao erro na 2ª questão.

Esta atividade foi proposta com o objetivo de verificar a eficácia do jogo *Batalha Nasal* e se os objetivos do jogo de reduzir as implicações da fala na escrita, motivada pela presença de nasalidade na escrita, propiciando a redução dos erros ortográficos foram alcançados. Observando os resultados destas atividades, podemos afirmar que o jogo *Batalha Nasal* é um objeto de aprendizagem que trouxe resultados muito positivos.

3.3 Considerações Finais

Após ter apresentado os resultados do desempenho dos alunos na ação pedagógica desenvolvida com o uso do *Batalha Nasal*, consideramos importante, retomar os principais aspectos deste trabalho.

Tratamos, neste estudo, de uma interferência da fala na escrita, identificada pela presença de nasalização na grafia de alunos do 7º ano do Ensino Fundamental II. Entendendo que o processo de nasalização é próprio da fala, passamos a considerar que o aparecimento de uma consoante nasal na escrita dos alunos poderia estar sendo motivado pela transferência da nasalização da fala para a escrita.

No início, uma das hipóteses para essa ocorrência seria o alongamento de vogais, mas consideramos que era preciso investigar ainda mais a fundo que fatores estariam propiciando esse alongamento, uma vez que apesar de frequentes nos segmentos vizinhos sonoros, estes pareciam não ser os únicos que influenciavam o aparecimento de nasais.

Para encontrar, então, esses outros fatores elaboramos duas atividades de sondagens com questões que apresentavam exemplares de palavras que já eram nasalizadas na fala e aplicamos em duas turmas de 7º ano. As análises dessas duas atividades confirmaram nossa hipótese de que havia outros fatores influenciando esse aparecimento da consoante nasal e mostraram que há exemplos de nasalização por assimilação de contextos vizinhos, por generalização do uso do prefixo {in-}.

Os contextos encontrados foram discutidos e retomados ao longo desse relatório. Apesar disso, é importante frisar que o fator que possibilita que todos os outros se realizem é, de fato, a variedade linguística do falante, ou seja, se a nasalização não acontece na fala, dificilmente, acontecerá na escrita.

Além da nasalização na escrita, motivada pela inserção de uma consoante nasal nos contextos apresentados, nós tratamos também, nesse estudo, do uso da regra do ‘m’ antes de ‘p’ e ‘b’. As análises das atividades de sondagem também revelaram que os alunos ainda não tinham firmado a regra do ‘p’ e ‘b’. Neste caso, consideramos que os alunos ainda não tinham desenvolvido a consciência fonológica para o ponto de articulação das consoantes bilabiais.

Assim, para reduzir a presença de erros ortográficos motivados pela presença de nasalização na escrita e pelas trocas de nasais, desenvolvemos o jogo *Batalha Nasal*.

O uso deste jogo como atividade pedagógica, além do progressivo desempenho dos alunos nas atividades, contribuiu para o esclarecimento da diferenciação entre a fala e a escrita. Além disso, esclarecer que diferença não é sinônimo de correção da fala, mas sim de mostrar que na escrita a língua se realiza de outras formas.

Por isso, durante todo o processo de criação e aplicação do *Batalha Nasal*, a variação linguística do aluno foi respeitada, pois não havia intenção de fazer uma correção na fala, mas sim, na grafia das palavras.

Por tudo isso, conclui-se que é possível ensinar e aprender quando o processo de aprendizagem envolve ações que motivam e envolvem alunos e professores.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Bernadete M. (Org) **Gramática do português culto falado no Brasil**: a construção fonológica da palavra. São Paulo: Contexto, 2013

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. **Sete erros aos quatro ventos**: a variação linguística no ensino de português. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**: A sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. **Nós chegamos na escola, e agora?** Sociolinguística & Educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

_____. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____; OLIVEIRA, Tatiana de. Corrigir ou não variantes não padrão na fala do aluno? In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris, MACHADO, Veruska Ribeiro (Org). **Os doze trabalhos de Hércule**: do oral para o escrito. São Paulo: Parábola, 2013.

_____. **Por que a escola não ensina gramática assim?** São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**: Língua Portuguesa. Brasília, DF: MEC/ SEF, 1997.

BISOL, Leda. Fonologia da nasalização. In: ABAURRE, Maria Bernadete M. (Org) **Gramática do português culto falado no Brasil**: a construção fonológica da palavra. São Paulo: Contexto, 2013. p.113-124

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Elementos de fonética do Português Brasileiro**. São Paulo: Paulistana, 2007.

CÂMARA Jr, Joaquim Mattoso. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CRISTÓFARO-SILVA, Tatiana. **Fonética e Fonologia do português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

FREITAG, Raquel Meister Ko; LIMA, Geralda de Oliveira Santos. **Sociolinguística**. UFS/CESAD, 2010. Disponível em:
<www.cesadufs.com.br/ORBI/public/.../18534216022012Sociolinguistica_Aula_1.pdf>
. Acesso em: 13 jan. 2017.

FREITAS, Gabriela Castro Menezes. Sobre a Consciência Fonológica. In: LAMPRECHT, R.R (Org.) **Aquisição Fonológica do Português: perfil de desenvolvimento e subsídios para a teoria**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2004. p.179-183.

KOCK, Ingedore Villaça, ELIAS, Vanda. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. 2. ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

LAMPRECHT, R.R (Org.) **Aquisição Fonológica do Português: perfil de desenvolvimento e subsídios para a teoria**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2004.

LEAL, Telma Ferraz. (Org.) **Jogos de Alfabetização**. 2009. Disponível em: <http://www.plataformadoletramento.org.br/.../20140210152238-mec_ufpe_manual_de_jogos>. Acesso: em 01 de agosto de 2017.

LOPES, Flavia. **O desenvolvimento da consciência fonológica e sua importância para o processo de alfabetização**. Psicologia Escolar e Educacional, v. 8, n. 2, p. 241-243, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 26 dez.2016.

MARCUSCHI, Luiz; DIONISIO, Ângela Paiva (Org.) **Fala e escrita**. 1 ed., 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARCUSCHI, Luiz. **Fala e Escrita: Uma visão não dicotômica**. Revista do GELNE, Vol. 3, Nº 1, p.1-7, 2001. Disponível em <<https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9178>> Acesso em: 26 dez.2016.

MORAES, José Antônio. Produção e percepção das vogais nasais. In: ABAURRE, Maria Bernadete (Org.) **Gramática do português culto falado no Brasil: a construção fonológica da palavra**. São Paulo: Contexto, 2013. p.95-112.

PACHECO, Vera. et.al. Realizações das vogais médias abertas no dialeto de Vitória da Conquista-BA. In: FONSECA-SILVA, Maria da Conceição; PACHECO, Vera; SILVA, Edvania Gomes. **Pesquisa em Estudos da Linguagem III**. Vitória da Conquista: Edições: UESB, 2007. p. 87-92

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas-SP: Mercado das Letras, 1996p

ROIPHE, Alberto (Org.) **Literatura em jogo: proposições lúdicas para aulas de português**. Aracaju: Criações, 2007

SEARA, Isabel Chistine; NUNES, Vanessa Gonzaga; VOLCÃO, Cristiane Lazzarotto. **Para conhecer fonética e fonologia do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015.

SEARA, Izabel Chistine. **Estudo Acústico-Perceptual da Nasalidade das Vogais do Português Brasileiro**. 2000. 288 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2000.

SIMÕES, Darcília. **Considerações sobre a fala e a escrita: fonologia em nova chave**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

SCLIAR-CABRAL, Leonor. **Princípios do sistema alfabético do português do Brasil.** São Paulo: Contexto, 2003.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa.** Tradução Celso Cunha. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

APÊNDICE

APÊNDICE A – TESTE DE SONDAGEM I

TESTE DE SONDAGEM 1

Objetivo: Observar a presença de nasalização na escrita dos alunos.

Material:

- Folha de ofício.
- Lápis
- Lista com as pistas.

Orientações de aplicação:

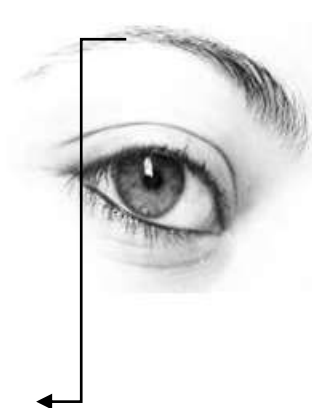
- Distribua as folhas de ofício aos alunos.
- Explique aos alunos que serão ditadas 13 pistas e que eles devem anotar as respostas de cada uma na folha que recebeu.
- Leia as pistas para os alunos.
- Peça que os alunos coloquem o nome na folha após o término da atividade.

PISTAS/ CHARADAS	PALAVRA ALVO
É o contrário de diferente.	IGUAL
Dois é um número par, três é número?	IMPAR
É o contrário de regular.	IRREGULAR
Aquele que brinca, está?	BRINCANDO
O mesmo que vencedor.	CAMPEÃO
É o contrário de pouco.	MUITO
O que o termômetro mede?	TEMPERATURA
Começa com 'q' e é o contrário de frio.	QUENTE
É aquele que mendiga.	MENDIGO
O político que concorre a um cargo na eleição.	CANDIDATO
Fogos que soltamos no São João e tem menos de sete letras.	BOMBA
Local da casa onde fica o fogão.	COZINHA
Objeto usado para limpar as orelhas.	COTONETE

APÊNDICE B – TESTE DE SONDAGEM II

TESTE DE SONDAGEM 2

- 1) Observe as imagens abaixo e escreva a palavra correspondente a cada uma delas:



- 2) Leia as palavras abaixo, escreva C para aquelas que estão escritas corretamente e I para aquelas que estão incorretas.

- a) () Reinvindicar
- b) () Reivindicar
- c) () Engajamento
- d) () Enganjamento
- e) () Itinerário
- f) () Intinerário
- g) () Lagartixa
- h) () Largatixa
- i) () Carangueijo
- j) () Caranguejo
- k) () Estripulia
- l) () Estripolia
- m) () Irradiar
- n) () Inrradiar
- o) () Indiotice
- p) () Idiotice
- q) () Espingarda
- r) () Inspingarda

- 3) Leia as pistas e descubra a palavra

- a) Aquilo que não tem fim _____
- b) Primeiro período do dia _____
- c) O que os príncipes dos contos de fadas são _____
- d) Nomes dados a macaxeira _____
- e) Aquele que não raciocina _____
- f) Serve para adoçar, mas não é açúcar _____
- g) Contrário de igualar _____
- h) Contrário de pouco _____

APÊNDICE C – TESTE DE SAÍDA

TESTE DE SAÍDA

- 1) Escreva o nome das profissões representadas nos desenhos abaixo.



- 2) Complete as lacunas abaixo usando os prefixos IN ou I de forma adequada.

- | | |
|-----------------|-----------------|
| a) ____rregular | ____responsável |
| b) ____maturo | ____coerente |
| c) ____legal | ____justiça |
| d) ____correto | ____rradiar |
| e) ____formal | ____definido |

- 3) Leia as palavras abaixo e circule aquelas que apresentam vogal nasal.

castelo amora antigamente escola namorado
 inveja hoje adoçante bicicleta igualdade encantado

- 4) Retire da lista de palavras da questão anterior as palavras que apresentam duas vogais nasais.

- 5) Nós sabemos que o M e o N são duas consoantes nasais. Sabendo disso, complete as lacunas das palavras em que devemos usar o M. Explique sua resposta.

EXPLICAÇÃO

- | | |
|---------------|------------|
| a) Ca__didato | me__tiroso |
| b) Bo__dade | ca__tor |
| c) ta__bor | ja__bo |
| d) li__peza | aca__par |
| e) mu__do | mere__da |

- 6) Na lista abaixo algumas palavras receberam indevidamente um N. Encontre essas palavras e escreva sua forma correta.

infância irresponsável independente injusto inxame indiotice
 indentidade

APÊNDICE D – FICHA DE ACOMPANHAMENTO DO JOGO

FICHA E ACOMPANHAMENTO DO JOGO BATALHA NASAL

PARTICIPANTE:

CATEGORIA: LINGUAGEM

[illegible]

CATEGORIA: CULTURA
SERGIPANA

[illegible]

CATEGORIA: ENTRETENIMENTO

[illegible]

ESCRITA DO ALUNO:

COMENTÁRIOS:

APÊNDICE E – TUTORIAL DO JOGO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE

TUTORIAL

JANDIRA CRAVO BARBALHO NETA



Amigo, professor (a)

Se você encontrasse nos textos dos seus alunos as palavras ‘cunzinha’ e ‘ingual’, o que faria? Como explicaria para eles que na fala se trata de diferenças e não de erros. E na escrita? Como você explicaria?

Sabemos que a realidade linguística brasileira é diversificada, falamos o mesmo idioma, mas em cada canto desse imenso país os falantes dão coloridos diferentes a essa língua e assim ela segue variando.

Um dos maiores desafios enfrentados nas aulas de língua portuguesa é ensinar alunos a não cometer desvios ortográficos sem que para isso seja preciso encher um quadro inteiro de regras gramaticais.

Se não buscamos estratégias que facilitem esse processo, continuamos usando a mesma prática de repetir exercícios ortográficos sem obter êxito. Mas, “o erro ortográfico também é muito elucidativo porque permite ao professor perceber a interferência dos traços orais da fala do aluno na sua escrita.” (BORTONI-RICARDO E OLIVEIRA 2013, p. 56).

O jogo *Batalha Nasal*, que apresentaremos aqui, é o resultado de um estudo que analisou e fez reflexões sobre a presença de nasalização na escrita de palavras como ‘cunzinha’ e ‘ingual’, considerando que tais erros ortográficos estavam sendo motivados pela interferência da oralidade na escrita.

Após atestar esta interferência, desenvolvemos o *Batalha Nasal*, um jogo de ação que tem o propósito de reduzir problemas de defasagem na escrita dos alunos e ajudá-los a firmar a regra do ‘m’ antes de ‘p’ e ‘b’.

Mas por que desenvolver um jogo? Nossa decisão de trabalhar com o jogo em sala de aula foi motivada, não apenas pela ludicidade proporcionada por ele, mas para atender uma prática comum dos alunos que formaram o público alvo desta pesquisa de usar jogos para se divertir nos intervalos das aulas.

Consideramos, então, que uma prática da rotina dos alunos poderia servir como objeto de aprendizagem e contribuir com o ensino, proporcionando aprendizagem e diversão simultaneamente.

Considerando-se as possibilidades de comparação entre um jogo e uma aula, pode-se observar que os limites de tempo e de espaço de um jogo podem coincidir, perfeitamente, com a inteireza de uma aula, que ocorre dentro de um tempo e de um espaço determinado. (ROIPHE 2017, p. 12)

Este jogo nasceu dentro da sala de aula e atende aos propósitos do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) de criar um objeto de aprendizagem que pudesse ser replicado por outros professores e colaborar com o desenvolvimento de práticas pedagógicas que visam o bom desempenho dos alunos.

Este tutorial tem o objetivo de apresentar, de forma simples, as estratégias que devem ser usadas nas partidas do *Batalha Nasal*.

Esperamos que este jogo colabore com suas atividades em sala de aula.

Um abraço! Bom jogo!

BATALHA NASAL

APRESENTAÇÃO DO JOGO

Este é o tutorial do *Batalha Nasal*, um jogo de ação desenvolvido para auxiliar o processo de aprendizagem de alunos que apresentem na escrita palavras nasalizadas pela inserção de uma consoante nasal em contextos que acarretam erros ortográficos, mas também para dar uma mãozinha no ensino da regra do 'm' antes de 'p' e 'b'.

Neste jogo os participantes percorrem uma pista que os conduzem para a entrada de uma montanha em formato de nariz, mas para chegar até ela, precisam se desafiar numa batalha do conhecimento e responder corretamente as perguntas que vão surgindo ao longo da partida.



Figura 11: Imagem do tabuleiro do jogo Batalha Nasal

As peças do jogo são um tabuleiro, cartas de perguntas, cartas de respostas, cartas de ajuda, quatro cubos que são usados como piões e dados.

No *Batalha Nasal*, as perguntas do jogo estão distribuídas em cartas que se diferenciam pela categoria (*linguagem, cultura sergipana e entretenimento*) e pelas cores (laranja, amarelo e marrom).



Figura 12: Exemplos das cartas das categorias linguagens, cultura sergipana e entretenimento.

Esclarecemos que antes de elaborar as perguntas das cartas, listamos as características mais representativa de cada categoria e definimos os critérios que seriam usados na formulação de cada pergunta. Chegamos, então aos seguintes critérios:

As perguntas de *Linguagem* deveriam evidenciar os aspectos fonético-fonológicos da linguagem, o uso das variantes linguísticas presente na fala sergipana, que estão propiciando a nasalização de algumas palavras, além de possibilitar por meio da consciência fonológica que o aluno reconhece a regra do 'm' antes do 'p' e 'b'.

As perguntas de *Cultura Sergipana*, considerou as informações sobre a culinária, folclore e principais festejos da região que são reconhecidos pelos alunos. Já as de *Entretenimento*, levaram em conta as músicas, os esportes e os programas de televisão que fazem parte do universo do público alvo.

Mas, você, professor (a), pode elaborar outras perguntas seguindo critérios que atenda a realidade da sua turma, principalmente no que diz respeito a categoria *Cultura Sergipana*. As perguntas desta categoria podem ser substituídas por outras que representem a cultura local do público alvo do jogo.

Um aspecto interessante nesse jogo é a possibilidade dos alunos, na categoria *linguagens*, perceber que os sons nasalizados de uma palavra não têm sua representação equivalente na escrita.

Assim, enquanto os alunos refletem sobre os segmentos sonoros das palavras, também são estimulados a refletir sobre a sua forma escrita. O professor, que é o mediador da situação de jogo, pode, utilizando as cartas, chamar a atenção para essas diferenças na fala e na escrita.

Veja todas as peças do *Batalha Nasal* na imagem abaixo.



Figura 13: Imagens das peças do jogo Batalha Nasal

O jogo pode ser jogado por até quatro participantes. No caso de uma aplicação do jogo com o propósito de coletar dados para análises posteriores, as partidas entre dois alunos batalhando um contra o outro, são mais indicadas.

É importante que a escolha dos alunos que vão ser opositores na partida não seja uma imposição do professor, mas que seja feita em parceria com os alunos.

O professor pode perguntar se eles preferem um sorteio ou se querem, eles mesmos, escolher quem irão desafiar. Essa atitude é colaborativa já prepara a turma para o clima da competição.

O objetivo do jogo é alcançar a linha de chegada com o maior número de pontos e para ganhá-los é preciso acertar as perguntas que aparecem na carta de cada categoria.

Já os objetivos de aprendizagem, visam diminuir os erros ortográficos que são ora motivados, ora mascarados pela oralidade, levar os alunos a perceberem que nem toda propriedade da fala pode ser representada na fala, desenvolver a consciência fonológica e firmar a regra do /m/ antes de /p/ e /b/.

Por fim, desejamos que você, professor (a), realize muitas partidas do *Batalha Nasal* com seus alunos e esperamos que este material colabore com suas atividades pedagógicas.

PREPARANDO O JOGO

Vamos imprimir o jogo!!!!

Uma característica importante em um jogo é o seu aspecto visual. Para, então, manter a qualidade visual do *Batalha Nasal*, faça a impressão do tabuleiro, das cartas e dos cubos em papel de boa qualidade, como por exemplo, em papel coucher alto brilho.



SUGESTÕES AO PROFESSOR:

Professor (a), depois de algum tempo e devido ao manuseio frequente, o tabuleiro e as cartas impressos em papel podem se danificar, por isso, é aconselhável plastificá-los. Caso queira ter um tabuleiro mais duradouro, faça a impressão em lona usada para banner. O custo é maior, mais a durabilidade também.

As cartas do jogo estão organizadas em um documento único, por isso, depois de imprimir você terá que recortar cada uma das cartas.



Figura 14: Imagem das cartas de linguagens

O jogo tem quatro cubos de cores diferentes (rosa, verde, lilás e preto). Para montá-los você vai precisar da cópia impressa dos modelos dos cubos, tesoura e cola branca. Leia o passo a passo a seguir.

1. Imprima o documento com a imagem dos quatros cubos.
2. Recorte o modelo do cubo com uma tesoura.
3. Dobre primeiro todas as abas das extremidades, em seguida dobre no local marcado pelas linhas pontilhadas.
4. Tente montar o cubo antes colocar cola para perceber onde encaixam as abas. Depois cole.

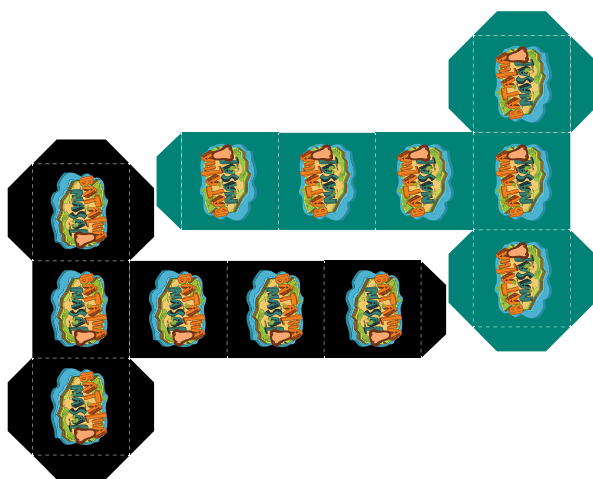


Figura 16: Imagem dos cubos antes de ser montado



Figura 15: Imagem dos cubos depois de montado



SUGESTÕES AO PROFESSOR:

Professor (a), você também pode fazer os piões do jogo com tampinhas de garrafa pet ou refrigerante. Escolha quatro tampinhas de cores diferentes e cole a logomarca do jogo para personalizar.



Figura 17: Imagens da sugestão de peões do jogo

Como jogar o Batalha Nasal

O *Batalha Nasal* é um objeto de aprendizagem que contempla três categorias de perguntas: *Linguagem*, *Cultura Sergipana* e *Entretenimento*. Antes de iniciar a partida, é necessário organizar as peças do jogo (tabuleiro, cartas de perguntas, cartas de respostas, carta de ajuda, cubos e dados) em cima de uma superfície plana que pode ser uma mesinha ou o birô do professor.



Figura 18: Imagem da arrumação do jogo

As cartas devem ser separadas de acordo com as categorias que representam e colocadas ao lado do tabuleiro em um lugar que os alunos possam manuseá-las durante o jogo. As cartas de ajuda são entregues aos jogadores antes do início da partida, eles podem usá-la em qualquer momento do jogo.

Durante o jogo, o professor atua como mediador da partida, logo compete a ele as ações de ler as regras do jogo, conduzir o sorteio que decide que jogador vai iniciar a partida e fazer a leitura das cartas de respostas.

Sobre a leitura das perguntas, consideramos importante que seja feita pelo aluno, pois ler e compreender são atividades que fazem parte do nosso cotidiano, e é preciso tornar o ato de ler uma atividade da rotina dos alunos.

Início do jogo

O jogo começa com o lançamento do dado. O jogador que venceu o sorteio que definiu quem começaria o jogo lança o dado e caminha pela pista o número de casas que corresponde ao número indicado na face do dado que aparece na virada para cima. Por exemplo, se o dado mostra o número 6, o jogador andará seis casas.



Figura 19: lançamento do dado

Escolha da palavra

Após andar até a casa correspondente ao número, o participante pega no baralho da categoria correspondente uma carta. Considere que ele andou as seis casas do exemplo anterior. A sexta da casa do tabuleiro pertence a categoria linguagem, assim, o jogador deve pegar uma carta dessa categoria e fazer a leitura da pergunta.

Ações possíveis

Depois da leitura da carta o jogador pode:

- Responder à pergunta
- Usar umas das opções da carta de ajuda. Esta carta pode ser usada apenas duas vezes durante toda a partida. A decisão de usá-la é do participante.

Opções da carta de ajuda:

- Escolher outra carta da mesma categoria.
- Eliminar uma resposta errada.

Respondendo à pergunta:

O jogador ler a pergunta da carta e pode logo em seguida falar a resposta. Caso o aluno solicite, o professor pode ler a carta para ele.

Ações possíveis:

- **Acerto:** Tem o direito de jogar o dado mais uma vez e acumula a pontuação correspondente a categoria. *Linguagem* vale 20 pontos, *Cultura Sergipana* 10 pontos e *Entretenimento* 5 pontos
- **Erro:** Perde a vez de jogar. Não acumula ponto.



Figura 20: Jogador lendo a pergunta

É importante lembrar que é o professor quem ler a carta de resposta e declara o acerto ou erro da pergunta.

Declarando o vencedor

A dinâmica do jogo se resume nas ações de lançar o dado, pegar, ler e responder a pergunta de uma categoria. Essa dinâmica se repete até que um dos jogadores alcance a linha de chegada.

O jogador que alcance primeiro a linha de chegada é declarado o vencedor e a partida é encerrada.

APÊNDICE F – MANUAL DO JOGO

**REGRAS****COMPONENTES**

- 50 cartas de Linguagens
- 50 respostas de Linguagens
- 30 cartas de Cultura Sergipana
- 30 respostas Cultura Sergipana
- 26 cartas de Entretenimento
- 26 respostas de Entretenimento
- 2 cartas de ajuda
- 1 Tabuleiro
- 4 cubos – peões
- 2 dados

NÚMERO DE JOGADORES

Batalha Nasal pode ser jogado por 2 a 4 jogadores.

OBJETIVO DO JOGO

Os jogadores devem chegar até a entrada da montanha nariz, mas para isso devem acertar as perguntas das cartas sorteadas durante a partida até alcançar a linha de chegada.

CORES DAS CATEGORIAS E PONTUAÇÃO

Linguagens: laranja – 20 pontos.

Cultura Sergipana: amarelo – 10 pontos.

Entretenimento: marrom – 5 pontos

PREPARAÇÃO DO JOGO

Arrume as cartas por categoria.

As cartas de perguntas e as de respostas ficam em lados opostos no tabuleiro.

Coloque os peões e os dados também ao lado do tabuleiro.

Os jogadores escolhem o peão com o qual irá jogar.

COMO JOGAR

1. Decide-se, por meio de sorteio, quem iniciará a partida. O sorteado começa o jogo lançando o dado, em seguida avança o número de casas equivalente ao número que saiu no lançamento do dado.

2. O jogador pega uma pergunta de uma das categorias de acordo com a cor da casa que ele parou.

3. O jogador ler em voz alta. Ações que podem acontecer:

- O jogador pode responder à pergunta.

Se acertar a resposta, o jogador ganha os pontos equivalente a categoria e pode jogar mais uma vez o dado e repete as ações 2 e 3.

Se errar, não pontua e perde a vez.

- O jogador pode usar a carta de ajuda.

Trocar a carta sorteadas por outra da mesma categoria.

Pedir para eliminar uma resposta errada quando a pergunta tiver três alternativas.

Obs. A carta de ajuda é um bônus do jogo e o jogador só pode usá-la duas vezes.

VENCEDOR

O primeiro jogador a alcançar a linha de chegada que fica na entrada da montanha nariz será o vencedor.